



John Perkins
Confissões
de um Assassino
Econômico

Cultrix



John Perkins

Confissões de um Assassino Económico

Tradução HENRIQUE AMAT REGO MONTEIRO



EDITORA CULTRIX São Paulo

SUMÁRIO

Prefácio 9

Prólogo 17

PRIMEIRA PARTE: 1963-1971

1	Nasce um Assassino Económico	25
2	"Para o Resto da Vida"	35
3	Indonésia: Lições para um AE	44
4	Salvando um País do Comunismo	47
5	Vendendo a Minha Alma	52

SEGUNDA PARTE: 1971-1975

6	No Papel de Inquisidor	61
7	A Civilização em Julgamento	66
8	Jesus, Visto de Outro Ângulo	71
9	A Oportunidade da Minha Vida	76
10	Presidente e Herói do Panamá	83
11	Piratas na Zona do Canal	88
12	Soldados e Prostitutas	92
13	Conversas com o General	97
14	Entrando num Novo e Sinistro Período da História da Economia	103
15	O Caso da Lavagem de Dinheiro da Arábia Saudita	108
16	Corrompendo e Financiando Osama bin Laden	121

TERCEIRA PARTE: 1975-1981

17	<i>As Negociações sobre o Canal do Panamá e Graham Greene</i>	129
18	<i>O Rei dos Reis do Ira</i>	137
19	<i>Confissões de um Homem Torturado</i>	142
20	<i>A Queda de um Rei</i>	146
21	<i>Colômbia: Pedra Angular da América Latina</i>	149
22	<i>República Americana versus Império Mundial</i>	154
23	<i>O Currículo Enganoso</i>	161
24	<i>O Presidente do Equador Contra as Grandes Companhias Petrolíferas</i>	171
25	<i>Eu Me Demito</i>	176

QUARTA PARTE: 1981 PRESENTE

26	<i>Morte de Presidente no Equador</i>	183
27	<i>Panamá: Outra Morte Presidencial</i>	188
28	<i>A Minha Empresa de Energia, a Enron e George W. Bush</i>	192
29	<i>Eu Aceito um Suborno</i>	198
30	<i>Os Estados Unidos Invadem o Panamá</i>	204
31	<i>O Fracasso dos AEs no Iraque</i>	213
32	<i>O 11 de Setembro e as Suas Consequências para Mim Pessoalmente</i>	220
33	<i>Venezuela: Salva por Saddam</i>	228
34	<i>Equador Revisitado</i>	234
35	<i>Rompendo o Verniz</i>	243
	<i>Epílogo</i>	253
	<i>Histórico Pessoal de John Perkins</i>	258
	<i>Notas</i>	262
	<i>Sobre o Autor</i>	270

PREFÁCIO

"Assassinos económicos" (AEs) são profissionais altamente remunerados cujo trabalho é lesar países ao redor do mundo em golpes que se contam aos trilhões de dólares. Manipulando recursos financeiros do Banco Mundial, da Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), além de outras organizações americanas de "ajuda" ao exterior, eles os canalizam para os cofres de enormes corporações e para os bolsos de algumas famílias abastadas que controlam os recursos naturais do planeta. Entre os seus instrumentos de trabalho incluem-se relatórios financeiros adulterados, pleitos eleitorais fraudulentos, extorsão, sexo e assassinato. Eles praticam o velho jogo do imperialismo, mas um tipo de jogo que assumiu novas e aterradoras dimensões durante este tempo de globalização. Eu sei do que estou falando; eu fui um AE.

Escrevi este texto em 1982 como as palavras iniciais para um livro ao qual atribuí o título provisório de *Conscience of an Economic Hit Man*.¹ * O livro era dedicado aos presidentes de dois países, homens que haviam sido meus clientes, a quem eu respeitava e considerava como consciências semelhantes à minha — Jaime Roídos, presidente do Equador, e Ornar Torrijos, presidente do Panamá. Ambos acabavam de morrer em desastres aéreos. A morte deles não foi acidental. Eles foram assassinados porque se opunham àquela fraternidade de chefes de corporações, de governos e de bancos cuja meta é o império mundial. Nós, os AEs, fracassamos no nosso trabalho de cooptar Roídos e Torrijos, e os outros tipos de matadores, os chacais a serviço da CIA que vinham imediatamente depois de nós, entraram em ação.

Fui persuadido a parar de escrever este livro. Retomei a redação dele ainda umas quatro vezes nos vinte anos seguintes. A cada ocasião, a minha decisão de recomeçar era influenciada pelos acontecimentos mundiais no momento: a invasão americana do Panamá em 1989, a primeira Guerra do Golfo, a Somália, o surgimento de Osama bin Laden. No entanto, as ameaças ou os subornos convenciam-me a parar.

Em 2003, o presidente de uma importante editora americana subsidiária de uma poderosa corporação internacional leu o rascunho do que agora se tornou *Confissões de um Assassino Económico*. Ele o classificou como "uma história emocionante, que precisa ser contada". Então ele deu um sorriso triste, abanou a cabeça e me disse que, se os executivos da sede mundial da empresa fizessem alguma objeção, não poderia assumir os riscos de publicar a obra. Aconselhou-me a transformá-la em obra de ficção. "Poderíamos promover a sua imagem nos moldes de um romancista como John Lê Carré ou Graham Greene."

Mas esta história não é ficção. É a história verdadeira da minha vida. Outro editor, mais corajoso, não subordinado a uma corporação internacional, concordou em me ajudar a contá-la.

Esta história *precisa* ser contada. Vivemos em uma época de crises terríveis — e de enormes oportunidades. A história deste assassino económico em particular é a história de como chegamos ao ponto onde estamos e por que atualmente deparamos com crises que parecem insuperáveis. Esta história precisa ser contada porque só depois de compreender os nossos erros no passado seremos capazes de aproveitar as oportunidades que surgirem no futuro; porque o 11 de Setembro aconteceu e também a segunda guerra no Iraque; porque além das 3 mil pessoas que morreram no 11 de Setembro de 2001, pelas mãos de terroristas, outras 24 mil morreram de fome e causas semelhantes. Na verdade, 24 mil pessoas morrem a cada dia porque são incapazes de obter o alimento necessário para o seu sustento diário.² Mais

¹ : Consciência de um *Assassino Económico*. (N. do T.)

² The United Nations World Food Programme, <http://www.wfp.org/index.asp?section=1> (consultado em 27 de dezembro de 2003). Além disso, a National Association for the Prevention of Starvation calcula que "A cada dia, 34 mil crianças abaixo de 5 anos de idade morrem de fome ou doenças preveníveis resultantes da fome" (<http://www.napsoc.org>), consultado em 27 de

importante ainda, esta história precisa ser contada porque hoje em dia, pela primeira vez na história, uma nação tem a capacidade, o dinheiro e o poder de mudar tudo isso. É a nação em que eu nasci e aquela à qual servi como um AE: os Estados Unidos da América.

O que, afinal, acabou me convencendo a ignorar as ameaças e os subornos?

A resposta breve é que a minha filha única, Jessica, terminou a faculdade e foi viver por conta própria. Quando, há algum tempo, eu disse a ela que estava pensando em publicar este livro e contei-lhe sobre os meus temores, ela comentou: "Não se preocupe, pai. Se eles pegarem você, eu continuo de onde você parou. Precisamos fazer isso em nome dos netos que espero lhe dar algum dia!" Esta é a resposta breve.

A versão mais extensa tem a ver com a minha dedicação ao país em que fui criado, tem a ver com o meu amor pelos ideais expressos pelos Fundadores e Patriarcas desta nação, tem a ver com o meu profundo compromisso com a república americana que hoje promete "vida, liberdade e a busca da felicidade" a todas as pessoas, em qualquer lugar, e também tem a ver com a minha determinação, depois do 11 de Setembro, de não permanecer mais omissa enquanto os AEs transformam essa república num império mundial. Esse é o conceito por trás da versão mais extensa da resposta; o conteúdo que o fundamenta é desenvolvido nos capítulos a seguir.

Esta é uma história verídica. Eu a vivi cada minuto. As visões, as pessoas, os diálogos e os sentimentos que traduzo aqui são todos parte da minha vida. Esta é a minha história pessoal, e ainda assim aconteceu dentro do contexto maior dos acontecimentos mundiais que moldaram a nossa história, trouxeram-nos até o ponto em que nos encontramos hoje e formam o alicerce do futuro dos nossos filhos. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para representar essas experiências, essas pessoas e esses diálogos com a maior exatidão possível. Toda vez que discuto acontecimentos históricos ou recrio diálogos com outras pessoas, faço-o com a ajuda de diversas fontes: documentos publicados; registros e anotações pessoais; materiais diversos colecionados — meus e de outras pessoas que participaram dos acontecimentos; os cinco rascunhos que esbocei anteriormente; e relatos históricos de outros autores, em especial os publicados recentemente e que revelam informações que antes eram classificadas ou não estavam disponíveis por outras razões. As citações são listadas como Notas, no fim do livro, permitindo aos leitores interessados aprofundar-se nesses assuntos.

O meu editor perguntou-me se nos chamávamos mesmo de assassinos económicos^{3*}. Eu lhe garanti que sim, muito embora normalmente apenas pelas iniciais. Na verdade, no dia em que comecei a trabalhar com a minha professora Claudine, em 1971, ela me informou: "A minha missão é transformar você num assassino económico. Ninguém pode saber sobre o seu envolvimento: nem mesmo a sua mulher". Então ela acrescentou num tom mais grave ainda: "Depois que entrar, será para o resto da sua vida". Depois disso, ela raramente usou o nome por extenso; éramos simplesmente AEs.

O papel de Claudine é um exemplo muito interessante da manipulação que está por trás do negócio em que entrei. Bonita e inteligente, ela era altamente eficaz; percebia os meus pontos fracos e os usava da melhor maneira possível em benefício próprio. O trabalho dela e a maneira como o executava exemplifica o grau de sutileza das pessoas por trás daquele sistema.

Claudine movia os pauzinhos quando explicava o que eu seria convocado a fazer. O meu trabalho, dizia ela, era "encorajar os líderes mundiais a tornar-se parte de uma vasta rede de relações de trabalho que promove os interesses comerciais americanos. No final, esses líderes estarão completamente enredados numa teia de débitos que garante a sua lealdade. Podemos manobrá-los como quisermos — para satisfazer as nossas necessidades políticas, económicas ou militares. Eles, por sua vez, sustentam as suas posições políticas oferecendo ao povo parques industriais, usinas energéticas e aeroportos. Os proprietários de empresas de engenharia e construção americanas tornam-se fabulosamente ricos".

Hoje vemos os resultados desse sistema revoltar-se contra a sociedade. Os executivos das nossas mais respeitadas empresas contratam pessoas com base em remunerações que beiram o trabalho escravo para jornadas escorchantes em condições de trabalho desumano em fábricas com as piores condições de trabalho nos

dezembro de 2003). A Starvation.net calcula que "se acrescentássemos as duas formas principais (depois da fome) pelas quais os mais pobres entre os pobres morrem, doenças causadas pela água e AIDS, chegaríamos a um total diário aproximado de 50 mil mortes" (<http://www.starvation.net> , consultado em 27 de dezembro de 2003).

³ Em inglês, *economic hit-man* (EHM). (N. do T.)

países asiáticos. As companhias petrolíferas não fazem outra coisa a não ser bombear toxinas nos rios das florestas tropicais, matando conscientemente pessoas, animais e plantas e cometendo genocídio entre as culturas seculares. A indústria farmacêutica nega medicamentos para salvar as vidas de milhões de africanos infectados com o vírus do HIV. Doze milhões de famílias dentro dos próprios Estados Unidos preocupam-se sobre como obter a próxima refeição.⁴ O setor energético cria uma Enron. O setor administrativo cria uma Andersen. A relação entre a renda de um quinto da população mundial nos países mais ricos e um quinto dos mais pobres passou de 30 para 1 em 1960 para 74 para 1 em 1995.⁵ Os Estados Unidos gastam mais de 87 bilhões de dólares na condução da guerra no Iraque enquanto as Nações Unidas calculam que com menos da metade dessa quantia seria possível água potável, alimentação adequada, saneamento básico e educação elementar para todas as pessoas do planeta.⁶

E nós, os americanos, ainda nos perguntamos por que os terroristas nos atacam.

Alguns poriam a culpa pelos problemas atuais numa conspiração organizada. Eu gostaria que fosse assim tão simples. Os integrantes de uma conspiração poderiam ser localizados e levados a julgamento. Esse sistema, no entanto, é alimentado por algo muito mais perigoso que uma conspiração. É movido não por um pequeno grupo de homens mas por um conceito que se tornou aceito como uma doutrina sagrada: a ideia de que todo o crescimento econômico beneficia a humanidade e que quanto maior o crescimento, mais amplos são os benefícios. Essa crença tem também um corolário: de que as pessoas que são mais bem-sucedidas em estocar os combustíveis do crescimento econômico devem ser exaltadas e recompensadas, ao passo que as que nascem nas margens estão disponíveis à exploração.

Está claro que esse conceito é errado. Sabemos que em muitos países em crescimento econômico beneficia apenas uma pequena parcela da população e pode na verdade resultar em circunstâncias cada vez mais desesperadas para a maioria. Esse efeito é reforçado pela crença do corolário de que os líderes dos setores que impulsionam esses sistemas devam desfrutar de uma posição privilegiada, uma crença que está na base de muitos dos nossos problemas atuais e é talvez também a razão pela qual abundam teorias conspiratórias. Quando homens e mulheres são recompensados pela cobiça, a cobiça torna-se um elemento motivador de corrupção. Quando equiparamos o consumo ávido dos recursos da terra com uma valorização que se aproxima da santidade, quando ensinamos aos nossos filhos a admirar pessoas que levam uma vida de abundância e quando definimos grandes sectores da população como subservientes a uma elite minoritária, estamos procurando problemas. E conseguimos.

No seu esforço para expandir o império mundial, as corporações, os bancos e os governos (coletivamente a *corporatocracia*) usam as suas forças financeiras e políticas para assegurar que as nossas escolas, empresas e meios de comunicação apoiem tanto o seu conceito falacioso quanto o seu corolário. Eles nos levaram a um ponto em que a nossa cultura mundial é uma máquina monstruosa que requer quantias exponencialmente cada vez maiores de combustível e manutenção, de modo que no fim ela terá consumido tudo o que se vê e ficará sem nenhuma escolha a não ser devorar a si mesma.

A corporatocracia não é uma conspiração, mas os seus integrantes adotam valores e metas comuns. Uma das funções mais importantes da corporatocracia é expandir e fortalecer continuamente o sistema e para todo o sempre. A vida daqueles que "fazem acontecer" e os Seus "bens materiais" — as suas mansões, iates e jatos particulares — são apresentados como modelos para nos inspirar a todos a consumir, consumir, consumir. Todas as oportunidades são aproveitadas para nos convencer de que comprar coisas é o nosso dever cívico, que a pilhagem da terra é boa para a economia e, portanto, atende aos nossos mais elevados interesses. As pessoas como eu recebem salários escandalosamente elevados para promover a licitação do sistema. Se falharmos em nosso trabalho, uma forma de matador ainda mais

⁴ Resultados do Departamento de Agricultura americano, publicados pelo Food Research and Action Center (FRAC), <http://www.frac.org> (consultado em 27 de dezembro de 2003).

⁵ Nações Unidas. *Human Development Report*. (Nova York: Nações Unidas, 1999).

⁶ "Em 1998, o United Nations Development Program calculou que custaria 9 bilhões de dólares a mais (acima dos gastos atuais) para oferecer água tratada e esgotos para todas as pessoas do mundo. Custaria 12 bilhões de dólares a mais, disseram, para custear programas de atendimento de saúde da maternidade para todas as mulheres de todo o mundo. Mais 13 bilhões de dólares seriam suficientes não só para dar alimento suficiente a todas as pessoas, mas também tratamento de saúde básico. Com um acréscimo de 6 bilhões de dólares seria possível oferecer educação fundamental para todos... A soma de tudo isso daria 40 bilhões de dólares" — John Robbins, autor de *Diet for a New America* e *The Food Revolution*, <http://www.foodrevolution.org> (consultado em 27 de dezembro de 2003).

maligna, o chagal, entra em cena. E se o chagal falha, então a tarefa recai sobre os militares.

Este livro é a confissão de um homem que, desde o momento em que se tornou um AE, participou de um grupo relativamente pequeno de pessoas. Hoje as pessoas que desempenham tarefas semelhantes são mais numerosas. Elas têm títulos mais eufemísticos e transitam pelos corredores de empresas como a Monsanto, a General Electric, a Nike, a General Motors, a Wal-Mart, e praticamente a grande maioria das outras principais corporações mundiais. Num sentido muito real, *Confissões de um Assassino Económico* é a história tanto minha quanto daquelas pessoas.

É também a sua história, a história do seu mundo e do meu, do primeiro império verdadeiramente mundial. A história nos ensina que a menos que modifiquemos essa história, é certo que o fim será trágico. Os impérios nunca duram para sempre. Todos eles acabam em desastre. Eles destroem muitas culturas à medida que correm para uma dominação cada vez maior, e então acabam por cair. Nenhum país nem uma reunião de países pode subsistir a longo prazo pela exploração dos outros.

Este livro foi escrito para que possamos retomar as rédeas da nossa história e consigamos refazê-la. Estou certo de que, quando um número suficiente de nós tomar consciência de como estamos sendo explorados pela máquina da economia que cria um apetite insaciável pelos recursos mundiais, resultando em sistemas que fomentam a escravidão, não iremos mais tolerá-la. Vamos reassumir o nosso papel num mundo em que uns poucos nadam na riqueza e a maioria chafurda na miséria, poluição e violência. Vamos nos comprometer a tomar o curso em direção à compaixão, à democracia e justiça social para todos.

Admitir o problema é o primeiro passo no sentido de encontrar a solução. Confessar um pecado é o começo da redenção. Que este livro seja, então, o começo da nossa salvação. Que este livro nos inspire a encontrar novos níveis de dedicação e nos leve a *realizar* o nosso sonho de sociedades mais equilibradas e dignas de respeito.

Sem as muitas pessoas cuja vida compartilhei e que serão relatadas nas páginas a seguir, este livro não teria sido escrito. Com elas tenho uma dívida de gratidão pelas experiências e lições.

Além dessas pessoas, agradeço àquelas que me encorajaram a sair do limbo e contar a minha história: Stephan Rechtschaffen, Bill e Lynne Twist, Ann Kemp, Art Roffey, entre tantas outras que participaram das viagens e dos seminários de Mudança do Sonho, especialmente os meus co-facilitadores, Eve Bruce, Lyn Roberts-Herrick e Mary Tendall, além da minha incrível esposa e parceira ao longo de 25 anos, Winifred, e a nossa filha Jessica.

Sou grato a muitos homens e mulheres que contribuíram com ideias e informações sobre os bancos multinacionais, corporações internacionais e opiniões políticas sobre vários países, com um agradecimento especial a Michael Ben-Eli, Sabrina Bologni, Juan Gabriel Carrasco, Jamie Grant, Paul Shaw e muitos outros, que preferem permanecer anônimos mas que sabem quem são vocês.

Depois de concluído o texto original, o fundador da editora Berrett-Koehler, Steven Piersanti, não só teve a coragem de me receber como também dedicou horas incontáveis do seu trabalho brilhante de editor, ajudando-me a preparar e acabar cada vez melhor o livro. Os meus mais profundos agradecimentos a Steven, a Richard Perl, que me apresentaram a ele, e também a Nova Brown, Randi Fiat, Allen Jones, Chris Lee, Jennifer Liss, Lauric Pellouchoud e Jenny Williams, que leram e criticaram o original; a David Korten, que não só leu e criticou o texto, como também me obrigou a fazer acrobacias para atender aos seus elevados e excelentes padrões; a Paul Fedorko, meu agente; a Valerie Brewster, por se encarregar da produção e paginação do livro; e a Todd Manza, meu editor de texto, um artista da palavra e um filósofo extraordinário.

Uma palavra de gratidão especial a Jeevan Sivasubramanian, o gerente editorial da Berrett-Koehler, e a Ken Lupoff, Rick Wilson, Maria Jesus Aguiló, Pat Anderson, Marina Cook, Michael Crowley, Robin Donovan, Kristen Frantz, Tiffany Lee, Catherine Lengronne, Dianne Platner — toda a equipe da BK, que reconhece a necessidade de ampliar as consciências e que trabalha incansavelmente para fazer deste mundo um lugar melhor.

Devo agradecer a todos os homens e mulheres que trabalharam comigo na MAIN e que não sabiam dos papéis que desempenhavam em ajudar os AEs a moldar o império mundial; agradeço especialmente àqueles que trabalharam para mim e com quem eu viajei a terras distantes e compartilhei tantos momentos preciosos.

Também a Ehud Sperling e a sua equipe da Inner Traditions International, editor dos meus primeiros livros sobre culturas indígenas e xamanismo, e aos bons amigos que me colocaram no caminho de me tornar um escritor.

Sou eternamente grato aos homens e mulheres que me acolheram nas suas casas nas selvas, desertos e montanhas, nas cabanas de papelão às margens dos canais de Jacarta, e nas favelas de incontáveis cidades ao redor do mundo, que compartilharam comigo o seu alimento e a sua vida, e que foram a minha maior fonte de inspiração.

John Perkins Agosto de 2004

PRÓLOGO

Quito, a capital do Equador, espalha-se sobre um vale vulcânico no alto da cordilheira dos Andes, a 2.700 metros de altitude. Os habitantes dessa cidade, que foi fundada muito antes da chegada de Colombo às Américas, estão acostumados a ver a neve nos picos ao redor, apesar de viverem a poucos quilômetros ao sul do Equador.

A cidade de Shell, um posto avançado na fronteira e base militar encravada na selva amazônica para servir à companhia petrolífera cujo nome ostenta, é habitada principalmente por soldados, trabalhadores dos poços de petróleo e indígenas naturais das tribos Shuar e Quichua que trabalham para eles como prostitutas e operários.

Para viajar de uma cidade a outra, você deve seguir por uma estrada sinuosa e emocionante. Os habitantes locais dizem que se experimentam ali as quatro estações em apenas um dia.

Embora eu já tenha viajado por essa estrada muitas vezes, nunca canso desse cenário espetacular. De um lado, elevam-se paredões de rocha, pontuados por cascatas e bromélias resplandecentes. No outro lado, a terra despenca abruptamente em profundos abismos onde o rio Pastaza, uma das nascentes do Amazonas, segue serpenteando até os Andes. O Pastaza leva as águas das geleiras do Cotopaxi, um dos maiores vulcões ativos e uma divindade no tempo dos Incas, para o oceano Atlântico por uma distância de mais de 5 quilômetros.

Em 2003, parti de Quito numa caminhonete em direção a Shell em uma missão como nenhuma outra que já havia assumido. Esperava acabar com uma guerra que eu mesmo tinha começado. Como é o caso em muitas coisas pelas quais nós, os AEs, devemos nos responsabilizar, aquela era uma guerra virtualmente desconhecida em qualquer lugar fora do país onde ela era travada. Eu estava a caminho para encontrar os shuars, os quíchuas seus vizinhos, os achuars, zaparos e os shiwiars — tribos determinadas a impedir que nossas companhias petrolíferas destruíssem suas casas, famílias e terras, mesmo que isso significasse que deveriam morrer. Para eles, aquela era uma guerra pela sobrevivência de seus filhos e culturas, enquanto para nós significava poder, dinheiro e recursos naturais. Era apenas uma parte da batalha pela dominação do mundo e do sonho de uns poucos homens gananciosos pelo império mundial.⁷

Isto é o que nós AEs fazemos melhor: construímos um império mundial. Somos um grupo de elite de homens e mulheres que utilizam organizações financeiras internacionais para tornar outras nações subservientes à corporatocracia e fazer funcionar as nossas maiores corporações, o nosso governo e os nossos bancos. Como os nossos equivalentes na Máfia, os AEs fazem favores. Estes são em forma de empréstimos para desenvolver a infra-estrutura — usinas de geração de eletricidade, estradas, portos, aeroportos ou parques industriais. Uma condição desses empréstimos é que as companhias de engenharia e de construção do nosso próprio país construam todos esses projetos. Na essência, grande parte desse dinheiro nunca deixa os Estados Unidos; é simplesmente transferido das agências bancárias de Washington para escritórios de engenharia de Nova York, Houston e San Francisco.

Apesar do fato de que esse dinheiro é devolvido quase imediatamente para as corporações que integram a corporatocracia (os credores), o país recebedor é requisitado a pagar todo o dinheiro de volta, o principal mais os juros. Se um AE for completamente bem-sucedido, os juros são tão altos que o devedor é forçado a deixar de honrar os seus pagamentos depois de alguns anos. Quando isso acontece, então, como a Máfia, cobramos nosso pagamento com violência. Isso inclui uma ou mais formas como: controle sobre os votos na Organização das Nações Unidas, a instalação de bases militares ou o acesso a preciosos recursos como petróleo ou o Canal do Panamá. É claro que o devedor ainda continua nos devendo dinheiro — e assim outro país é agregado ao nosso império mundial.

Dirigindo de Quito para Shell em um ensolarado dia de 2003, eu me lembrei de 35 anos antes quando cheguei pela primeira vez a essa parte do mundo. Eu tinha lido que, embora o Equador seja apenas do tamanho do Estado de Nevada, ele tem mais de trinta vulcões ativos, mais de 15 por cento das espécies de pássaros do mundo e milhares de plantas ainda não classificadas, e que é uma terra de diversas culturas onde muitas pessoas falam idiomas indígenas antigos além do espanhol. Eu

⁷ Gina Chavez *et al.*, *Tarimiat — Firms en Nuestro Territorio: FIPSE vs. ARCO*, orgs. Mário Melo e Juana Sotomayor (Quito, Equador: CDES e CONAIE, 2002).

achei o país fascinante e sem dúvida exótico; ainda assim, as palavras que voltavam à minha mente no momento eram *puro, intocável e inocente*.

Muita coisa mudou nesses 35 anos.

Em 1968, por ocasião da minha primeira viagem, a Texaco acabara de descobrir petróleo na região amazônica do Equador. Hoje, o petróleo é responsável por cerca da metade das exportações do país. O oleoduto transandino construído pouco tempo depois da minha primeira viagem vazou mais de meio milhão de barris de petróleo através da floresta — duas vezes mais do que o montante despejado no mar pelo navio *Valdez* da Exxon.⁸ Hoje, um, novo oleoduto de 480 quilômetros, e de 1,3 bilhões de dólares, construído por um consórcio organizado pelos AEs promete transformar o Equador num dos dez maiores fornecedores de petróleo para os Estados Unidos em todo o mundo.⁹ Grandes áreas de floresta tropical foram derrubadas, arai e jaguares desapareceram, três culturas indígenas foram levadas à beira colapso e rios primitivos transformaram-se em flamejantes fossas sanitárias.

Durante esse mesmo período, as culturas indígenas começaram a reagir. Por exemplo, em 7 de maio de 2003, um grupo de advogados americanos representando mais de 30 mil índios equatorianos entraram com uma ação judicial de 1 bilhão de dólares contra a ChevronTexaco Corp. A ação, declara que entre 1971 e 1992 a gigante petrolífera derramou em fossas abertas e rios cerca de 15 milhões de litros por dia de resíduos tóxicos contaminados com petróleo, metais pesados e elementos cancerígenos, e que a companhia deixou para trás cerca de 350 fossos de lixo descobertos que continuam a matar tanto pessoas quanto animais.¹⁰

Pela janela da minha caminhonete, eu via as grandes massas de névoa subirem da floresta e seguem pelos cânions do Pastaza. O suor ensopava a minha camisa e o meu estômago começava a gemer, não só em razão do intenso calor tropical como também graças às curvas sinuosas da estrada. A consciência do papel que eu desempenhara na destruição desse belo país voltava a cobrar o seu preço. Por causa dos meus parceiros AEs e de mim mesmo, o Equador encontrava-se no momento em pior forma do que antes de lhe apresentarmos os milagres da nova economia, das operações bancárias e da engenharia moderna. Desde 1970, durante o período conhecido eufemisticamente como o *Boom* do Petróleo, o nível oficial de pobreza subiu de 50 a 70 por cento, o subemprego ou o desemprego aumentaram de 15 a 70 por cento e a dívida pública do país cresceu de 240 milhões para 16 bilhões de dólares. Enquanto isso, a parcela de recursos alocados para os segmentos mais pobres da população caiu de 20 para 60 por cento.¹¹

Infelizmente, o Equador não é uma exceção. Quase todos os países que nós AEs colocamos sob o guarda-chuva do império mundial sofrem o mesmo destino.¹² A dívida do Terceiro Mundo subiu para mais de 2,5 trilhões de dólares e o custo de manutenção desse montante — mais de 375 bilhões de dólares por ano, como em 2004 — é mais do que todo o Terceiro Mundo gasta em saúde e educação, e vinte vezes o que os países em desenvolvimento recebem anualmente em ajuda financeira. Mais da metade das pessoas no mundo sobrevive com menos de 2 dólares por dia, o que é quase o mesmo que recebiam no início da década de 1970. Enquanto isso, 1 por cento das famílias mais ricas do Terceiro Mundo responde por 70 a 90 por cento de toda a riqueza financeira privada e pelas propriedades imobiliárias do seu país; o percentual exato depende do país considerado.¹³

⁸ Sandy Tolan, "Ecuador: Lost Promises", National Public Radio, Morning Edition, 9 de julho de 2003, <http://www.npr.org/programs/morning/features/2003/jul/latinoil> (consultado em 9 de julho de 2003).

⁹ Juan Forero, "Seeking Balance: Growth vs. Culture in the Amazon", New York Times, 10 de dezembro de 2003.

¹⁰ Abby Ellin, "Suit Says ChevronTexaco Dumped Poisons in Ecuador", New York Times, 8 de maio de 2003.

¹¹ Chris Jochnick, "Perilous Prosperity", New Internationalist, junho de 2001, <http://www.newint.org/issue335/perilous.htm>. Para mais informações, veja também I "a mela Martin, *The Globalization of Contentious Politics: The Amazonian Indigenous Rig/i/s Movement* (Nova York: Rutledge, 2002); Kimerling, *Amazon Crude* (Nova York: Natural Resource Defense Council, 1991); Eeslie Wirpsa, trad., *Upheaval in the Back Yard: Illegitimate Debts and Human Rights — The Case of Ecuador-Norway* (Quito, Equador: Ccnlio de Derechos Económicos y Sociales, 2002); e Gregory Palast, "Inside Corporate America", *Guardian*, 8 de outubro de 2000.

¹² Para informações sobre as consequências do petróleo sobre as economias nacional e mundial, veja Michael T. Maré, *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict* (Nova York: Henry Holt & Co., 2001); Daniel Yergin, *The Prize: The Epic Quest for Oil Money & Power* (Nova York: Free Press, 1993); e Daniel Yergin e Joseph Slanslaw, *The Commanding Heights: The Battle for the World Economy* (Nova York: Simon & Schuster, 2001).

¹³ James S. Henry, "Where the Money Went", *Across the Board*, março/abril de 2004, pp. 42-45. Para mais informações, veja o livro de Henry, *The Blood Bankers: Tales from the Global Underground Economy*

A caminhonete rodou vagarosamente pelas ruas da bela cidade e estação de Baños, famosa pelos banhos quentes criados pelos rios vulcânicos subterrâneos que fluem do altamente ativo monte Tungurahua. As crianças corriam ao nosso lado, acenando e tentando nos vender chicletes e biscoitos. Em seguida deixamos Baños para trás. O cenário espetacular terminou abruptamente assim que a caminhonete saiu do paraíso e entrou numa moderna visão do *Inferno* de Dante.

Um monstro gigantesco erguia-se do rio, um enorme paredão cinzento. Seu concreto gotejante estava totalmente fora de lugar, completamente antinatural e incompatível com a paisagem. É claro, vê-lo ali não deveria me surpreender. Eu sabia desde o início o que me esperava. Já o encontrara muitas vezes antes e no passado o elogiava como um símbolo das realizações de um AE. Mesmo assim, aquela visão fez a minha pele arrepiar.

Aquele paredão horroroso e incongruente era de uma represa que bloqueia o curso do rio Pastaza, desvia as suas águas por túneis enormes perfurados na montanha e converte a sua força em eletricidade. Esse é o projeto da hidrelétrica de 156 megawatts de Agoyan. A usina alimenta as indústrias que tornam um punhado de famílias equatorianas mais ricas e tem sido a fonte de incontável sofrimento para os pequenos agricultores e indígenas que vivem ao longo do rio. A usina hidrelétrica é apenas um dos muitos projetos desenvolvidos graças aos meus esforços e daqueles outros AEs. Tais projetos são o motivo pelo qual o Equador é agora um dos integrantes do império mundial e o motivo pelo qual os shuars, quíchuas e os seus vizinhos ameaçam começar uma guerra contra as nossas companhias petrolíferas.

Por causa dos projetos dos AEs, o Equador está à mercê da dívida externa e deve dedicar uma parte excessiva do orçamento nacional para pagá-la, em vez de usar o seu capital para ajudar os milhões de cidadãos oficialmente classificados como perigosamente empobrecidos. A única maneira de o Equador pagar as suas obrigações com o exterior é vender as suas florestas tropicais para as companhias petrolíferas. Na verdade, um dos motivos pelos quais os AEs fixaram-se em primeiro lugar no Equador foi porque acreditou que o mar de petróleo submerso na região Amazônica com os campos de petróleo do Oriente Médio.¹⁴ O império mundial seu pagamento na forma de concessões de petróleo.

Essas exigências tornaram-se especialmente insistentes depois do 11 de Setembro de 2001, quando Washington temeu que cessassem os fornecimentos do Oriente Médio. Acima de tudo isso, a Venezuela, o nosso terceiro maior fornecedor de petróleo, acabara de eleger um presidente populista, Hugo Chávez, que assumiu uma firme posição contra o que ele chamou de imperialismo americano — ameaçando interromper o fornecimento de petróleo para os Estados Unidos. Os AEs tinham falhado no Iraque e na Venezuela, mas foram bem-sucedidos no Equador; agora nós os exploramos para valer.

O Equador é um caso típico dos países ao redor do mundo que os AEs incluíram no pacote político-econômico. Para cada 100 dólares de petróleo bruto extraído das florestas tropicais equatorianas, as companhias petrolíferas recebem 75 dólares. Dos 25 dólares restantes, três quartos devem ir para pagar a dívida externa. A maior parte do restante cobre os gastos com o Exército e outras despesas governamentais — o que deixa cerca de 25 dólares para a saúde, a educação e programas de combate à pobreza.¹⁵ Assim, de cada 100 dólares do valor do petróleo extraído da Amazônia, menos que 3 dólares vão para as pessoas que mais precisam de dinheiro, cujas vidas foram negativamente afetadas pelas represas, pela perfuração dos poços, pelos oleodutos, e que estão morrendo por falta de alimento e de água potável.

Todas essas pessoas — milhões no Equador, bilhões ao redor do mundo — são terroristas potenciais. Não porque elas acreditem em comunismo ou anarquismo, ou porque sejam intrinsecamente más, mas simplesmente porque estão desesperadas. Olhando para essa represa, eu imaginei — como tenho feito com muita frequência em muitos lugares ao redor do mundo — quando essas pessoas vão agir, como os americanos fizeram contra a Inglaterra na diva da de 1770 e os latino-americanos contra a Espanha na década de 1800.

A sutileza da construção desse império moderno faria os centuriões romanos, os conquistadores espanhóis e as forças colonizadoras europeias dos séculos XVII e XIX se envergonharem. Nós os AEs somos astutos; aprendemos com a história. Hoje nós não usamos espadas. Não envergamos armaduras ou roupas especiais para nos

(Nova York: Four Walls Eight Windows, 2003).

¹⁴ Gina Chavez *et al.*, *Tarimiat — Firms en Nuestro Territorio: FIPSE vs. ARCO*, org. Mário Melo e Juana Sotomayor (Quito, Equador: CDES e CONAIE, 2002); *Petróleo, Ambiente y Derechos en la Amazonia Centro Sur*, Edición Víctor Eópez A, Centro de Derechos Económicos y Sociales, OPIP, IACYT-A (sob os auspícios de Oxfam America) (Quito, Equador: Sergrafic, 2002).

¹⁵ Sandy Tolan, "Ecuador: East Promises", National Public Radio, *Morning Edition*, July 9, 2003, <http://www.npr.org/programs/morning/features/2003/jul/latinoil> (consultado em 9 de julho de 2003).

proteger. Em países como o Equador, a Nigéria e a Indonésia, nós nos vestimos como professores e donos de lojas. Em Washington e Paris, parecemos burocratas do governo e banqueiros. Parecemos humildes, normais. Visitamos os locais do projeto e passeamos pelas aldeias empobrecidas. Professamos o altruísmo, falamos oficialmente sobre as maravilhosas coisas humanitárias que estamos fazendo. Cobrimos as mesas de conferências das comissões dos governos com as nossas planilhas eletrônicas e projeções financeiras, e proferimos palestras na Harvard Business School sobre os milagres da macroeconomia. Somos conhecidos, acessíveis. Ou nos apresentamos como tais e somos aceitos. É assim que o sistema funciona. Vendemos recursos para qualquer coisa ilegal porque o próprio sistema é construído sobre subterfúgios, e o sistema por definição é legítimo.

Entretanto — e esse é um grande empecilho — se falhamos, uns tipos ainda mais sinistros entram em ação, os quais nós AEs chamamos de chacais, homens cuja linhagem remonta diretamente aos impérios primitivos. Os chacais estão sempre presentes, espreitando nas sombras. Quando eles aparecem, os chefes de Estado são derrubados ou mortos em violentos "acidentes".¹⁶ Se por acaso os chacais falham, como falharam no Afeganistão e no Iraque, então os antigos modelos ressurgem. Quando os chacais falham, jovens americanos são enviados para matar e morrer.

Enquanto passava pelo monstro, aquele gigantesco paredão de concreto cinzento que se erguia do rio, eu estava muito consciente do suor que encharcava as minhas roupas e da contração dos meus intestinos. Tomei o sentido da selva para me encontrar com o povo nativo que estava determinado a lutar até o último homem para deter esse império que eu ajudara a criar, e me sentia sufocar pela sensação de culpa.

Como, eu me perguntei, um bom rapaz do interior de New Hampshire acabara por se envolver num negócio sujo daqueles?

¹⁶ Para saber mais sobre os chacais e outros tipos de matadores, veja P. W. Singer, *Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry* (Ithaca, NY, e Eondres: Cornell University Press, 2003); James R. Davis, *Fortune's Warriors: Private Armies and the New World Order* (Vancouver e Toronto: Douglas & McIntyre, 2000); Felix I. Rodriguez ejolin Weisman, *Shadow Warrior: The CIA Hero of 100 Unknown Battles* (Nova York: Simon and Schuster, 1989).

PRIMEIRA PARTE: 1963-1971

CAPÍTULO 1

Nasce um Assassino Económico

Comecei de forma bem inocente.

Eu era filho único, nascido numa família de classe média em 1945. Os meus pais descendiam de uma linhagem de três séculos de ianques da Nova Inglaterra; as atitudes deles, rígidas, moralistas, firmemente republicanas, refletiam gerações de antepassados puritanos. Eles foram os primeiros da família a fazer faculdade — com bolsas de estudos. A minha mãe tornou-se professora de latim do curso secundário. O meu pai serviu na Segunda Guerra Mundial como tenente da Marinha e era o encarregado da tripulação da guarda de um navio-tanque altamente inflamável no Atlântico. Quando eu nasci, em Hanover, New Hampshire, ele se recuperava de uma fratura no quadril em um hospital do Texas. Só vim a conhecê-lo depois de completar o primeiro ano de vida.

Ele arrumou um emprego como professor de idiomas na Tilton School, um internato para meninos na zona rural de New Hampshire. O campus ficava no alto de uma montanha, sobrepunhando imponentemente — alguns diriam arrogantemente — a cidade de mesmo nome. Essa instituição exclusiva limitava as suas matrículas a aproximadamente 50 alunos em cada nível de graduação, de 9 a 12. Os alunos eram principalmente os herdeiros de famílias ricas de Buenos Aires, Caracas, Boston e Nova York.

A minha família não tinha um tostão; mas nós, com certeza, não nos víamos como pobres. Embora os professores da escola recebessem um salário muito baixo, todas as nossas necessidades eram supridas sem custos: comida, alojamento, aquecimento, água e até os jardineiros que aparavam o nosso gramado e removiam a neve das imediações da casa. A partir do meu quarto aniversário, eu comecei a fazer as refeições no salão da escola preparatória, encher as bolas para os times de futebol que meu pai treinava e trocar as toalhas do vestiário.

Desnecessário dizer que os professores e as suas esposas sentiam-se superiores aos moradores locais. Eu ouvia sempre os meus pais gracejando quanto a serem os senhores do feudo, governando os humildes camponeses — os *caipiras*. Eu sabia que isso era mais do que uma piada.

Os meus amigos do curso fundamental e médio pertenciam àquela classe de camponeses; eles eram muito pobres. Os pais deles eram os desprezíveis fazendeiros, madeireiros e trabalhadores do moinho. Eles se ressentiam contra "os *prepotentes* da colina", e o meu pai e a minha mãe por sua vez me desencorajavam de me relacionar com as meninas caipiras, que eles chamavam de "vadias" e "fáceis". Eu trocava livros escolares e lápis com essas meninas desde o primeiro ano e com o passar dos anos me apaixonei por três delas: Ann, Priscilla e Judy. Era difícil compreender o ponto de vista dos meus pais; no entanto, eu acabava cedendo aos desejos deles.

Todos os anos, passávamos os três meses das férias de verão do meu pai no lago, em uma cabana construída pelo meu avô em 1921. Ela era cercada por florestas e à noite ficávamos ouvindo o pio das corujas e o rugido dos leões da montanha. Não tínhamos nenhum vizinho; eu era a única criança das redondezas. Nos primeiros anos, eu passava os dias fingindo que as árvores eram os Cavaleiros da Távola Redonda e as donzelas ameaçadas chamavam-se Ann, Priscilla ou Judy (dependendo do ano). A minha paixão era tão forte, eu não tinha a menor dúvida, quanto a de Eancelot por Guinevere — e até mesmo mais secreta.

Aos 14 anos, recebi uma bolsa de estudos para frequentar a Tilton School gratuitamente. Por insistência dos meus pais, rejeitei tudo o que tivesse a ver com a

cidade e nunca mais tornei a ver os meus velhos amigos. Quando os meus novos colegas de classe voltavam para as suas mansões e coberturas luxuosas nas férias, eu ficava sozinho na montanha. As namoradas deles eram as debutantes; eu não tinha namorada. Todas as garotas que eu conhecia eram "fáceis"; eu as rejeitava e elas me esqueciam. Eu ficava só — e terrivelmente frustrado.

Os meus pais eram mestres na manipulação; eles me asseguravam que eu era privilegiado por ter uma oportunidade daquelas e que algum dia seria grato por isso. Eu encontraria a esposa perfeita, alguém que se encaixaria nos nossos altos padrões morais. Por dentro, entretanto, eu fervia. Ansiava pela companhia feminina — sexo; a ideia de uma mulher fácil era muito atraente.

Em vez de me rebelar, porém, reprimi a minha raiva e expressei a minha frustração tornando-me um vencedor. Eu era um aluno exemplar, o capitão de duas equipes esportivas e o editor do jornal da escola. Estava determinado a me mostrar aos meus colegas ricos e deixar Tilton para trás para sempre. Durante o meu último ano, fui premiado com uma bolsa de estudos integral para atletas na Brown e uma bolsa de estudos académica em Middlebury. Escolhi a Brown, principalmente porque preferia me tornar um atleta — e porque a universidade ficava em uma cidade. A minha mãe tinha se formado em Middlebury e o meu pai fizera o mestrado dele lá; assim, embora a Brown pertencesse à Ivy League, a liga das melhores universidades americanas, os meus pais preferiam a Middlebury.

"E se você quebrar uma perna?", o meu pai questionou. "Melhor aceitar a bolsa de estudos académica." Eu cedi.

Middlebury era, a meu ver, apenas uma versão inchada de Tilton — ficava na zona rural de Vermont em vez da zona rural de New Hampshire. Na verdade, era uma escola mista, mas eu era pobre e a maioria dos estudantes era rica, e havia quatro anos eu não frequentava uma escola com garotas. Eu me sentia inseguro, desclassificado, era infeliz. Implorei ao meu pai para me deixar sair da escola ou ficar um ano longe. Queria mudar para Boston e aprender sobre a vida e as mulheres. Ele não queria nem ouvir falar disso. "Como posso preparar os filhos de outros pais para a faculdade se o meu próprio filho não quer ir para a faculdade?", argumentou ele. "Vai parecer que estou sendo falso."

Compreendi que esta vida é composta de uma série de coincidências. Como nós reagimos a elas — como exercemos aquilo que alguns chamam de livre-arbítrio — é tudo; as escolhas que fazemos dentro dos limites das reviravoltas do destino determinam o que somos. As duas maiores coincidências que moldaram a minha vida aconteceram em Middlebury. Uma manifestou-se na forma de um iraniano, filho de um general que era um conselheiro pessoal do xá; a outra foi uma jovem bonita chamada Ann, também uma das minhas amadas da infância.

O primeiro, a quem eu chamarei de Farhad, jogara futebol profissional em Roma. Tinha um porte físico atlético, cabelos pretos cacheados, olhos castanhos meigos e uma formação e um carisma que o tornavam irresistível às mulheres. Ele era o meu rival de muitas maneiras. Precisei me esforçar muito para conquistar a amizade dele, e ele me ensinou muitas coisas que me serviriam muito bem nos anos futuros. Também conheci a Ann. Embora estivesse comprometida seriamente com um rapaz que frequentava outra faculdade, ela me colocou sob a sua proteção. A nossa relação platónica foi o primeiro amor verdadeiro que experimentei.

Farhad me encorajou a beber, a ir a festas e ignorar os meus pais. Optei conscientemente por parar de estudar. Decidi que interromperia a minha carreira académica para ir contra o meu pai. As minhas notas despencaram; perdi a bolsa de estudos. Na metade do segundo ano, resolvi dar o fora. O meu pai ameaçou me renegar; Farhad me estimulava. Causei um tumulto no gabinete do reitor e deixei a escola. Foi um momento decisivo na minha vida.

Farhad e eu comemoramos juntos a minha última noite em um bar local na cidade. Um fazendeiro bêbado, um verdadeiro gigante, me acusou de flertar com a esposa dele, me pegou pelos pés e me atirou contra a parede. Farhad colocou-se entre nós, sacou uma faca e de surpresa abriu um talho na bochecha do fazendeiro. Em seguida me arrastou pelo salão e me pôs para fora por uma janela, sobre uma ribanceira que ia dar no rio Otter Creek. Fugimos correndo pela beira do rio até o nosso dormitório.

Na manhã seguinte, a polícia nos interrogou no campus e eu menti, recusando-me a admitir qualquer conhecimento do incidente. Não obstante, Farhad foi expulso. Nós nos mudamos para Boston e dividimos um apartamento lá. Eu arrumei um emprego nos jornais *Record American*/ *Sunday Advertiser* da Hearst, como assistente pessoal do editor-chefe do *Sunday Advertiser*.

Mais tarde naquele ano, 1965, vários dos meus amigos do jornal foram demitidos. Para evitar um destino semelhante, entrei na faculdade de administração de empresas da Boston University. Àquela altura, Ann tinha "se separado do seu antigo namorado e viajava frequentemente de Middlebury para me visitar. A atenção dela era sempre bem-vinda. Ela se formou em 1967, quando ainda me faltava mais um ano para completar a faculdade de administração. Ela se recusou terminantemente a morar comigo enquanto não estivéssemos casados. Embora eu ironizasse, dizendo que estava sendo chantageado, e na realidade me ressentisse com o que considerava uma continuação do velho jogo arcaico e pudico de padrões morais dos meus pais, também desfrutava dos nossos momentos juntos e queria mais. Nós nos casamos.

O pai da Ann, um engenheiro talentoso, desenvolvera um sistema de navegação para um tipo importante de míssil e fora recompensado com um posto de alto nível no Departamento da Marinha. O melhor amigo ciclo, um homem a quem Ann chamava de "Tio Frank" (não era o nome verdadeiro dele), fora contratado como um executivo nos mais altos escalões da Agência de Segurança Nacional (ASN), a menos conhecida — e, na opinião da maioria, a maior — organização de espionagem do país.

Logo após o nosso casamento, o Serviço Militar me convocou para o exame físico. Passei no exame e então vi-me diante da perspectiva de ir para o Vietnã antes de me formar. A ideia de lutar no Sudeste Asiático me dilacerava emocionalmente, embora a guerra sempre me tivesse fascinado. Fui criado em meio a histórias sobre os meus antepassados coloniais — entre os quais se incluem Thomas Paine e Ethan Allen — e tinha visitado todos os locais das batalhas contra os franceses e os índios da Nova Inglaterra e no interior do estado de Nova York. Eu lia todo romance histórico que encontrava pela frente. Na verdade, desde que as unidades das Forças Especiais do Exército invadiram o Sudeste Asiático, eu estava ansioso para me alistar. Mas enquanto a mídia mostrava as atrocidades e as incoerências da política americana, eu me sentia emocionalmente inseguro. Ficava imaginando de que lado Paine ficaria. Tinha certeza de que ele se inclinaria pelos nossos inimigos vietcongues.

Tio Frank saiu em meu socorro. Ele me informou que um trabalho na ASN era perfeito para um pós-recrutamento e agendou uma série de reuniões na agência, incluindo um dia de extenuantes entrevistas monitoradas pelo detector de mentiras. Informaram-me que aqueles testes determinariam se eu era fisicamente apto para o recrutamento e o treinamento na ASN, e caso fosse, traçariam um perfil dos meus pontos fortes e fracos que seriam usados para projetar a minha carreira. Considerando a minha atitude em relação à guerra do Vietnã, convenceram-me de que eu fracassaria nos testes.

No exame, declarei que como um americano leal eu me opunha à guerra, e fiquei surpreso quando os entrevistadores não insistiram no assumo. Em vez disso, eles se concentraram na minha formação, nas minhas atitudes em relação aos meus pais, nas emoções criadas pelo fato de ter crescido como um puritano pobre entre tantos prepotentes ricos e egoístas. Eles também discutiram a minha frustração em relação à falta de mulheres, sexo e dinheiro na vida, e o mundo de fantasia daí resultante. Fiquei impressionado com a atenção que deram à minha relação com Farhad e com o interesse que demonstraram pela minha disposição de mentir à polícia do campus para protegê-lo.

No início presumi que todas essas coisas que pareciam tão negativas para mim tinham me marcado como rejeitado pela ASN, mas as entrevistas continuaram, sugerindo o contrário. Só vários anos depois foi que percebi que, do ponto de vista da ASN, aquelas negativas eram de fato positivas. A avaliação deles tinha menos a ver com questões de lealdade ao meu país do que com as frustrações da minha vida. A raiva contra os meus pais, a obsessão pelas mulheres e a minha ambição de viver a boa vida dava-lhes uma deixa: eu era seduzível. A minha determinação de me superar nos estudos e nos jogos esportivos, a minha rebelião final contra o meu pai, a minha capacidade de me relacionar bem com os estrangeiros e a minha disposição de mentir para a polícia eram exatamente os tipos de atributos que eles buscavam. Eu também descobri, depois, que o pai de Farhad trabalhava para a comunidade de informações americana no Ira; a minha amizade com Farhad era então uma evidente vantagem.

Algumas semanas depois do teste na ASN, ofereceram-me uma tarefa para iniciar o treinamento na arte de espionar, que começaria depois de eu me formar na faculdade de administração vários meses depois. Contudo, antes de eu aceitar oficialmente essa oferta, não resisti a assistir na faculdade a um seminário ministrado por um recrutador do Corpo de Paz do Exército. Um dos maiores argumentos a favor era que, como o ASN, o trabalho no Corpo de Paz do Exército tornava a pessoa

qualificada para o adiamento do recrutamento.

A decisão de participar daquele seminário foi uma dessas coincidências que parecem insignificantes na ocasião, mas mais tarde mostrou ter implicações capazes de mudar toda a minha vida. O recrutador falou sobre vários lugares no mundo que mais precisavam de voluntários. Um desses era a floresta tropical amazônica onde, segundo ele, os índios viviam de maneira muito próxima dos nativos da América do Norte antes da chegada dos europeus.

Eu sempre sonhara em viver como os abnakis que habitavam New Hampshire na época em que os meus antepassados resolveram se estabelecer por lá. Eu sabia que tinha sangue abnaki nas veias e queria aprender sobre a vida na floresta que eles conheciam tão bem. Procurei o recrutador depois da palestra e indaguei sobre a possibilidade de ser indicado para a Amazônia. Ele me assegurou que havia uma grande necessidade por voluntários para aquela região e que as minhas possibilidades seriam excelentes. Telefonei para o Tio Frank.

Para minha surpresa, o Tio Frank me incentivou a pensar em me alistar no Corpo de Paz do Exército. Ele me confidenciou que depois da queda de Hanói — que naqueles dias era considerada uma certeza por homens na posição dele — a Amazônia se tornaria uma área de conflito.

"É uma região com muito petróleo", ele disse. "Vamos precisar de bons agentes lá, pessoas que entendam os nativos." Ele me assegurou que o Corpo de Paz do Exército seria uma base de treinamento excelente, e apressou-me a me tornar fluente em espanhol bem como nos dialetos indígenas locais. "Você pode acabar trabalhando para uma empresa privada em vez do governo", concluiu, rindo.

Na ocasião não entendi o que ele queria dizer. Eu estava sendo promovido de espião a AE, embora nunca tivesse ouvido falar do termo e não ouviria por mais alguns anos. Eu não fazia nenhuma ideia de que havia centenas de homens e mulheres, espalhados pelo mundo, trabalhando para empresas de consultorias e outras empresas privadas, pessoas que nunca receberam um centavo de salário de qualquer agência do governo e ainda assim serviam aos interesses do império. Nem poderia adivinhar que esse novo tipo de agente, com títulos mais eufemísticos, seria contado aos milhares no fim do milênio, e que eu faria um papel importante na formação desse exército em crescimento.

Ann e eu nos alistamos no Corpo de Paz do Exército e pedimos para ser indicados para a Amazônia. Quando a notificação de que fôramos aceitos chegou, a minha primeira reação foi de um extremo desapontamento. A carta indicava que nos enviariam para o Equador.

Ah, não, pensei. Pedi a Amazônia, não a África.

Peguei um atlas e comecei a procurar o Equador. Fiquei abismado quando não consegui encontrá-lo em nenhum lugar do continente africano. No índice, entretanto, descobri que realmente situava-se na América Latina, e vi no mapa que os sistemas fluviais que fluíam a partir das geleiras andinas formavam as cabeceiras do caudaloso rio Amazonas. Uma pesquisa mais aprofundada me asseverou que as selvas do Equador faziam parte das mais diversificadas e formidáveis do mundo, e que os índios nativos ainda viviam de maneira muito semelhante como tinham vivido durante milênios. Nós aceitamos.

Ann e eu completamos o treinamento do Corpo de Paz do Exército no sul da Califórnia e fomos para o Equador em setembro de 1968. Na Amazônia, convivemos com pessoas cujo estilo de vida se assemelhava realmente ao dos nativos americanos do período pré-colonial; também trabalhamos nos Andes com descendentes dos inças. Era um lugar do mundo que nunca sonhara que ainda existisse. Até então, os únicos latino-americanos que eu conhecera eram os *preppies* ricos da escola em que o meu pai lecionava. Acabei simpatizando com aqueles povos indígenas que subsistiam de caça e da agricultura primitiva. Sentia um estranho tipo de parentesco com eles. De alguma maneira, eles me faziam lembrar dos townies que eu havia deixado para trás.

Um dia, um homem em trajes de executivo, Einar Greve, desceu de uma aeronave que acabara de chegar à pista de pouso da nossa comunidade. Ele era um dos vice-presidentes da Chás. T. Main, Inc. (MAIN), uma empresa de consultoria internacional que mantinha um perfil muito discreto e que era encarregada dos estudos para determinar se o Banco Mundial deveria emprestar ao Equador e seus países vizinhos bilhões de dólares para construir usinas elétricas e outros projetos de infra-estrutura. Einar também era coronel da reserva do Exército americano.

Ele começou falando comigo sobre os benefícios de trabalhar para uma empresa como a MAIN. Quando mencionei que fora aceito pela ASN antes de entrar para

o Corpo de Paz do Exército e que estava considerando voltar atrás com eles, ele me informou que ele próprio às vezes funcionava como uma ligação da ASN; ele me lançou um olhar que me fez suspeitar de que parte da tarefa dele era avaliar as minhas potencialidades. Agora acredito que ele estava atualizando o meu perfil, e especialmente avaliando a minha capacidade de sobreviver em ambientes que a maioria dos americanos consideraria hostis.

Passamos alguns dias juntos no Equador, e depois disso passamos a nos comunicar por carta. Ele me pediu para enviar relatórios de avaliação das perspectivas econômicas do Equador. Eu tinha uma máquina de escrever portátil, adorava escrever e fiquei muito feliz em atender a esse pedido. Ao longo de um período de mais ou menos um ano, enviei para Einar pelo menos umas quinze longas cartas. Nessas cartas, eu especulava sobre o futuro político-econômico do Equador e avaliava a frustração crescente entre as comunidades indígenas ao mesmo tempo que elas lutavam contra as companhias petrolíferas, as agências de desenvolvimento internacional e outras tentativas de trazê-las para o mundo moderno.

Quando o meu período no Corpo de Paz do Exército chegou ao fim, Einar me convidou para uma entrevista de trabalho na sede da MAIN, em Boston. Durante a nossa entrevista privada, ele enfatizou que o principal negócio da MAIN era a engenharia, mas que o seu maior cliente, o Banco Mundial, começara recentemente a insistir em que mantivesse economistas no seu quadro de funcionários para fazer previsões de análises econômicas que determinassem a viabilidade e a magnitude dos projetos de engenharia. Ele me confidenciou que contratara três economistas altamente qualificados e com credenciais impecáveis — dois com mestrado e um com Ph.D. Eles tinham fracassado totalmente.

"Nenhum deles", Einar disse "foi capaz de considerar a ideia de fazer previsões econômicas em países onde não havia disponibilidade de estatísticas confiáveis." Ele me disse ainda que, além disso, todos eles consideraram impossível cumprir as condições dos seus contratos, que lhes exigiam viajar para lugares remotos em países como o Equador, Indonésia, Ira e Egito, para entrevistar os líderes locais e fornecer avaliações pessoais sobre as perspectivas para o desenvolvimento econômico nessas regiões. Um deles tinha sofrido um colapso nervoso em uma aldeia isolada do Panamá; tivera de ser escoltado ao aeroporto pela polícia panamenha, que o colocara em um avião de volta para os Estados Unidos.

"As cartas que você me enviou indicam que você não se importa em se arriscar, mesmo quando não se tem informações precisas. E considerando as suas condições de vida no Equador, acredito que você é capaz de sobreviver praticamente em qualquer lugar." Ele me contou que eleja havia demitido um daqueles economistas e estava pensando em fazer o mesmo com os outros dois, se eu aceitasse o trabalho.

Foi assim que, em janeiro de 1971, recebi a proposta para me tornar um economista da MAIN. Eu tinha passado dos 26 anos — a idade mágica em que ajunta de recrutamento já não me queria mais. Aconselhei-me com a família de Ann; eles me encorajaram a aceitar o trabalho, e eu concluí que isso refletia também a ideia do Tio Frank. Lembrei-me de quando ele mencionara a possibilidade de eu acabar trabalhando para uma empresa privada. Nunca nada fora declarado abertamente, mas eu não tinha nenhuma dúvida de que o meu emprego na MAIN era uma consequência dos acordos que Tio Frank fizera três anos antes, além das minhas experiências no Equador e da minha disposição em escrever sobre a situação econômica e política daquele país.

Fiquei atordoado durante várias semanas, ao mesmo tempo que me sentia muito envaidecido. Mal conseguira um bacharelado apenas em administração de empresas, que não parecia ser suficiente para me garantir o cargo de economista numa tão conceituada empresa de consultoria. Eu sabia que muitos dos meus colegas de curso que haviam sido rejeitados pelo recrutamento militar e conseguiram o MBA e outros níveis de graduação ficariam mortificados de inveja. Eu me imaginava como um intrépido agente secreto, enviado para países exóticos, relaxando em piscinas de hotel, cercado por mulheres deslumbrantes de biquini e com um copo de martini na mão.

Embora isso fosse meramente fantasia, eu descobriria que tinha elementos de verdade. Einar me contratara como economista, mas logo eu descobriria que o meu verdadeiro trabalho iria muito além disso, e que era na realidade mais próximo do trabalho de James Bond do que eu jamais poderia ter imaginado.

CAPÍTULO 2

'Para o Resto da Vida'

Em linguagem técnica, a MAIN seria denominada uma corporação fechada; cerca de 5 por cento dos seus 2 mil funcionários eram os proprietários da empresa. Esses eram tratados como sócios ou associados e a sua posição era cobiçada. Os sócios não só tinham poder sobre quem quer que fosse, mas também ganhavam uma montanha de dinheiro. A descrição era a sua marca registrada; eles tratavam com os chefes de Estado e outros executivos do mais alto escalão que esperavam que os seus consultores, assim como os seus advogados e psicoterapeutas, observassem um código estrito de sigilo absoluto. Falar à imprensa era um tabu. Simplesmente não era tolerado. Como consequência disso, dificilmente alguém de fora da MAIN jamais ouviu falar de nós, embora muitos tivessem familiaridade com os nossos concorrentes, como Arthur D. Little, Stone & Webster, Brown & Root, Halliburton e Bechtel. Uso o termo *concorrentes* de maneira indiferente, porque na verdade a MAIN estava sozinha na parada. A maioria dos profissionais do nosso pessoal era composta por engenheiros, muito embora a empresa não tivesse equipamento nenhum e nunca construiu nem sequer um depósito de materiais. Muitos integrantes da MAIN eram ex-militares; entretanto, não tínhamos contratos com o Departamento da Defesa nem com nenhuma das corporações militares. A nossa atividade era algo tão diferente da norma que durante os meus primeiros meses lá nem mesmo eu conseguia entender qual era o nosso negócio. Eu só sabia que a minha primeira missão concreta seria na Indonésia e que eu faria parte de uma equipe de 11 homens enviados para criar um planejamento básico de energia para a ilha de Java.

Eu também sabia que Einar e outros que discutiam o trabalho comigo estavam ansiosos para me convencer de que a economia de Java passaria por um surto de prosperidade acelerado e que se eu quisesse me destacar como um bom analista (e portanto receber propostas de promoção), deveria fazer projecções que demonstrassem exatamente isso.

"Do papel para a realidade", Einar gostava de dizer. Ele corria os dedos pelo ar passando por cima da cabeça. "Uma economia que vai voar como um pássaro!"

Einar saía em frequentes viagens que normalmente duravam apenas dois ou três dias. Ninguém comentava muito sobre elas nem parecia saber aonde ele fora. Quando estava na empresa, ele costumava me convidar para ir à sua sala por alguns minutos para um café. Ele me perguntava sobre Ann, ou sobre o apartamento novo, e sobre o gato que trouxéramos do Equador. Criei mais coragem à medida que o conhecia melhor e tentei saber mais a respeito dele e sobre o que se esperava de mim no meu trabalho. Mas eu nunca obtive respostas que me satisfizessem; ele era um mestre em desconversar. Em uma ocasião, ele me dirigiu um olhar significativo.

"Não precisa se preocupar", disse ele. "Temos grandes expectativas em relação a você. Estive em Washington recentemente..." A voz dele se desvaneceu e ele deu um sorriso indecifrável. "Em todo caso, você sabe que temos um grande projeto no Kuwait. Será para algum tempo antes da sua ida à Indonésia. Acho que deveria dedicar um pouco do seu tempo para se informar melhor sobre o Kuwait. _A biblioteca municipal de Boston é uma grande fonte de informações, e podemos conseguir para você o cartão de leitor para as bibliotecas do MIT e de Harvard."

Depois disso, eu passei muitas horas nessas bibliotecas, em especial na biblioteca municipal, que ficava a poucos quarteirões da sede da empresa e muito perto do meu apartamento em Back Bay. Fiquei bem familiarizado com o Kuwait, assim como com muitos livros sobre estatísticas económicas, publicados pelas Nações Unidas, pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial. Eu sabia que esperavam que eu apresentasse modelos econométricos para a Indonésia e Java e concluí que podia também começar a fazer um para o Kuwait.

No entanto, o meu bacharelado em administração de empresas não me preparara como econometrista, assim passava muito tempo tentando entender como fazê-lo.

Cheguei ao ponto de me inscrever em alguns cursos sobre o assunto. Durante o processo, descobri que a estatística podia ser manipulada para produzir uma vasta gama de conclusões, incluindo aquelas que fundamentassem as predileções do analista.

A MAIN era uma corporação machista. Só havia quatro mulheres trabalhando lá em 1971 como profissionais. No entanto, havia talvez duzentas mulheres divididas entre os quadros de secretárias pessoais — todo vice-presidente e gerente de departamento tinha uma — e o grupo de estenografia, que atendia aos restantes. Acostumei-me com esse preconceito sexual e portanto fiquei especialmente impressionado com o que aconteceu um dia na seção de obras de referência da biblioteca municipal.

Uma morena atraente se aproximou e sentou-se numa cadeira à minha frente do outro lado da mesa. Com o seu discreto vestido verde-escuro ela parecia muito sofisticada. Eu a considerava vários anos mais velha que eu na empresa, mas tentei me concentrar e não prestar atenção a ela, procurando me manter indiferente. Depois de alguns minutos, sem pronunciar uma palavra, ela empurrou um livro aberto na minha direção. Continha uma tabela com informações que eu vinha procurando sobre o Kuwait — e um cartão com o nome dela, Claudine Martin, e o seu cargo, Consultora Especial da Chás. T. Main, Inc. Levantei os olhos para os seus sedosos olhos verdes e ela estendeu-me a mão.

"Pediram que eu ajudasse no seu treinamento", disse ela. Eu não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo comigo.

A partir do dia seguinte, nos encontrávamos no apartamento de Claudine, na Beacon Street, alguns quarteirões adiante da sede da MAIN, que ficava no Prudential Center. Durante a nossa primeira hora juntos, ela me explicou que a minha posição era pouco convencional e que precisávamos manter tudo altamente confidencial. Ela me contou que ninguém dera informações específicas sobre o meu trabalho porque ninguém tinha autorização para isso — a não ser ela. Então ela me informou que a sua tarefa era me preparar para ser um Assassino Económico.

O próprio título em si evocava as antigas aventuras românticas de capa e espada. Fiquei embaraçado pela risada nervosa que me ouvi dar. Ela sorriu e me garantiu que o senso de humor fora uma das razões pelas quais eles usavam o termo.

"Quem o levaria a sério?", indagou ela.

Eu confessei a minha ignorância a respeito do papel de um assassino económico.

"Você não é o único", ela deu uma risada. "Somos uma estirpe rara, num negócio sujo. Ninguém pode saber sobre o seu envolvimento — nem mesmo a sua esposa." Então ficou seria. "Vou ser muito franca com você, ensinar-lhe tudo o que puder durante as próximas semanas. Depois você terá de escolher. A sua decisão é absoluta. Depois que estiver dentro, será pelo resto da vida." Depois disso, ela raramente usou o nome por extenso; éramos simplesmente AEs.

Agora eu sei o que não sabia na época — que Claudine se aproveitou ao máximo dos pontos fracos da minha personalidade que o perfil feito pela ASN revelara a meu respeito. Eu não sei quem fornecia as informações a ela — Einar, a ASN, o departamento de pessoal da MAIN, ou quem quer que seja — só sei que ela as usava com categoria. A atitude dela, um misto de sedução física e manipulação verbal, era feita sob medida para mim, e ainda assim se ajustava aos procedimentos operacionais padronizados que desde aquela época eu passei a notar numa variedade de empresas quando o que está em jogo é significativo e a pressão para acordos reservados lucrativos é grande. Ela sabia desde o começo que eu não poria em risco o meu casamento revelando as nossas atividades clandestinas. E ela era brutalmente franca quando se tratava de descrever o lado sombrio das coisas que seriam esperadas de mim.

Não faço a menor ideia de quem pagava o salário dela, embora não tenha razões para suspeitar de que não fosse a MAIN, conforme implicava o cartão de visitas dela. Na época, eu era muito ingênuo, intimidado e obnubilado para lhe fazer perguntas que hoje em dia parecem óbvias.

Claudine me disse que havia dois objetivos básicos no meu trabalho. Primeiro, eu devia justificar os enormes empréstimos internacionais que canalizariam rios de dinheiro de volta para a MAIN e outras companhias americanas (como a Bechtel, Halliburton, Stone & Webster e a Brown & Root), por meio de gigantescos projetos de engenharia e construção. Segundo, eu trabalharia para a falência de países que recebiam esses empréstimos (depois de terem pago a MAIN e as outras contratadas americanas, é claro) de modo que eles seriam dependentes para sempre dos seus credores e assim apresentaria alvos fáceis quando precisássemos de favores, incluindo

bases militares, votos na ONU, ou acesso a petróleo e outros recursos naturais.

O meu trabalho, disse ela, era fazer as previsões dos efeitos de investir bilhões de dólares num país. Especificamente, eu produziria estudos que projetassem crescimento económico 20 a 25 anos no futuro e que avaliassem as consequências de diversos projetos. Por exemplo, se uma decisão fosse tomada para emprestar 1 bilhão de dólares a um país a fim de persuadir os seus líderes a não se alinharem com a União Soviética, eu compararia os benefícios de investir aquele dinheiro em usinas elétricas com os benefícios de investir numa nova rede ferroviária nacional ou num sistema de telecomunicações. Ou eu poderia ser informado de que aquele país estava tendo a oferta de uma oportunidade de receber um moderno sistema de abastecimento elétrico, e dependeria de mim demonstrar que aquele sistema resultaria em crescimento económico suficiente para justificar o empréstimo. O fator crítico, em cada caso, era o produto nacional bruto. O projeto que resultasse na maior média anual de crescimento do PNB venceria. Se apenas um projeto estivesse em consideração, eu precisaria demonstrar que desenvolvê-lo traria benefícios superiores ao PNB.

O aspecto velado de cada um desses projetos era que eles pretendiam criar grandes lucros para os contratantes, e fazer a felicidade de um punhado de famílias ricas e influentes nos países recebedores, enquanto assegurava a dependência financeira a longo prazo e, portanto, a lealdade política de governos ao redor do mundo. Quanto maior o empréstimo, melhor. O fato de que a carga da dívida colocada sobre um país privaria os seus cidadãos mais pobres de saúde, educação e de outros serviços sociais por décadas no futuro não era levado em consideração.

Claudine e eu discutíamos a natureza enganosa do PNB. Por exemplo, o crescimento do PNB pode ocorrer mesmo quando ele favorece apenas uma pessoa, como um sujeito que seja proprietário de uma empresa prestadora de serviços públicos, e mesmo que a maioria da população seja sobrecarregada com a dívida. Os ricos ficam mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Ainda assim, do ponto de vista da estatística, isso é registrado como progresso económico.

A exemplo da maioria dos cidadãos americanos em geral, a maior parte dos funcionários da MAIN acreditava que estávamos favorecendo os países quando construíamos usinas elétricas, estradas e portos. As nossas escolas e a nossa imprensa nos ensinaram a considerar todas as nossas ações como altruístas. Ao longo dos anos, ouvi repetidamente comentários do tipo: "Se eles continuam queimando a bandeira americana e protestando contra a nossa embaixada, por que nós simplesmente não saímos do maldito país deles e os deixamos chafurdando na própria pobreza?"

As pessoas que dizem coisas desse tipo geralmente têm diplomas certificando que elas são instruídas. No entanto, essas pessoas não fazem a menor ideia de que a principal razão pela qual estabelecemos embaixadas ao redor do mundo é para atender aos nossos próprios interesses, os quais durante a última metade do século XX significavam converter a república americana num império mundial. Apesar das credenciais, essas pessoas são tão ignorantes quanto os colonialistas do século XVII que acreditavam que os índios que lutavam para defender a própria terra eram servos do demónio.

Dali a alguns meses, eu partiria para a ilha de Java no país da Indonésia, classificado naquela época como a porção territorial do planeta com a maior densidade populacional. Acontece que a Indonésia também era uma nação muçulmana com alta concentração de petróleo e um foco de atividade comunista.

"Trata-se do próximo dominó depois do Vietnã", foi a maneira como Claudine explicou. "Precisamos cativar os indonésios. Se eles se aliarem ao bloco comunista, bem..." Ela passou um dedo pelo pescoço e depois sorriu com doçura. "Vamos resumir a questão dizendo apenas que você precisa aparecer com uma previsão altamente otimista da economia, de como ela vai florescer depois que todas as novas usinas elétricas e linhas de distribuição, forem construídas. Isso permitirá à USAID e aos bancos internacionais justificar os empréstimos. Você será bem remunerado, é claro, e poderá passar a outros projetos em lugares exóticos. O mundo é o seu catálogo de compras." Em seguida ela me advertia de que o meu papel seria difícil. "Especialistas dos bancos cairão em cima de você. É o trabalho deles encontrar brechas nas suas previsões... afinal eles ganham para isso. Prejudicando a sua imagem eles favorecem a deles."

Um dia lembrei a Claudine que a equipe da MAIN que iria a Java incluía dez outros homens. Perguntei se todos estavam recebendo o mesmo tipo de treinamento que o meu. Ela me garantiu que não. "Eles são engenheiros", disse ela. "Eles projetam usinas elétricas, linhas de transmissão e distribuição e portos marítimos e estradas para distribuir o combustível. Você é aquele que prediz o futuro. As suas previsões determinam a magnitude dos sistemas que eles projetam... e o tamanho dos

empréstimos. Veja só, você é a chave."

Todas as vezes que eu saía do apartamento de Claudine, ficava me perguntando se estava fazendo a coisa certa. No fundo do coração, eu suspeitava que não. Mas as frustrações do meu passado me perseguiam. A MAIN parecia oferecer tudo o que faltava na minha vida, e ainda assim eu continuava me questionando se Tom Paine teria aprovado. No fim das contas, eu me convenci de que depois de aprender mais, passar pela experiência, poderia questionar melhor mais tarde — a velha justificativa "visão de dentro".

Quando comentei essa ideia com Claudine, ela me lançou um olhar de perplexidade. "Não seja ridículo. Depois que você estiver dentro, nunca mais poderá sair. Você precisa se decidir de uma vez por todas, antes de ir mais fundo."

Compreendi o que ela queria dizer e o que ela dizia me assustou. Depois que saí, desci pela Commonwealth Avenue, virei na Dartmouth Street e me assegurei de que eu era a exceção.

Uma tarde alguns meses depois, Claudine e eu estávamos sentados à janela observando a neve cair na Beacon Street. "Somos um clube bem pequeno e exclusivo", ela me disse. "Somos pagos... muito bem pagos... para enganar países ao redor do mundo e subtrair-lhes bilhões de dólares. Uma grande parte do seu trabalho é encorajar os líderes mundiais a fazer parte de uma extensa rede de conexões operacionais que promove os interesses comerciais americanos. No final das contas, esses líderes acabam enredados nessa teia de dívidas que assegura a lealdade deles. Poderemos aliciá-los sempre que desejarmos — para atender às nossas necessidades políticas, econômicas ou militares. Em troca, esses líderes sustentam as suas posições políticas com a construção de parques industriais, usinas energéticas e aeroportos para o seu povo. Enquanto isso, os proprietários americanos de empresas de engenharia e construção tornam-se muito ricos."

Naquela tarde, no aconchego idílico do apartamento de Claudine, relaxando à janela enquanto a neve rodopiava lá fora, aprendi a história da profissão em que estava prestes a ingressar. Claudine explicou como, ao longo da maior parte da história, os impérios se erigiam amplamente pelo uso da força armada ou pela ameaça do seu uso. Mas com o fim da Segunda Guerra Mundial, o surgimento da União Soviética e o espectro de um holocausto nuclear, a solução militar tornara-se arriscada demais. O momento decisivo ocorreu em 1951, quando o Ira se levantou contra uma empresa petrolífera britânica que estava explorando os recursos naturais e o povo iraniano. A empresa era uma precursora da British Petroleum, a atual BP. Em resposta, o primeiro-ministro iraniano, altamente popular e eleito democraticamente (além de "Homem do Ano" de 1951, segundo a revista *Time*), Mohammad Mossadegh, nacionalizou todos os recursos petrolíferos iranianos. A Inglaterra, ultrajada, buscou a ajuda do seu aliado na Segunda (aterra Mundial, os Estados Unidos. No entanto, os dois países temiam que uma retaliação militar fizesse com que a União Soviética saísse em socorro do Ira.

Em vez de mandar os fuzileiros navais, portanto, Washington despachou para lá o agente da CIA, Kermit Roosevelt (neto de Theodore). Ele teve uma atuação excepcional, aliciando pessoas por meio de subornos e ameaças. Em seguida insuflou essas pessoas a organizar uma série de tumultos nas ruas e violentas manifestações, criando a impressão de que Mossadegh seria tanto impopular quanto incompetente. No fim, Mossadegh foi deposto e passou o resto da vida em prisão domiciliar. O xá Mohammad Reza, favorável à política americana, tornou-se o ditador incontestável. Kermit Roosevelt abriu o caminho para uma nova profissão, aquela em cujas fileiras eu estava me alistando.¹⁷

A manobra de Roosevelt remodelou a história do Oriente Médio ao mesmo tempo que tornava obsoletas todas as antigas estratégias para a construção de um império. Também coincidiu com o início de experimentos sobre "ações militares limitadas sem o uso de armas nucleares", que acabaram resultando nas humilhações americanas na Coreia e no Vietnã. Em 1968, o ano em que fui entrevistado pela ASN, tornara-se claro que se os Estados Unidos quisessem *realizar* o seu sonho de império mundial (conforme imaginaram homens como os presidentes Johnson e Nixon), teriam de empregar estratégias nos moldes do exemplo iraniano de Roosevelt. Essa seria a única maneira de vencer os soviéticos sem a ameaça de uma guerra nuclear.

¹⁷ Para um relato detalhado dessa operação fatal, veja Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2003).

Havia um problema, contudo. Kermit Roosevelt era um funcionário da CIA. Se ele tivesse sido pego, as consequências teriam sido terríveis. Ele orquestrara a primeira operação americana que derrubara um governo estrangeiro, e era provável que muitas outras semelhantes a sucedessem, mas era importante encontrar um método de atuar que não implicasse Washington diretamente.

Felizmente para os estrategistas, a década de 1960 também atestou outro tipo de revolução: o fortalecimento de corporações internacionais e de organizações multinacionais a exemplo do Banco Mundial e do FMI. Este último era financiado basicamente pelos Estados Unidos e as nossas irmãs imperialistas da Europa. Uma relação simbiótica se desenvolveu entre governos, corporações e organizações multinacionais.

Na época em que eu entrei na faculdade de administração de empresas, uma solução para o problema "Roosevelt como agente da CIA" já tinha sido resolvida. As agências de informações americanas — incluindo a ASN — identificariam potenciais candidatos a AE, que poderiam então ser contratados por corporações internacionais. Esses AEs jamais seriam pagos pelo governo; em vez disso, eles tirariam o salário do setor privado. Como resultado disso, o seu trabalho sujo, se aparecesse, seria creditado à ganância corporativa em vez de uma política governamental. Além disso, as corporações que os contratassem, embora pagas pelas agências governamentais e as suas contrapartidas bancárias multinacionais (com dinheiro dos contribuintes), seriam isoladas da supervisão do Congresso e das investigações públicas, escudadas por um corpo crescente de iniciativas legais, incluindo marcas registradas, comércio internacional e leis sobre liberdade de informação.¹⁸

"Veja só", concluiu Claudine, "nós somos a nova geração de uma orgulhosa tradição que remonta à época em que você ainda estava no curso primário."

¹⁸ Jane Mayer, "Contract Sport: What Did the Vice-President Do for Halliburton?", *New Yorker*, 16-23 de fevereiro de 2004, p. 83.

CAPÍTULO 3

Indonésia: Lições para um AE

Além de conhecer a minha nova carreira, eu também passava um bom tempo lendo livros sobre a Indonésia. "Quanto mais você souber sobre um país antes de chegar lá, mais fácil será o seu trabalho", advertira Claudine. Levei os conselhos dela muito a sério.

Quando Colombo zarpou em 1492, estava tentando chegar à Indonésia, conhecida na época como as Ilhas das Especiarias. Ao longo de todo o período colonial, ela foi considerada um tesouro que valia muito mais do que as Américas. Java, com os seus tecidos suntuosos, especiarias fabulosas e reinos opulentos, foi tanto a jóia da coroa quanto o cenário de violentos embates entre aventureiros espanhóis, holandeses, portugueses e britânicos. A Holanda saiu triunfante em 1750, mas muito embora os holandeses controlassem Java, eles precisaram de mais de 150 anos para subjugar as ilhas circunvizinhas.

Quando os japoneses invadiram a Indonésia durante a Segunda Guerra Mundial, as forças holandesas ofereceram pouca resistência. Em consequência disso, os indonésios, especialmente os javaneses, sofreram terrivelmente. Em seguida à rendição japonesa, um líder carismático chamado Sukarno apareceu para declarar a independência. Quatro anos de lutas finalmente terminaram em 27 de dezembro de 1949, quando os holandeses arriaram a sua bandeira e devolveram a soberania a um povo que não conhecia nada além de lutas e dominação por mais de três séculos. Sukarno tornou-se o primeiro presidente da nova república.

Governar a Indonésia, contudo, mostrou-se um desafio maior do que derrotar os holandeses. Longe de ser homogêneo, o arquipélago de cerca de 17.500 ilhas era um caldeirão fervente de tribalismo, culturas divergentes, dezenas de idiomas e dialetos, além de grupos de diferentes etnias que acalentavam hostilidades seculares. Os conflitos eram frequentes e brutais, e Sukarno deu um basta. Suspendeu o Parlamento em 1960 e foi nomeado presidente vitalício em 1963. Estreitou alianças com governos comunistas em todo o mundo, em troca de treinamento e equipamentos militares. Enviou tropas indonésias armadas pela Rússia para a vizinha Malásia numa tentativa de disseminar o comunismo por todo o Sudeste Asiático e conquistou a aprovação dos líderes socialistas mundiais.

A oposição cresceu e um golpe foi desfechado em 1965. Sukarno escapou de ser assassinado apenas pela rápida interferência da esposa. Muitos dos seus chefes militares e os seus mais próximos colaboradores não tiveram semelhante sorte. Os acontecimentos eram reminiscências daqueles ocorridos no Ira em 1953. No fim, o Partido Comunista foi responsabilizado — especialmente as facções alinhadas com a China. Nos massacres iniciados nas Forças Armadas que se sucederam, um total estimado de 300 mil a 500 mil pessoas foram mortas. O comandante militar, general Suharto, tomou posse como presidente em 1968.¹⁹

Em 1971, a determinação dos Estados Unidos de afastar a Indonésia do comunismo cresceu porque o resultado da guerra do Vietnã estava parecendo muito incerto. O presidente Nixon começara uma série de retiradas de tropas no verão de 1969 e a estratégia americana assumia uma perspectiva mais mundial. A estratégia concentrava-se em impedir um efeito dominó de um país após outro caindo sob o domínio comunista, e concentrara-se em dois países; a Indonésia era a chave. O projeto de eletrificação da MAIN era parte de um plano abrangente para assegurar o domínio americano no Sudeste Asiático.

A premissa da política externa americana era que Suharto serviria a Washington de maneira semelhante ao xá do Ira. Os Estados Unidos também esperavam que a nação servisse como um modelo para outros países da região. Washington baseou parte da sua estratégia no pressuposto de que os ganhos obtidos na Indonésia poderiam ter repercussões positivas por todo o mundo islâmico, especialmente no explosivo Oriente Médio. E se isso não fosse incentivo suficiente, a Indonésia ainda tinha petróleo. Ninguém conhecia ao certo a magnitude ou a qualidade das suas reservas, mas os sismologistas das companhias petrolíferas eram superlativos quanto às

¹⁹ Para saber mais sobre a Indonésia e a sua história, veja Jean Gelman Taylor, *Indonésia: Peoples and Histories* (New Haven e Eondres: Yale University Press, 2003); e Theodorr Friend, *Indonesian. Destinies* (Cambridge, MA, e Londres: The Belknap Press of Harvard University, 2003).

possibilidades.

A medida que eu meditava sobre os livros da biblioteca municipal, o meu entusiasmo crescia. Comecei a imaginar as aventuras à minha frente.

Trabalhando para a MAIN, eu estaria trocando o rude estilo de vida do Corpo de Paz por um outro muito mais luxuoso e glamouroso. O meu estágio com Claudine já representara a realização de uma das minhas fantasias; parecia bom demais para ser verdade. No mínimo eu me sentia em parte justificado por passar aquele período naquela escola preparatória só para homens.

Alguma coisa a mais também estava acontecendo na minha vida: Ann e eu não estávamos nos dando bem. Acho que ela deve ter percebido que eu estava tendo uma vida dupla. Eu me justificava como o resultado lógico do ressentimento que sentia contra ela ter-me forçado a casar antes de mais nada. Não interessa que ela tenha me sustentado e suportado ao longo dos desafios da nossa missão no Corpo de Paz no Equador; eu ainda a via como uma continuação do meu padrão de abandonar o controle dos meus pais. É claro que, quando olho para trás, estou certo que o meu relacionamento com Claudine era o fator mais importante. Eu não podia contar a Ann sobre isso, mas ela sentia. Em todo caso, decidimos nos mudar para apartamentos separados.

Um dia em 1971, cerca de uma semana antes da minha partida programada para a Indonésia, ao chegar à casa de Claudine encontrei a mesa de centro da sala de jantar disposta com um sortimento de queijos e pães, e havia ainda uma bela garrafa de Beaujolais. Ela me brindou. "Você conseguiu." Sorriu, mas alguma coisa parecia menos que sincero. "Agora você é um de nós."

Conversamos sobre nada especial por cerca de meia hora; então, enquanto acabávamos com o vinho, ela me dirigiu um olhar diferente de todos os que eu já vira antes. "Jamais conte a ninguém sobre os nossos encontros", disse num tom de voz solene. "Nunca o perdorei por isso, jamais, e vou negar toda vez que encontrar você." Ela me fuzilou com o olhar — talvez única ocasião em que me senti ameaçado por ela — e então me deu um sorriso frio. "Falar sobre nós tornará a sua vida mais perigosa."

Fiquei embasbacado. Sentia-me péssimo. Mas depois, quando caminhava sozinho para o Prudential Center, tive de admitir a esperteza do esquema. O fato era que todo o nosso tempo juntos fora gasto no apartamento dela. Não havia o menor resquício de prova sobre o nosso relacionamento, e ninguém na MAIN estava implicado de maneira nenhuma. Havia também uma parte de mim que gostava da honestidade dela; ela não me decepcionara da maneira como os meus pais tinham feito a respeito de Tilton e Middlebury.

CAPÍTULO 4

Salvando um País do Comunismo

Eu fazia uma imagem romanceada da Indonésia, o país onde iria viver pelos próximos três meses. Alguns dos livros que eu lera apresentavam fotografias de mulheres lindas vestidas com sarongues de cores vistosas, exóticas dançarinas balinesas, xamãs soprando fogo e guerreiros remando canoas compridas escavadas em um tronco de árvore em águas cor de esmeralda ao pé de vulcões expelindo fumaça. Especialmente tocante era uma série de galeões magníficos de velas pretas do infame pirata Bugi, que ainda navegava pelos mares do arquipélago e que aterrorizara tanto os primeiros navegantes europeus que, ao voltar para casa, amedrontavam os filhos: "Comportem-se, ou os piratas de Bugi virão pegar vocês". Ah, como aquelas imagens inflamaram a minha alma.

A história e as lendas daquele país representam uma cornucópia de imagens maiores-que-a-vida: deuses furiosos, dragões de Komodo, sultões tribais e antigas lendas que muito antes do nascimento de Cristo já atravessavam as montanhas asiáticas, passando pelos desertos persas e chegando até o Mediterrâneo para se incrustarem nos recônditos mais profundos da nossa psique coletiva. Os próprios nomes das suas ilhas fabulosas —Java, Sumatra, Bornéu, Sulawesi — seduzem os nossos pensamentos. Ali estava uma terra de misticismo, mitos e *beleza* erótica; um tesouro fugidio visto mas nunca encontrado por Colombo; uma princesa cortejada mas ainda assim nunca possuída pela Espanha, pela Holanda, por Portugal, pelo Japão; uma fantasia e um sonho.

As minhas expectativas eram elevadas, e acredito que eram semelhantes às dos grandes exploradores. Assim como Colombo, eu devia ter sabido moderar as minhas fantasias. Talvez eu pudesse ler adivinhado que o farol sinaliza para um destino que nem sempre é aquele que imaginamos. A Indonésia oferecia tesouros, mas não era o cofre de panaceias que CU estava esperando. Jacarta, no verão de 1971, era chocante.

A beleza com certeza estava presente. Lindas mulheres exibindo sarongues coloridos. Jardins luxuriantes com flores tropicais em pleno fulgor. Exóticas dançarinas balinesas. Táxis em bicicletas com cenas fantasiosas com todas as cores do arco-íris pintadas nas laterais dos assentos altos, onde os passageiros se reclinavam em frente do condutor-ciclista. Mansões coloniais holandesas e mesquitas com minaretes. Mas havia também um lado feio, trágico da cidade. Leprosos ostentando cotos ensanguentados em lugar de mãos. Meninas oferecendo o corpo em troca de poucas moedas. Os canais holandeses antes esplêndidos haviam se convertido em fossas sanitárias. Choupanas de papelão onde famílias inteiras viviam entulhavam as margens dos rios enegrecidos. Buzinas ensurdecedoras e fumaças sufocantes. O belo e o feio, o elegante e o vulgar, o espiritual e o profano. Essa era Jacarta, onde o sedutor aroma de cravo-da-índia e florações de orquídeas procuravam se sobrepor ao miasma do esgoto a céu aberto.

Eu já vira muita pobreza antes. Alguns dos meus colegas de classe de New Hampshire viviam em cabanas de aglomerado sem água quente e chegavam à escola usando paletós fininhos e tênis puídos em dias de inverno com a temperatura abaixo de zero, o corpo carente de um banho recendendo a suor velho e estrume. Eu vivera em casebres de barro com os camponeses andinos cuja alimentação consistia quase sempre de milho seco e batatas, e onde às vezes parecia que um recém-nascido teria mais probabilidade de morrer antes de completar o primeiro ano de vida. Eu tinha visto pobreza, mas nada que me preparasse para Jacarta.

A nossa equipe, é claro, ficou aquartelada no hotel mais extravagante do país, o Hotel Intercontinental Indonésia. Propriedade da Pan American Airways, como o resto da cadeia Intercontinental espalhada pelo mundo, ele atendia aos caprichos gastronômicos e acomodatórios de estrangeiros endinheirados, especialmente executivos de companhias petrolíferas e as suas famílias. Na noite do nosso primeiro dia, o nosso gerente de projeto Charlie Illingworth nos proporcionou um jantar no luxuoso restaurante no andar superior.

Charlie era um perito em guerra; dedicava a maior parte do seu tempo de folga à degustação de livros de história e romances históricos sobre grandes líderes militares e batalhas. Ele era o modelo ideal do soldado de gabinete em favor da guerra do Vietnã. Como de costume, nessa noite ele usava calça de brim caqui e camisa de mangas curtas também de brim caqui com dragonas no estilo militar.

Depois de nos dar as boas-vindas, ele acendeu um charuto.

"À boa vida", ele suspirou, erguendo a taça de champanhe.

Nós o acompanhamos.

"À boa vida." As nossas taças tilintaram.

A fumaça do charuto revolteando ao seu redor, Charlie correu o olhar pelo salão. "Seremos bem paparicados aqui", disse, inclinando a cabeça de modo aprovador. "Os indonésios vão nos tratar muito bem. Assim como o pessoal da Embaixada americana. Mas não vamos nos esquecer de que temos uma missão a cumprir." Ele baixou o olhar para um punhado de cartões de anotações. "Sim, estamos aqui para desenvolver um plano geral para a eletrificação de Java: a terra mais populosa do mundo. Mas essa é apenas a ponta do iceberg."

A expressão dele tornou-se séria; ele me fez lembrar de George C. Scott interpretando o general Patton, um dos heróis de Charlie. "Estamos aqui para conseguir nada menos que salvar este país das garras do comunismo. Como vocês sabem, a Indonésia tem uma longa e trágica história. Agora, no momento em que está pronta para se lançar no século XX, será testada uma vez mais. A nossa responsabilidade é assegurar que a Indonésia não siga as pegadas dos seus vizinhos do norte, Vietnã, Camboja e Laos. Um sistema de eletrificação integrado é um elemento-chave. Esse, mais do que nenhum outro fator isolado (com a possível exceção do petróleo), irá assegurar que o capitalismo e a democracia imperem.

"Falando em petróleo", continuou ele. Deu outra baforada no seu charuto e virou de passagem dois cartões de anotações sobre a mesa. "Todos sabemos quanto o nosso país depende do petróleo. A Indonésia pode ser um importante aliado nosso quanto a esse aspecto. Portanto, enquanto desenvolvem esse plano geral, por favor façam tudo quanto puderem para se assegurar de que o setor petrolífero e todos os outros que o atendem: portos, oleodutos, empresas construtoras... recebam tudo de que provavelmente precisam no que diz respeito à eletricidade por toda a duração desse plano de 25 anos."

Ele ergueu os olhos dos cartões de anotações e olhou diretamente para mim. "É melhor errar para mais do que subestimar. Você não quer o sangue das crianças indonésias... ou o nosso próprio... nas suas mãos. Você não quer que eles vivam sob a foice e o martelo ou à sombra da bandeira vermelha da China!"

Quando me deitei na minha cama naquela noite, bem no alto da cidade, seguro na minha luxuosa suíte de primeira classe, formou-se na minha mente uma imagem de Claudine. Os seus sermões sobre dívida externa me assombraram. Tentei me confortar recordando as lições aprendidas nos meus cursos de macroeconomia na faculdade de administração. Acima de tudo, disse para mim mesmo, estou aqui para ajudar a Indonésia a renascer depois de uma economia medieval e assumir o seu lugar no moderno mundo industrial. Mas eu sabia que na manhã seguinte, quando olhasse pela minha janela, para além da opulência dos jardins e piscinas do hotel, veria a infinidade de telhados de favelas espalhados por quilômetros. Eu sabia que bebês estavam morrendo ali por falta de alimento e água potável, e que crianças e adultos da mesma maneira sofriam com doenças horríveis e viviam em condições terríveis.

Agitando-me e revirando-me na cama, eu achei impossível negar que tanto Charlie quanto qualquer outro da nossa equipe estivessem ali por razões egoístas. Estávamos promovendo a política externa e os interesses corporativos americanos. Éramos movidos mais pela ganância de lucros do que por algum desejo de tornar a vida melhor para a imensa maioria dos indonésios. Uma palavra formou-se nos meus pensamentos: corporatocracia. Eu não tinha certeza se a ouvira antes ou acabara de inventá-la, mas ela parecia caracterizar perfeitamente a nova elite que tinha se decidido a tentar governar o planeta.

Isso era quase uma fraternidade de cavaleiros justos constituída de uns poucos homens com objetivos comuns, e os membros da fraternidade mudavam de posição com facilidade e geralmente entre as diretorias de corporações e cargos no governo. Ocorreu-me que o presidente do Banco Mundial naquele momento, Robert

McNamara, era um exemplo perfeito disso. Ele trocara o cargo de presidente da Ford Motor Company pelo de secretário de Defesa sob os presidentes Kennedy e Johnson, e agora ocupava o posto mais elevado da mais poderosa instituição financeira do mundo.

Também compreendi que os professores da minha faculdade não haviam entendido a verdadeira natureza da macroeconomia: que em muitos casos ajudar uma economia a crescer apenas torna aquelas poucas pessoas que se sentam nos postos mais elevados da pirâmide ainda mais ricas, enquanto não faz nada por aquelas na base a não ser empurrá-los ainda mais para baixo. Na verdade, promover o capitalismo geralmente resulta em um sistema que lembra as sociedades feudais medievais. Se algum dos meus professores soubesse disso, não admitiria — provavelmente porque as grandes corporações, e os homens que as controlam, fundam faculdades. Expor a verdade iria indubitavelmente custar o emprego daqueles professores — assim como essas revelações poderiam custar o meu.

Esses pensamentos continuaram a perturbar o meu sono todas as noites que passei no Hotel Intercontinental Indonésia. No fim, a minha defesa fundamental era altamente pessoal: eu tinha vencido com muita luta desde aquela cidade de New Hampshire, a escola preparatória, o esboço. Por uma combinação de coincidências e muito trabalho, eu conquistara um lugar na boa vida. Eu também me confortava com o fato de que estava fazendo a coisa certa aos olhos da minha cultura. Estava no caminho de me tornar um economista respeitado e de sucesso. Estava fazendo aquilo para o que a faculdade de administração me preparara. Estava ajudando a implementar um modelo de desenvolvimento que era sancionado pelas melhores mentes das assessorias de mais alto nível do mundo.

Não obstante, no meio da noite eu sempre tinha de me consolar com uma promessa de que algum dia revelaria toda a verdade. Então eu adormecia lendo os romances de Louis EAmour sobre os pistoleiros do Velho Oeste.

CAPÍTULO 5

Vendendo a Minha Alma

A nossa equipe de onze homens passou seis dias em Jacarta cadastrando-se na Embaixada americana, reunindo-se com diversos funcionários públicos, organizando-se e relaxando ao redor da piscina. O número de americanos que moravam no Hotel Intercontinental me deixou impressionado. Tive grande prazer em observar as lindas jovens — esposas de executivos de empresas de construção e de companhias petrolíferas — que passavam o dia na piscina e as noites na meia dúzia de elegantes restaurantes da moda no hotel e ao redor dele.

Então Charlie levou a nossa equipe para a cidade de Bandung, nas montanhas. O clima era mais ameno, a pobreza menos óbvia e as distrações menores. Deram-nos uma casa de hóspedes do governo conhecida como Wisma, completa com um gerente, um cozinheiro, um jardineiro e uma equipe de criados. Construída durante o período colonial holandês, Wisma era um paraíso. Sua varanda espaçosa dava de frente para as plantações de chá que se estendiam sem interrupção por colinas ondulantes e até o alto das escarpas das montanhas vulcânicas de Java. Além das acomodações, tínhamos à nossa disposição onze veículos Toyota próprios para estradas acidentadas, cada um com um motorista e um tradutor. Finalmente, éramos presenteados com o título de sócios do exclusivo Bandung Golf and Racket Club, e alojados num conjunto de escritórios na sede local da Perusahaan Umum Listrik Negara (PEN), a empresa pública de fornecimento de energia elétrica do governo.

Para mim, os primeiros vários dias em Bandung envolveram uma série de reuniões com Charlie e Howard Parker. Howard estava na casa dos 70 e era o encarregado-chefe das previsões de carga aposentado da New England Electric System. No momento ele era responsável pela previsão da quantidade de energia e capacidade geradora (a carga) de que a ilha de Java precisaria nos 25 anos seguintes, assim como pela sua projeção em previsões para a cidade e região. Uma vez que a demanda de eletricidade está intimamente relacionada com o crescimento econômico, as previsões dele dependiam das minhas projeções econômicas. O resto da nossa equipe iria desenvolver o plano geral em torno dessas previsões, localizando e projetando usinas elétricas, linhas de transmissão e distribuição e sistemas de transporte de combustíveis de maneira que satisfizesse as nossas projeções da maneira mais eficiente possível. Durante as nossas reuniões, Charlie enfatizava continuamente a importância do meu trabalho, e ele me assinalava quanto à necessidade de ser muito otimista nas minhas previsões. Claudine estava certa; eu era a chave de todo o plano geral.

"As primeiras semanas aqui", Charlie explicou, "serão para a coleta de informações."

Ele, Howard e eu estávamos sentados em grandes cadeiras de palhinha no chique e luxuoso escritório privativo de Charlie. As paredes eram forradas com tapeçarias estampadas em *batik* ilustrando lendas épicas dos antigos livros hindus do Ramayana. Charlie soltava baforadas de um grosso charuto.

"Os engenheiros vão compor um quadro detalhado do atual sistema elétrico, capacidades portuárias, estradas, ferrovias, todo esse tipo de coisa." Ele apontou o charuto para mim. "Você terá de andar depressa. No final do primeiro mês, Howard precisa ter uma boa ideia sobre toda a extensão dos milagres econômicos que vão ocorrer quando colocarmos a nova programação em funcionamento. No fim do segundo mês, vamos precisar de mais detalhes... divididos por regiões. No último mês estaremos prontos para preencher as lacunas. Isso será decisivo. Todos nós vamos pôr as nossas cabeças para funcionar juntas. Portanto, antes de irmos embora, teremos de ter absoluta certeza de que temos todas as informações de que iremos precisar. Deveremos voltar para casa lá pelo Dia de Ação de Graças, esse é o meu palpite. Não tem discussão."

Howard parecia ser um tipo amigável, com um jeito de avô, mas na verdade era um velho amargurado que se sentia traído pela vida. Ele nunca chegara ao topo do New England Electric System e se ressentia profundamente disso, "Fui passado para trás", ele me disse várias vezes, "porque me recusei a comprar a linha de transmissão da

empresa." Ele fora forçado a se aposentar e então, incapaz do suportar ficar em casa com a esposa, aceitara um emprego como consultor da MAIN. Aquela era a sua segunda missão, e eu fora advertido tanto por Einar quanto por Charlie para tomar cuidado com ele. Eles o classificaram com palavras como *teimoso*, *mesquinho* e vingativo.

Conforme se evidenciou, Howard foi um dos meus mais sábios professores, embora não do tipo que eu estivesse pronto para aceitar na época. Ele nunca recebera o tipo de treinamento que Claudine me ministrara. Acho que o consideravam velho demais, ou talvez teimoso demais. Ou talvez imaginaram que ele tivesse entrado por pouco tempo, até que eles conseguissem aliciar um colaborador em tempo integral como eu. Seja como for, do ponto de vista deles, ele se revelou um problema. Howard via claramente a situação e o papel que queriam que desempenhasse, e estava determinado a não ser um peão. Todos os adjetivos que Einar e Charlie usaram para classificá-lo eram adequados, mas pelo menos algo da sua teimosia resultara da sua decisão pessoal de não ser um escravo para eles. Duvido que ele jamais tenha ouvido a expressão "assassino económico", mas ele sabia que eles pretendiam usá-lo para promover uma forma de imperialismo com a qual ele não podia concordar.

Ele me puxou para um lado depois de uma das nossas reuniões com Charlie. Usava um aparelho auditivo e vivia mexendo na caixinha embaixo da camisa onde controlava o volume.

"Isso fica entre nós", Howard disse em voz baixa. Estávamos próximos à janela do escritório que dividíamos, olhando para o canal de água parada que circundava o prédio da PLN. Uma jovem banhava-se nas suas águas imundas, tentando reter alguma aparência de modéstia ao envolver frouxamente um sarongue ao redor do corpo nu. "Eles vão tentar convencê-lo de que esta economia está prestes a disparar como um foguete", disse ele. "Charlie é impiedoso. Não deixe que o impressione."

As palavras dele me deram uma sensação de afundar, mas também uma vontade de convencê-lo de que Charlie estava certo; afinal de contas, a minha carreira dependia de agradar os meus chefes na MAIN.

"Sem dúvida esta economia vai passar por um rápido crescimento", eu disse, os olhos atraídos pela mulher no canal. "Basta ver o que está acontecendo."

"Aí está você", ele murmurou, aparentemente indiferente à cena à nossa frente. "Você já entrou na deles, não entrou?"

Um movimento acima do canal chamou a minha atenção. Um velho que descera da barreira baixou as calças e se agachou na borda da água para atender a um chamado da natureza. A jovem o viu mas não se abalou; continuou se banhando. Eu me afastei da janela e olhei diretamente para Howard.

"Tenho alguma experiência", disse. "Posso ser jovem, mas acabo de voltar de três anos na América do Sul. Fui testemunha do que pode acontecer quando se descobre petróleo. As coisas mudam rápido."

"Ah, eu também passei por algumas experiências", ele caçoou. "Por uma porção de anos. Vou lhe dizer uma coisa, rapaz. Não dou a mínima para as suas descobertas de petróleo e todo o resto. Fiz previsões de carga de eletricidade durante toda a minha vida: durante a Depressão, Segunda Guerra Mundial, épocas de baixa e crescimento. Eu vi o que a Rota 128 então chamada 'Milagre de Massachusetts' fez por Boston. E posso dizer com segurança que nenhuma carga de eletricidade jamais cresceu por mais do que 7 a 9 por cento ao ano durante qualquer período sustentado. E isso no melhor dos tempos. Seis por cento é mais razoável."

Eu fiquei olhando para ele. Em parte suspeitava que ele estava certo, mas estava na defensiva. Sabia que precisava convencê-lo, porque a minha própria consciência implorava em altos brados uma justificativa.

"Howard, isto aqui não é Boston. Este é um país onde, até agora, ninguém podia nem ter energia elétrica em casa. As coisas são diferentes aqui."

Ele virou nos calcanhares e acenou com a mão como se quisesse apagar a minha figura.

"Vá em frente", ele falou entre os dentes. "Venda-se. Não dou a mínima para o que você apresentar." Ele arrastou com violência a cadeira da escrivaninha e caiu sentado nela. "Vou fazer a minha previsão de eletricidade baseado no que acredito, não em algum estudo económico mirabolante." Ele pegou o lápis e começou a rabiscar num bloco de papel.

Era um desafio que eu não poderia ignorar. Postei-me diante da sua escrivaninha.

"Você vai ficar parecendo um idiota se eu apresentar o que todo mundo espera... um crescimento acelerado que rivalize com a corrida do ouro da Califórnia... e as

suas previsões de crescimento de demanda de eletricidade foram comparadas às taxas de Boston na década de 1960."

Ele jogou o lápis sobre a escrivaninha e me fuzilou com o olhar.

"Exorbitante! É o que tudo isso é. Você... todos vocês...", ele agitava os braços para os escritórios além das paredes, "venderam a alma ao demônio. Vocês só pensam em dinheiro. Agora", ele esboçou um sorriso e tocou a caixinha embaixo da camisa, "estou desligando o meu aparelho auditivo e voltando ao trabalho."

Aquilo me abalou profundamente. Saí da sala batendo os pés e me encaminhei para o escritório de Charlie. No meio do caminho, parei, em dúvida sobre o que pretendia fazer. Em vez de ir em frente, dei meia-volta e desci as escadas, saindo do prédio, para receber o sol da tarde. A jovem estava saindo do canal, o sarongue amarrado firmemente ao redor do corpo. O velho tinha sumido. Diversos meninos brincavam no canal, mergulhando e jogando água uns nos outros. Uma velha ajoelhara-se no fundo da água, e escovava os dentes; outra esfregava roupas.

Senti um grande nó na garganta. Sentei-me em um pedaço de uma laje de concreto, tentando ignorar o intenso mau cheiro do canal. Precisei fazer um esforço para conter as lágrimas; eu precisava entender por que eu me sentia tão infeliz.

Você está nisso por dinheiro. As palavras de Howard ecoaram no meu pensamento várias vezes. Ele atingira um nervo exposto.

Os meninos continuavam a jogar água uns nos outros, enchendo o ar com as suas vozes exultantes. Imaginei o que poderia fazer. O que seria preciso para me tornar tão despreocupado quanto eles? A pergunta me atormentou pelo tempo que fiquei ali sentado observando-os brincar na sua feliz inocência, aparentemente inconscientes do risco que corriam brincando naquela água fétida. Um velho encurvado apoiado num bastão retorcido claudicava ao longo da barreira acima do canal. Ele parou olhando para os meninos e sua face se abriu num sorriso desdentado.

Talvez eu pudesse confiar em Howard; quem sabe juntos encontrássemos uma solução. Imediatamente experimentei uma sensação de alívio. Peguei uma pedrinha e atirei-a no canal. Enquanto as ondulações que ela provocara se desmanchavam, no entanto, o mesmo aconteceu com a minha euforia. Eu sabia que não poderia fazer aquilo. Howard era velho e amargo. Ele já deixara para trás as oportunidades de avançar na própria carreira. Com certeza, ele não lutaria agora. Eu era jovem, no começo da carreira, e certamente não queria acabar como ele.

Olhando para a água pútrida do canal, uma vez mais eu vi imagens da escola preparatória de New Hampshire na colina, onde eu passava os feriados sozinho enquanto os outros meninos saíam para os seus bailes de debutante. Pouco a pouco a realidade triste se estabelecia. Mais uma vez, não havia ninguém com quem eu pudesse contar.

Naquela noite fiquei deitado na cama, pensando por um longo tempo sobre as pessoas da minha vida — Howard, Charlie, Claudine, Ann, Einar, Tio Frank — imaginando como seria a minha vida se nunca as tivesse conhecido. Onde será que estaria vivendo? Não na Indonésia, com certeza. Pensei também sobre o meu futuro, sobre para onde eu estava me encaminhando. Ponderei sobre a decisão que me confrontava. Charlie deixara claro que esperava que Howard e eu apresentássemos taxas de crescimento de no mínimo 17 por cento ao ano. Que tipo de previsão eu faria?

De repente surgiu-me um pensamento que acalmou a minha alma. Por que aquilo não me ocorrera antes? A decisão não era minha absolutamente. Howard tinha dito que faria o que considerava correto, independentemente das minhas conclusões. Por mais elevadas que fossem as previsões que eu apresentasse aos meus chefes a decisão dele seria a mesma; o meu trabalho não teria efeito nenhum sobre o plano geral. As pessoas enfatizavam a importância do meu papel, mas elas estavam enganadas. Aquilo foi como tirar um grande peso das minhas costas. Adormeci profundamente.

Alguns dias depois, Howard adoeceu acometido de um grave acesso de amebíase. Nós o levamos às pressas a um hospital missionário católico. Os médicos prescreveram a medicação e recomendaram enfaticamente que ele retornasse imediatamente aos Estados Unidos. Howard nos garantiu que já tinha todas as informações de que precisava e poderia concluir com facilidade a previsão de carga a partir de Boston. As palavras que ele me dirigiu antes de partir foram uma reiteração da advertência que fizera antes.

"Não esquite a cabeça com os números", disse ele. "Não vou fazer parte desse engodo, não importa o que você diga sobre os milagres do crescimento

econômico!"

SEGUNDA PARTE: 1971-1975

CAPITULO 6

No Papel de Inquisidor

Os nossos contratos com o governo indonésio, o Asian Development Bank e a USAID requeriam que alguém da nossa equipe visitasse todos os maiores centros populacionais da área coberta pelo plano geral. Eu fui designado para atender a essa condição. Conforme Charlie observou, "Você sobreviveu à Amazónia; sabe lidar com percevejos, cobras e água contaminada".

Acompanhado de um motorista e um tradutor, visitei muitos lugares lindos e fiquei em algumas pousadas bem tristes. Reuni-me com empresários e líderes políticos locais e ouvi suas opiniões sobre as perspectivas de crescimento económico. No entanto, achei a maioria deles relutante a compartilhar informações comigo. Eles pareciam intimidados pela minha presença. Na maioria dos casos, diziam que precisariam consultar os chefes, as agências governamentais ou a sede da empresa em Jacarta. Em algumas ocasiões, cheguei a suspeitar de algum tipo de conspiração contra mim.

Essas viagens geralmente eram curtas, não se estendendo por mais de dois ou três dias. Nos intervalos, eu retornava a Wisma, em Bandung. A mulher que gerenciava o local tinha um filho alguns anos mais novo do que eu. O nome dele era Rasmon, mas para todo mundo a não ser para a mãe ele era Rasy. Um aluno de economia da universidade local, ele imediatamente se interessou pelo meu trabalho. Na verdade, desconfiei de que a certa altura ele *me* procuraria para pedir um emprego. Ele também começou a me ensinar a falar a *bahasa* indonésia.

Criar uma língua fácil de aprender fora a principal prioridade do presidente Sukarno depois que a Indonésia conquistou a sua independência da Holanda. Mais de 350 línguas e dialetos eram falados em todo o arquipélago,²⁰ e SuKarno entendeu que o país precisava de um vocabulário comum para unir as populações de tantas ilhas e culturas. Recrutou uma equipe internacional de linguistas e a *bahasa* indonésia foi um resultado altamente compensador. Baseada no malaio, ela evita muitas das mudanças de tempo, verbos irregulares e outras complicações que caracterizam a maioria das línguas. No início da década de 1970, a grande maioria dos indonésios falava a nova língua, embora continuasse a depender do javanês ou outros dialetos locais nas suas comunidades. Rasy era um ótimo professor com um maravilhoso senso de humor, e em comparação a aprender o *shuar* ou até mesmo o espanhol, a *bahasa* era fácil.

Rasy tinha uma motoneta e me levou com ele para me apresentar a sua cidade e a sua gente. "Vou lhe mostrar um lado da Indonésia que você não viu", ele prometeu uma noite e me convidou a montar na garupa da motoneta e seguir com ele.

Passamos por espetáculos de fantoches de sombra, músicos tocando instrumentos tradicionais, engolidores de fogo, malabaristas e camelos vendendo de tudo que se possa imaginar, de fitas-cassete americanas contrabandeadas a artefatos indígenas raros. Finalmente, acabamos indo a um café frequentado por jovens cujas roupas, chapéus e estilo de cabelo acompanhavam a moda lançada numa apresentação dos Beatles no fim da década de 1960; no entanto, todos eram tipicamente indonésios. Rasy me apresentou a um grupo sentado a uma mesa e nos sentamos.

Todos eles falavam inglês, com variados graus de fluência, mas apreciaram e me incentivaram nas minhas tentativas com a *bahasa*. Eles falavam sobre isso abertamente e me perguntavam por que os americanos nunca aprenderam a língua deles. Eu não soube o que responder. Nem pude explicar por que eu era o único

²⁰ Theodore Friend, *Indonesian Destinies* (Cambridge, MA, e Londres: The Belknap Press of Harvard University; 2003), p 5.

americano ou europeu naquela parte de cidade, ainda que pudesse sempre encontrar muitos de nós no Golf e Racket Club, nos restaurantes sofisticados, nos cinemas e nos supermercados caros.

Foi uma noite memorável para mim. Rasy e seus amigos me trataram como um deles. Senti uma certa euforia por estar lá, conhecendo a cidade deles, as suas comidas e a sua música, sentindo o aroma dos cigarros de cravo-da-índia e outros aromas que faziam parte da vida deles, fazendo piadas e rindo com eles. Era como no Corpo de Paz de novo, e eu me vi imaginando por que pensara que queria viajar de primeira classe e me separar de pessoas como aquelas. À medida que a noite prosseguia, eles foram ficando cada vez mais interessados em saber o que eu pensava sobre o seu país e sobre a guerra do meu país contra o Vietnã. Cada um deles estava horrorizado com o que chamavam de "invasão ilegal", e ficaram aliviados ao saber que eu pensava como eles.

Quando Rasy e eu voltamos para o alojamento era tarde e o lugar estava às escuras. Agradei a ele várias vezes por me convidar a conhecer o seu mundo; ele me agradeceu por ser franco com os amigos. Prometemos repetir o programa outras vezes, nos abraçamos e fomos para os nossos quartos.

Essa experiência com Rasy aguçou o meu apetite por passar mais tempo longe da equipe da MAIN. Na manhã seguinte, eu tive uma reunião com Charlie e lhe disse que eu estava começando a me sentir frustrado tentando obter informações com as pessoas locais. Além disso, a maior parte das estatísticas de que precisava para desenvolver as previsões económicas só podiam ser encontradas nos escritórios governamentais em Jacarta. Charlie e eu concordamos que eu precisaria passar de uma a duas semanas em Jacarta.

Ele expressou compaixão por mim, tendo de abandonar Bandung pela metrópole opressiva, e eu preteixi detestar a ideia. Secretamente, no entanto, estava empolgado com a oportunidade de ter algum tempo para mim, para conhecer Jacarta e ficar no elegante Hotel Intercontinental Indonésia. Uma vez em Jacarta, contudo, descobri que agora via a vida de uma perspectiva diferente. A noite que passara com Rasy e os jovens indonésios, assim como as minhas viagens pelo interior, haviam operado uma transformação em mim. Descobri que via os meus conterrâneos americanos sob um ângulo diferente. As jovens esposas não pareciam tão bonitas assim. As cercas de correntes ao redor da piscina e as grades de ferro por fora das janelas nos pisos inferiores, que eu mal notara antes, agora adquiriam uma aparência nefasta para mim. A comida nos elegantes restaurantes do hotel parecia insípida.

Reparei em outra coisa também. Durante as minhas reuniões com os líderes políticos e empresariais, tomei consciência de sutilezas na maneira como eles me tratavam. Não havia percebido isso antes, mas agora via que muitos deles se ressentiam da minha presença. Por exemplo, quando me apresentavam uns aos outros, geralmente usavam termos em *bahasa* que de acordo com o meu dicionário traduziam-se por *inquisidor* e *interrogador*. Propositalmente deixei de revelar o meu conhecimento da língua deles — até mesmo o meu tradutor sabia apenas que eu era capaz de recitar algumas poucas frases feitas — e comprei um bom dicionário *bahasa*-inglês, que geralmente usava depois de me despedir deles.

Esse tratamento seria apenas uma coincidência de linguagem? Mal-entendidos do dicionário? Tentei me convencer de que eram. Ainda assim, quanto mais tempo eu passava com aqueles homens, mais convencido me tornava de que era um intruso, com quem deviam cooperar apenas porque alguém mandara, e eles praticamente não tinham escolha a não ser obedecer. Eu não fazia a menor ideia de quem teria dado aquela ordem, uma autoridade do governo, um banqueiro, um general, ou se ela teria partido da Embaixada americana. Tudo o que eu sabia era que, embora eles me recebessem nos seus escritórios, me servissem chá, fizessem perguntas educadas e parecessem de muitas outras maneiras receber bem a minha presença, por baixo da superfície havia uma sombra de resignação e rancor.

Também me admirei com as respostas que davam às minhas perguntas e com a credibilidade das suas informações. Por exemplo, eu nunca consegui entrar em um escritório com o meu tradutor para ser apresentado a alguém; primeiro tínhamos de marcar a reunião. Por si só, isso não pareceria tão estranho, a não ser que esse procedimento causava uma enorme perda de tempo. Uma vez que os telefones raramente funcionavam, tínhamos de atravessar as ruas congestionadas pelo trânsito, que eram tão tortuosas que poderia levar uma hora para chegar a um prédio a apenas alguns quarteirões de distância de onde estávamos. Uma vez lá, pediam-nos para preencher uma infinidade de formulários. Até que, por fim, aparecia um secretário. Educadamente — sempre com o sorriso de cortesia pelo qual os javaneses são famosos — ele me perguntava sobre que tipo de informações eu desejava, e então marcava o horário da reunião.

Sem exceção, a reunião era marcada para no mínimo vários dias depois, e quando a reunião finalmente acontecia, entregavam-me um folheto com os números já prontos. Os proprietários de indústrias me deram planejamentos de cinco a dez anos, os banqueiros tinham quadros e gráficos, e os funcionários do governo forneceram listas de projetos que estavam em processo de saída da prancheta de projetos para se tornar o motor do crescimento económico. Tudo o que esses capitães do comércio e do governo forneceram, e tudo o que eles disseram durante as entrevistas, indicava que Java estava contaminada por talvez o maior crescimento que alguma economia já experimentara no mundo. Nenhum deles — nem uma única pessoa — jamais questionou essa premissa ou me deu alguma informação que a contradissesse.

Quando retornei a Bandung, no entanto, me via imaginando sobre todas essas experiências; às vezes era profundamente perturbador. Ocorreu-me que tudo o que eu estava fazendo na Indonésia era mais parte de um jogo do que realidade. Era como se estivéssemos participando de um jogo de pôquer. Não revelávamos as nossas cartas. Não podíamos confiar uns nos outros ou contar com a credibilidade das informações que nos dávamos. Ainda assim, esse jogo era mortalmente sério, e o seu resultado teria uma influência decisiva sobre milhões de vidas pelas décadas seguintes.

A Civilização em Julgamento

"Estou levando você para ver um *dalang*", gritou Rasy. "Você sabe, os famosos mestres de bonecos indonésios." Ele estava obviamente feliz por me ver de volta a Bandung. "Há um *dalang* muito importante na cidade nessa noite."

Ele me levou na sua motoneta por regiões da cidade que eu não sabia que existiam, através de trechos cheios de tradicionais casas *kampong* javanesas, que se pareciam com uma versão pessoal pobre de templos com teto azulejado. Para trás haviam ficado as majestosas mansões coloniais holandesas e os prédios de escritórios que eu me acostumara a esperar encontrar. As pessoas eram obviamente pobres, mas ostentavam uma expressão de grande dignidade. Elas usavam surrados sarongues decorados com estampas de batik, blusas de cores berrantes, e chapéus de palha de abas largas. Para todo lugar que íamos éramos cumprimentados com sorrisos e risadas. Quando paramos, crianças se aproximaram correndo para me tocar e apalpar o tecido da minha calça *jeans*. Uma menininha prendeu uma perfumada flor de jasmim no meu cabelo.

Estacionamos a motoneta próximo a um teatro de calçada onde várias centenas de pessoas estavam reunidas, algumas em pé, outras sentadas em cadeiras dobráveis. A noite era clara e linda. Embora estivéssemos no centro da parte antiga de Bandung, não havia iluminação na rua, portanto podíamos ver as estrelas que brilhavam acima das nossas cabeças. O ar estava repleto de aromas de madeira queimada, amendoim e cravo-da-índia.

Rasy sumiu no meio da multidão e logo voltou com muitos dos jovens que eu conhecera no café. Eles me ofereceram chá quente, bolinhos e *sate*, pedacinhos de carne frita em óleo de amendoim. Eu devia ter hesitado antes de aceitar esse último item, porque uma das mulheres apontou para mim um fogareiro.

"A carne é bem fresca", disse e riu. "Acabou de ser frita."

Então começou a música — os sons mágicos e envolventes do *gamalong*, um instrumento que evoca imagens de sinos de igrejas.

"O *dalang* toca todas as músicas sozinho", sussurrou Rasy. "Ele também faz todos os bonecos e cria as suas vozes em várias línguas. Vamos traduzir para você."

Foi uma apresentação deslumbrante, combinando lendas tradicionais com acontecimentos do momento. Mais tarde eu viria a saber que o *dalang* é um xamã que faz a sua atuação em transe. Ele tinha mais de uma centena de bonecos e falava por cada um deles com voz diferente. Foi uma noite inesquecível para mim e que me influenciou para o resto da vida.

Depois de concluir uma seleção clássica dos textos antigos do Ramayana, o *dalang* apresentou um boneco de Richard Nixon, perfeito com o característico nariz comprido e as bochechas flácidas. O presidente americano estava vestido como o Tio Sam, com uma cartola estampada com estrelas e listras e fraque. Ele estava acompanhado por outro boneco, que usava um traje de listras de três cores diferentes. O segundo boneco levava numa das mãos um buque decorado com símbolos do dólar. Ele usava a mão livre para agitar uma bandeira americana acima da cabeça de Nixon do mesmo modo como um escravo abana o senhor.

Um mapa do Oriente Médio e do Extremo Oriente apareceu por trás dos dois, os diversos países pendendo de ganchos nas suas respectivas posições. Nixon imediatamente aproximou-se do mapa, levantou o Vietnã do seu gancho e colocou-o na boca. Ele gritou alguma coisa que foi traduzida como "Amargo! Que lixo. Não precisamos mais disso!" Então ele o atirava para dentro de um balde e continuava a fazer o mesmo com os outros países.

Fiquei surpreso, no entanto, de ver que as outras escolhas dele não incluíssem as nações dominó do Sudeste Asiático. Em vez disso, eram todas de países do Oriente Médio — Palestina, Kuwait, Arábia Saudita, Iraque, Síria e Ira. Depois disso, ele se voltou para o Paquistão e o Afeganistão. A cada vez, o boneco de Nixon gritava alguma frase de efeito antes de jogar o país no lixo, e em cada caso, as suas palavras de escárnio eram anti-islâmicas: "Cães muçulmanos", "Monstros de Maomé" e "diabos islâmicos".

A multidão se entusiasmou, a tensão crescendo a cada novo acréscimo no balde, Eles pareciam divididos entre acessos de riso, choque e raiva. Às veres, eu senti que eles se ofendiam com a linguagem do boneco. Também eu me senti intimidado; fiquei parado no meio da multidão, mais alto que os demais e preocupado com que pudessem voltar a sua raiva contra mim. Então Nixon disse algo que fez arrepiar o meu couro cabeludo quando Rasy traduziu.

"Dê este aqui para o Banco Mundial. Veja o que isso pode fazer para tirarmos algum dinheiro da Indonésia."

Ele levantou a Indonésia do mapa e atirou-a no balde, mas exatamente naquele momento outro boneco saltou das sombras. Esse boneco representava um homem indonésio, vestido com camisa de batik colorido e calça de brim caqui, e também usava um sinal com o nome claramente pintado.

"Um político bastante popular de Bandung", Rasy explicou.

Esse boneco literalmente voou entre Nixon e o Homem Balde e ergueu a mão.

"Pare!", gritou. "A Indonésia é soberana."

A multidão explodiu num aplauso. Então o Homem Balde ergueu a sua bandeira e a enfiou como uma lança no indonésio, que se debateu e morreu uma morte das mais dramáticas. Os integrantes do público vaiaram, xingaram, gritaram e agitaram os pulsos. Nixon e o Homem Balde ficaram lá, olhando para nós. Eles inclinaram a cabeça e saíram do palco.

"Acho melhor a gente ir embora", eu disse para Rasy.

Ele colocou a mão de modo protetor sobre o meu ombro.

"Está tudo bem", disse ele. "Eles não têm nada contra você pessoalmente."

Eu não tinha tanta certeza.

Depois todos fomos para o café. Rasy e os outros me garantiram que não sabiam de antemão sobre a encenação Nixon-Banco Mundial.

"Nunca se sabe o que esperar daquele bonequeiro", um dos rapazes comentou.

Imaginei em voz alta se aquela não teria sido uma encenação em minha homenagem. Alguém riu e disse que eu tinha um ego enorme.

"Tipicamente americano", acrescentou, batendo nas minhas costas de modo consolador.

"Os indonésios são muito conscientes da política", o homem na cadeira ao meu lado informou. "Os americanos não têm apresentações como essa?"

Uma mulher linda, uma professora de inglês influente na universidade, sentou-se à minha frente do outro lado da mesa.

"Mas você trabalha para o Banco Mundial, não trabalha?"

Eu disse a ela que a minha missão atual era junto ao Asian Development Bank e a Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

"Mas não é tudo a mesma coisa?" Ela não esperou pela resposta. "Não é como na peça interpretada esta noite? O seu governo não considera a Indonésia e outros países como se fôssemos simplesmente um cacho de..." Ela ficou procurando a palavra.

"Uvas", um dos amigos dela ajuntou.

"Exatamente. Um cacho de uvas. Você pode pegar e escolher. Guarde a Inglaterra. Coma a China. E jogue fora a Indonésia."

"Depois de lhe tirar todo o petróleo", acrescentou outra mulher.

Tentei me defender mas não era o caso. Eu queria manter o orgulho pelo fato de que fora àquela parte da cidade e tinha ficado para assistir uma apresentação completamente contra os Estados Unidos, que tinha considerado um ataque pessoal contra a minha pessoa. Queria que eles vissem a coragem do que eu fizera, soubessem que eu era o único integrante da minha equipe que se incomodara em aprender *bahasa* ou que tinha vontade de assimilar a cultura deles, e ressaltar que eu era o único estrangeiro presente no espetáculo. Mas concluí que seria mais prudente não comentar nada disso. Em vez disso, tentei mudar o rumo da discussão. Perguntei por que eles achavam que o dalang simbolizara os países muçulmanos, além do Vietna.

A linda professora de inglês riu da observação.

"Porque esse é o plano."

"O Vietna é apenas uma ação conjunta", exclamou um dos homens, "como a Holanda foi para os nazistas. Um degrau."

"O verdadeiro alvo", continuou a mulher, "é o mundo muçulmano."

Eu não podia deixar passar sem responder.

"Com certeza", protestei, "você não podem acreditar que os Estados Unidos sejam contra os muçulmanos."

"Ah, não?", ela indagou. "Desde quando? Você precisa ler um dos seus próprios historiadores: um britânico chamado Toynbee. Já na década de 1950 ele previa que a verdadeira guerra no próximo século seria não entre comunistas e capitalistas, mas entre cristãos e muçulmanos."

"Arnold Toynbee disse isso?", eu estava impressionado, surpreso.

"Disse. Leia *Civilização em Julgamento* e *O Mundo e o Ocidente*."

"Mas por que deveria haver tanta hostilidade entre muçulmanos e cristãos?", eu perguntei.

Os olhares se cruzavam ao redor da mesa. Eles pareciam achar difícil acreditar que eu pudesse fazer uma pergunta tão tola como aquela.

"Porque", ela disse devagar, como se estivesse falando com um retardado ou com deficiência auditiva, "o Ocidente... especialmente o seu líder, os Estados Unidos... está determinado a controlar todo o mundo, a tornar-se o maior império da história. Já chegou bem perto de conseguir isso. A União Soviética no momento está no seu caminho, mas os soviéticos não vão resistir. Toynbee previu isso. Eles não têm religião, não têm uma fé, nenhum conteúdo por trás da sua ideologia. A história demonstra que fé... alma, uma crença em poderes superiores... é essencial. Nós muçulmanos a temos. Nós temos mais do que qualquer um no mundo, até mesmo mais do que os cristãos. Portanto esperamos. Vamos ficar mais fortes."

"Vamos esperar a hora certa", disse um dos homens, "e então como uma serpente vamos dar o bote."

"Que pensamento horrível!", eu mal pude me conter. "O que podemos fazer para mudar isso?"

A professora de inglês me olhou diretamente nos olhos.

"Parem de ser tão gananciosos", disse ela, "e tão egoístas. Entendam que existem mais coisas no mundo do que mansões enormes e lojas sofisticadas. As pessoas estão morrendo de fome e vocês se preocupam com petróleo para o combustível dos seus carros. Bebês morrem de sede e vocês buscam as revistas de moda para os estilos mais avançados. Nações como a nossa estão se afogando em pobreza, mas o seu povo nem sequer ouve os nossos gritos pedindo socorro. Vocês tapam os ouvidos às vozes daqueles que tentam dizer-lhes essas coisas. Vocês os rotulam de radicais ou de comunistas. Vocês precisam abrir o coração para os pobres e oprimidos, em vez de conduzi-los a mais pobreza e servidão. Não resta muito tempo. Se vocês não mudarem, estarão perdidos."

Vários dias depois, o político popular de Bandung, cujo boneco se interpusera entre Nixon e fora empalado pelo Homem Balde, foi atropelado e morto por um motorista desconhecido que fugiu depois do incidente.

Jesus, Visto de Outro Ângulo

A lembrança daquele dalang ficou gravada em mim. Assim como as palavras da linda professora de inglês. Aquela noite em Bandung me lançou num novo nível de reflexão e sentimento. Embora eu não tivesse exatamente ignorado as implicações do que estávamos fazendo na Indonésia, as minhas reações tinham sido controladas pelas emoções, e eu normalmente fora capaz de acalmar os meus sentimentos me chamando à razão, no exemplo da história, e no imperativo biológico. Eu tinha justificado o nosso envolvimento como parte da condição humana, convencendo-me de que Einar, Charlie e o resto de nós estávamos simplesmente agindo como os homens sempre fizeram: cuidando de si mesmos e das suas famílias.

A minha discussão com aqueles jovens indonésios, no entanto, forçou-me a ver outro aspecto da questão. Pêlos olhos deles, eu entendi que um método egoísta da política externa não serve às gerações futuras ou as protege em lugar nenhum. É miopia, assim como os relatórios anuais das corporações e as estratégias eleitorais dos políticos que formulam essa política externa.

Conforme se evidenciou, as informações de que eu precisava para as minhas previsões económicas requeriam frequentes viagens a Jacarta. Eu aproveitei o meu tempo sozinho lá para ponderar sobre esses assuntos e escrever sobre eles num diário. Perambulava pelas ruas da cidade, dava dinheiro aos mendigos e tentava conversar com leprosos, prostitutas e moradores de rua.

Enquanto isso, ponderava sobre a natureza da ajuda externa e considerava o papel legítimo que os países desenvolvidos (PDs, no jargão do Banco Mundial) podiam desempenhar em ajudar a aliviar a pobreza e a miséria nos países subdesenvolvidos (PSD). Comecei a imaginar quando a ajuda externa é verdadeira e quando não é apenas ganância e oportunismo. Na verdade, comecei a questionar se essa ajuda é de algum modo altruísta, e se não, se ela poderia ser mudada. Estava certo de que países como o meu deveriam assumir ações decisivas para ajudar os doentes e famintos do mundo, mas eu estava igualmente certo de que isso era raro — se é que acontecia — a principal motivação para a nossa intervenção.

Eu voltava sempre a uma questão principal: se o objetivo da ajuda externa é o imperialismo, isso é tão errado? Eu sempre me vi invejando pessoas como Charlie, que acreditavam tão fortemente no nosso sistema que queriam forçá-lo sobre o resto do mundo. Eu duvidava se recursos limitados permitiriam que o mundo inteiro vivesse a vida opulenta dos Estados Unidos, quando até mesmo os Estados Unidos tinham milhões de cidadãos vivendo na pobreza. Além disso, não estava inteiramente claro para mim se as pessoas de outras nações realmente queriam viver como nós. As nossas próprias estatísticas sobre violência, depressão, uso de drogas, divórcio e crime indicavam que embora a nossa sociedade fosse uma das mais ricas da história, ela também podia ser uma das mais infelizes. Por que iríamos querer que os outros nos imitassem?

Talvez Claudine tivesse me alertado sobre tudo isso. Eu não estava mais certo sobre o que ela tentara me falar. Em todo caso, argumentos intelectuais à parte, agora ficava dolorosamente claro que os meus dias de inocência tinham se acabado. Eu escrevi no meu diário:

Alguém é inocente nos Estados Unidos? Embora os que estão no topo da pirâmide ganhem o máximo possível, milhões dependem "direta ou indiretamente" da exploração dos PSDs para a própria subsistência. Os recursos e mão-de-obra barata que alimentam praticamente todas as nossas empresas vêm de lugares como a Indonésia e muito poucos retornam às suas origens. Os empréstimos da ajuda externa asseguram que as crianças de hoje e os seus netos serão mantidos como reféns. Eles terão de permitir que as nossas corporações devastem os seus recursos naturais e terão de postergar educação, saúde e outros serviços meramente para nos pagar. O

fato de que as nossas próprias empresas já recebem a maior parte desse dinheiro para construir usinas elétricas, aeroportos e parques industriais não conta na fórmula. A desculpa de que a maioria dos americanos não tem conhecimento disso constitui inocência? Desinformados e intencionalmente mal-informados, sim — mas inocentes?

É claro que eu tinha de encarar o fato de que agora me incluía entre os que conscientemente desinformavam.

O conceito de uma guerra santa em âmbito mundial era perturbador, mas quanto mais eu o considerava, mais convencido ficava da sua possibilidade. No entanto, parecia que se essa *jihad* tivesse de acontecer seria menos entre muçulmanos e cristãos do que entre os PSDs e os PDs, talvez com os muçulmanos à frente. Nós dos PDs éramos os usuários dos recursos; os dos PSDs eram os fornecedores. Era o sistema mercantil colonial repetindo-se outra vez, estabelecido para tornar mais fácil para aqueles com poder e recursos naturais limitados explorar aqueles com recursos mas sem poder.

Eu não tinha um exemplar do livro de Toynbee comigo, mas conhecia o suficiente de história para compreender que fornecedores que eram explorados por tempo demais se revoltavam. Bastava-me recorrer à Revolução Americana e Tom Paine para ter o modelo. Lembrei que os britânicos justificavam os seus impostos alegando que a Inglaterra fornecia ajuda às colônias na forma de proteção militar contra os franceses e os índios. Os colonos tinham uma interpretação muito diferente.

O que Paine ofereceu aos seus compatriotas no brilhante ensaio intitulado *Common Sense* foi a essência daquilo a que se referiam os meus jovens amigos indonésios — uma ideia, uma fé na justiça de um poder superior e uma religião de liberdade e igualdade que era diametralmente oposta à monarquia britânica e o seu sistema de classes elitista. O que os muçulmanos ofereciam era semelhante: fé num poder superior e uma crença em países desenvolvidos não têm o direito de subjugar e explorar o resto do mundo. A exemplo do miliciano da revolução americana, os muçulmanos estavam ameaçando lutar pelos seus direitos, e, como os britânicos da década de 1770, classificamos essas ações como terrorismo. A história parece estar se repetindo.

Imaginei que tipo de mundo teríamos se os Estados Unidos e os seus aliados desviassem todo o dinheiro gasto nas guerras coloniais — como a do Vietnã — para erradicar a fome no mundo ou para disponibilizar a educação e o atendimento médico básico para todos os povos, incluindo o nosso. Imaginei como seriam afetadas as futuras gerações se nos comprometêssemos a aliviar as causas da miséria e a proteger as bacias hidrográficas, florestas e outras áreas que asseguram água pura, ar despoluído e as coisas que alimentam o nosso espírito assim como o nosso corpo. Eu não conseguia acreditar que os nossos Pais Fundadores imaginassem que o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade existissem apenas para os americanos, então por que agora estávamos implementando estratégias que promoviam os valores imperialistas contra os quais eles haviam lutado?

Na minha última noite na Indonésia, acordei no meio de um sonho, sentei-me na cama e acendi a luz. Tinha a sensação de que havia alguém no quarto comigo. Olhei com atenção para os móveis familiares do Hotel Inter-Continental, as tapeçarias de batik e os bonecos de sombra enquadrados que pendiam nas paredes. Então o sonho voltou.

Eu vira Cristo parado à minha frente. Ele se parecia com o mesmo Jesus com o qual eu conversava todas as noites em que, quando menino, compartilhava os meus pensamentos com ele depois de dizer as minhas preces formais. A não ser pelo fato de que o Jesus da minha infância era loiro e com a barba bem-aparada, ao passo que esse tinha cabelos escuros cacheados e uma compleição morena. Ele se curvou e revelou algo que trazia no ombro. Eu esperei que fosse uma cruz. Em vez disso, vi o mancão de um eixo de roda de um carro com o aro da roda se projetando acima da sua cabeça, formando um halo metálico. A graxa escorria como sangue pela sua testa. Ele endireitou o corpo, olhou-me firmemente nos olhos e disse:

"Se eu viesse hoje, você me veria de maneira diferente."

Perguntei-lhe por quê.

"Porque", ele respondeu, "o mundo mudou."

O relógio lembrou-me que estava para amanhecer. Eu soube que não conseguiria voltar a dormir, então me vesti, peguei o elevador para o saguão deserto e fui perambular nos jardins que circundavam a piscina. A lua brilhava no céu; o aroma adocicado das orquídeas recendia no ar. Sentei-me numa espreguiçadeira e me perguntei o que estava fazendo ali, por que as coincidências da minha vida tinham me levado por esse caminho, por que a Indonésia. Eu sabia que a minha vida mudara,

mas não fazia ideia de que a mudança fora tão drástica.

Ann e eu nos encontramos em Paris na minha viagem de volta aos Estados Unidos, para tentar uma reconciliação. Até mesmo durante essas férias na França, no entanto, continuamos a brigar. Embora houvesse muitos momentos especiais e lindos, acho que nós dois compreendemos que a nossa longa história de raiva e ressentimento era um obstáculo grande demais para ser transposto. Além disso, havia muita coisa que eu não podia comentar com ela. A única pessoa com quem eu poderia compartilhar essas coisas era Claudine, e eu pensava nela com frequência. Ann e eu descemos no Logan Airport de Boston e tomamos um táxi para os nossos diferentes apartamentos na Back Bay.

CAPITULO 9

A Oportunidade da Minha Vida

O verdadeiro teste sobre a Indonésia me aguardava na MAIN. A primeira coisa que fiz na manhã seguinte foi me encaminhar para a sua sede no Prudential Center e, enquanto esperava o elevador ao lado de dezenas de outros funcionários, fiquei sabendo que Mac Hall, o enigmático, octogenário presidente da MAIN, promovera Einar a presidente do escritório de Portland, Oregon. Como resultado disso, oficialmente agora eu me reportava a Bruno Zambotti.

Apelidado de "a raposa prateada" por causa da cor do seu cabelo e da sua capacidade misteriosa de frustrar os planos de quem quer que se interpusesse em seu caminho, Bruno tinha a elegância e a distinção características de Cary Grant. Era eloquente e era formado tanto em engenharia como detinha um MBA. Entendia de econometria e era vice-presidente responsável pela divisão de energia elétrica da MAIN e da maioria dos nossos projetos internacionais. Também era a escolha óbvia para ser o novo presidente da corporação quando o seu mentor, Jake Dauber, que estava ficando velho, se aposentasse. A exemplo da maioria dos funcionários da MAIN, eu me sentia impressionado e aterrorizado por Bruno Zambotti.

Pouco antes do almoço, fui convocado à sala de Bruno. Depois de uma conversa cordial sobre a Indonésia, ele disse algo que me fez pular para a borda da minha cadeira.

"Estou demitindo Howard Parker. Não precisamos entrar em detalhes, a não ser para dizer que ele perdeu a noção da realidade." O sorriso dele foi desconcertantemente agradável enquanto batia com o dedo contra um maço de papéis sobre a escrivaninha. "Oito por cento ao ano. Isso não é previsão de carga. Você acredita numa coisa dessas? Num país com o potencial da Indonésia."

O sorriso dele se apagou e ele me olhou diretamente nos olhos. "Charlie Illingworth me disse que as suas previsões econômicas acertaram direto no alvo e que justificam um crescimento de carga entre 17 e 20 por cento. Isso está correio?"

Eu lhe garanti que sim.

Ele se levantou e me estendeu a mão. "Meus parabéns. Você acaba de ser promovido."

Talvez eu devesse ter saído para comemorar em um restaurante sofisticado com outros funcionários da MAIN — ou mesmo sozinho. No entanto, só conseguia pensar em Claudine. Eu estava ansioso para contar a ela sobre a minha promoção e todas as minhas experiências na Indonésia. Ela me advertira para não telefonar-lhe do exterior, e eu obedecera. Agora, eu estava com medo de descobrir que o telefone dela estava desligado, sem outro número para transferência. Saí à procura dela.

Um jovem casal mudara-se para o apartamento dela. Era hora do almoço mas acho que os tirei da cama; obviamente incomodados, eles afirmaram não saber nada sobre Claudine. Eu fui ao escritório da imobiliária, fingindo ser um primo. Os arquivos deles indicavam que ela não alugara nada com o nome dela; o aluguel anterior estava no nome de um homem que pedira para permanecer anônimo. De volta ao Prudential Center, o departamento de pessoal da MAIN também afirmou não ter registros no nome dela. Eles admitiam apenas a existência de um arquivo sobre "consultores especiais" o qual eu não tinha autorização de pesquisar.

No fim da tarde, eu estava exausto e emocionalmente esgotado. Acima de tudo o resto, sentia-me afetado por um forte acesso *de jet-lag*. De volta ao apartamento vazio, senti-me desesperadamente sozinho e abandonado. A minha promoção parecia insignificante ou, pior ainda, um emblema da minha disposição de me vender. Atirei-me na cama, arrasado pelo desespero. Fora usado por Claudine e depois descartado. Determinado a não me entregar à angústia, sufoquei as minhas emoções. Fiquei deitado na cama olhando para as paredes nuas pelo que me pareceram horas.

Finalmente, decidi me recompor. Levantei-me, engoli uma cerveja e amassei a latinha vazia sobre a mesa. Depois olhei pela janela. Correndo os olhos pela rua

distante, pensei tê-la visto caminhando na minha direção. Corri para a porta e então voltei para a janela para olhar outra vez. A mulher se aproximara. Eu via que era bonita, e que o seu modo de caminhar lembrava o de Claudine, mas não era Claudine. Meu coração parou e os meus sentimentos passaram da raiva e abominação para o medo.

Uma imagem refulgiu à minha frente de Claudine caindo, caindo sob uma chuva de balas, assassinada. Afastei a imagem dos pensamentos, tomei dois comprimidos de calmante e me afundei no sono.

Na manhã seguinte, uma ligação do departamento de pessoal da MAIN me acordou do estupor. O chefe do departamento, Paul Mormino, assegurava que entendia a minha necessidade de descansar, mas precisava que eu fosse lá com urgência naquela tarde.

"Tenho boas notícias", disse ele. "A melhor coisa que podia lhe acontecer."

Atendi ao chamado e fiquei sabendo que Bruno honrara a promessa. Eu não só havia sido promovido para o posto anterior de Howard; recebera o título de Economista Chefe e um aumento de salário. Aquilo me animou um bocado.

Tirei a tarde de folga e perambulei pela margem do rio Charles com uma garrafa de cerveja. Enquanto permanecia sentado ali, observando os veleiros e acalentando um misto de *jet-lag* e ressaca, convenci-me de que Claudine fizera o seu trabalho e passara para a próxima tarefa. Ela sempre deixara bem claro a necessidade de sigilo. Ela me telefonaria. Mormino estava certo. O meu *jet-lag* — e a minha ansiedade — se dissiparam.

Durante as semanas seguintes, tentei não pensar mais em Claudine. Concentrei-me em redigir o meu relatório sobre a economia indonésia e em refazer as previsões de carga de Howard. Preparei o tipo de estudo que os meus chefes queriam ver: um crescimento na demanda de energia elétrica da ordem de 19 por cento ao ano durante 12 anos depois que o novo sistema estivesse concluído, caindo para 17 por cento pêlos 8 anos seguintes e depois estabilizando-se em 15 por cento para os remanescentes dos 25 anos de projeção.

Apresentei as minhas conclusões em reuniões com as agências de empréstimo internacional. As equipes de especialistas dessas agências questionaram-me extensa e implacavelmente. A essa altura, as minhas emoções haviam retornado a um tipo de determinação fria, não diferente daqueles que haviam me levado a ser o melhor em vez de me rebelar durante os dias da escola preparatória. Não obstante, a lembrança de Claudine sempre pairava sobre mim. Quando um agressivo jovem economista interessado em fazer o seu nome no Asian Development Bank interrogou-me incessantemente por toda uma tarde, recordei-me da advertência que Claudine me dera no apartamento dela em Beacon Street naqueles muitos meses antes.

"Quem é capaz de visualizar vinte e cinco anos no futuro?", indagara ela. "O seu palpite é tão bom quanto o deles. Confiança é tudo."

Eu me convenci de que era um especialista, recordando-me de que tinha mais experiência de vida em países em desenvolvimento do que grande parte daqueles homens — alguns deles com o dobro da minha idade — que agora sentavam-se para julgar o meu trabalho. Eu tinha vivido na Amazônia e viajado a duas regiões de Java que ninguém mais queria conhecer. Fizera um par de cursos intensivos que visavam ensinar aos executivos os pontos sensíveis da econometria e disse a mim mesmo que fazia parte dos garotos prodígios orientados pelas estatísticas e econometria que agradavam a Robert McNamara, o respeitável presidente do Banco Mundial, ex-presidente da Ford Motor Company e secretário de Defesa de John Kennedy. Ali estava um homem que construía a sua reputação sobre números, com base na teoria da probabilidade, em modelos matemáticos e — eu suspeitava — nas bravatas de um enorme ego.

Tentei imitar tanto McNamara quanto o meu chefe, Bruno. Adotei a maneira de falar que imitava o primeiro e a maneira de andar arrogante do último, com a pasta executiva balançando ao meu lado. Olhando em retrospecto, tenho de admirar o meu descaramento. Na verdade, a minha experiência era extremamente limitada, mas o que me faltava em treinamento e conhecimento eu completava com audácia.

E funcionou. Por fim, a equipe de especialistas estampou os meus relatórios com os seus selos de aprovação.

Durante os meses seguintes, compareci a reuniões em Teerã, Caracas, Cidade da Guatemala, Londres, Viena e Washington D.C. Conheci personalidades famosas, incluindo o xá do Ira, os ex-presidentes de diversos países, e Robert McNamara em pessoa. Como a escola preparatória, esse era um mundo de homens. Eu estava

impressionado com até que ponto o meu novo título e os resultados dos meus recentes sucessos ante as agências de empréstimos internacionais afetaram as atitudes das pessoas em relação a mim.

No início, todas as atenções se voltaram para a minha cabeça. Eu comecei a me considerar como um Merlin que podia acenar com a mão sobre um país, fazendo com que ele se animasse de repente, com as indústrias brotando como flores. Depois, eu fiquei desiludido. Questionei os meus próprios motivos e os de todas as pessoas com quem trabalhava. Parecia que um título pomposo ou um Ph.D. pouco ajudariam uma pessoa a entender a condição de um leproso que vivia ao lado de um esgoto em juraria, e duvidava que uma queda para manipular estatísticas capacitaria uma pessoa a prever o futuro. Quanto mais eu conhecia as pessoas que tomavam as decisões que mudavam a face do mundo, mais cético eu me tornava quanto à capacidade delas e os seus objetivos. Olhando para os rostos perfilados ao redor das mesas de reuniões, eu me via lutando arduamente para conter a minha raiva. No fim, contudo, essa perspectiva também mudou. Eu acabei entendendo que a maioria daqueles homens acreditava que estava fazendo a coisa certa. Como Charlie, eles estavam convencidos de que o comunismo e o terrorismo eram forças malignas — em vez de reações previsíveis a decisões que eles e os seus predecessores tomavam — e que eles tinham um dever perante o seu país, os seus descendentes e perante Deus para converter o mundo ao capitalismo. Eles também se prendiam ao princípio da sobrevivência do mais apto; se por acaso desfrutavam a boa sorte de ter nascido numa classe privilegiada em vez de numa cabana de papelão, então eles a viam como uma obrigação de transmitir a sua hereditariedade à sua descendência.

Eu vacilava entre ver aquelas pessoas como uma verdadeira conspiração e simplesmente considerá-las como uma fraternidade de cavaleiros justos decidida a dominar o mundo. Não obstante, com o tempo comecei a vinculá-los aos grandes fazendeiros de antes da Guerra de Secessão americana. Eram homens reunidos em torno de uma associação indefinida de crenças comuns e interesses pessoais semelhantes, em vez de um grupo exclusivo reunido clandestinamente às escondidas com intenções sinistras e bem definidas. Os fazendeiros autocratas haviam crescido entre criados e escravos, foram educados para acreditar que era seu direito e até mesmo o seu dever cuidar dos "pagãos" e convertê-los à religião e aos valores dos senhores. Mesmo que a escravidão lhes fosse repugnante filosoficamente, eles podiam, como Thomas Jefferson, justificá-la como uma necessidade, cujo colapso resultaria no caos social e económico. Os líderes das oligarquias modernas, que eu agora considero como a corporatocracia, parecia se encaixar no mesmo molde.

Também comecei a imaginar quem se beneficiava da guerra e da produção em massa de armamentos, com o represamento de rios e a destruição do ambiente e da cultura indígena. Comecei a observar quem se beneficiava quando centenas de milhares de pessoas morriam por falta de alimentos, poluição da água, ou doenças curáveis. Aos poucos, comecei a entender que a longo prazo ninguém se beneficiava, mas a curto prazo aqueles que estavam no topo da pirâmide — meus chefes e eu — pareciam se beneficiar, ao menos materialmente.

Esse questionamento levantou uma série de perguntas: Por que essa situação persiste? Por que dura por tanto tempo? Será que a resposta reside simplesmente no velho ditado segundo o qual "o poder fala mais alto", que os que tinham o poder perpetuavam o sistema?

Parecia insuficiente dizer que somente o poder permite que essa situação persista. Embora a proposição de que o poder fala mais alto explica uma boa parte da questão, eu sentia que devia haver uma força mais imperiosa em atuação no caso. Lembrei-me de um professor de economia de meus tempos de faculdade de administração, um homem do norte da Índia, que proferia conferências sobre recursos limitados, sobre a necessidade humana de crescer continuamente e sobre o princípio do trabalho escravo. De acordo com esse professor, todos os sistemas capitalistas bem-sucedidos envolvem hierarquias com cadeias de comando rígidas, incluindo umas poucas pessoas, que do alto controlam as ordens decrescentes de subordinado, e um exército enorme de trabalhadores na base, que em termos económicos relativos na verdade podem ser caracterizados como escravos. Em última análise, então, eu me convenci de que encorajamos esse sistema porque a corporatocracia nos convenceu de que Deus nos deu o direito de colocar algumas poucas pessoas nossas no topo dessa pirâmide capitalista e a exportar o nosso sistema para o mundo inteiro.

É claro que não somos os primeiros a fazer isso. A lista de praticantes remonta até os antigos impérios do Norte da África, do Oriente Médio e da Ásia, e se expandiu para a Pérsia, Grécia, Roma e as Cruzadas cristãs e todos os imperialistas europeus do período pré-colombiano. Essa tendência imperialista foi e continua

sendo a causa da maioria das guerras, da poluição, da fome, da extinção das espécies e dos genocídios. E sempre cobrou um grande preço da consciência e do bem-estar dos cidadãos desses impérios, contribuindo para os malefícios sociais e resultando numa situação em que as culturas mais ricas da história humana são devastadas com os mais elevados índices de suicídio, uso de drogas e violência.

Eu refleti amplamente sobre essas questões, mas evitei considerar a natureza do meu próprio papel em tudo aquilo. Tentei pensar em mim não como um AE mas como um economista-chefe. Soava tão mais legítimo, e se eu precisasse de alguma confirmação, podia olhar para os meus recibos de pagamento: eram todos da MAIN, uma corporação privada. Eu não recebia um centavo da ASN nem de nenhuma agência do governo. E assim eu acabei me convencendo. Quase.

Uma tarde Bruno me chamou à sala dele. Ele se aproximou da minha cadeira e me deu um tapinha nas costas. "Você fez um excelente trabalho", disse em tom satisfeito. "Para demonstrar o nosso reconhecimento, vamos lhe dar a oportunidade da sua vida, algo que poucos homens jamais recebem, mesmo com o dobro da sua idade."

Presidente e Herói do Panamá

Cheguei ao Aeroporto Internacional Tocumen do Panamá numa noite de abril de 1972, debaixo de um verdadeiro dilúvio tropical. Como era comum na época, dividi um táxi com vários outros executivos, e como falava espanhol, acabei no assento da frente ao lado do motorista. Olhava sem ver nada pelo pára-brisa do táxi. Através da chuva, os faróis iluminavam um retrato num enorme cartaz de um homem bem-apegoado com sobrancelhas grossas e olhos brilhantes. Um lado do seu chapéu de abas largas dobrava-se para cima. Eu o reconheci como o herói do moderno Panamá, Ornar Torrijos.

Eu tinha me preparado para essa viagem como de costume, frequentando a seção de referência da livraria municipal de Boston. Sabia que unia das razões da popularidade de Torrijos entre o seu povo era que ele era um firme defensor tanto dos direitos de autonomia do Panamá quanto as suas reivindicações de soberania sobre o Canal do Panamá. Ele estava determinado a evitar que o país sob a sua liderança caísse nas mesmas armadilhas da sua história ignominiosa.

O Panamá fazia parte da Colômbia quando o engenheiro francês Ferdinand de Lesseps, que dirigiu a construção do Canal de Suez, decidiu construir um canal através do istmo centro-americano, para ligar os oceanos Atlântico e Pacífico. A partir de 1881, os franceses assumiram os esforços gigantescos que resultaram em uma catástrofe depois da outra. Finalmente, em 1889, o projeto acabou num desastre financeiro — mas inspirou um sonho em Theodore Roosevelt. Durante os primeiros anos do século XX, os Estados Unidos insistiram com a Colômbia para assinar um tratado no qual entregava o istmo a um consorcio americano. A Colômbia recusou-se.

Em 1903, o presidente Roosevelt mandou para lá o navio de guerra americano *Nashville*. Os soldados americanos foram à terra, prenderam e assassinaram um comandante popular da milícia local e declararam o Panamá uma nação independente. Um governo de fantoches foi instalado e o primeiro Tratado do Canal foi assinado; estabelecia uma zona americana de ambos os lados da futura passagem fluvial, legalizando a intervenção militar americana, e dando a Washington o controle virtual sobre essa recém-constituída nação "independente".

Curiosamente, o tratado foi assinado pelo secretário de Estado americano Hay e um engenheiro francês, Philippe Bunau-Varilla, que tomara parte da equipe original, mas não foi assinado por nenhum panamenho. Em essência, o Panamá foi forçado a deixar a Colômbia no sentido de servir os Estados Unidos, num acordo feito entre os americanos e um francês — em retrospectiva, um início profético.²¹

Por mais de meio século, o Panamá foi governado por uma oligarquia de famílias ricas com fortes ligações com Washington. Eles eram ditadores conservadores que tomavam as medidas que julgassem necessárias para assegurar que o seu país promovesse os interesses americanos. À maneira da maioria dos ditadores latino-americanos que se aliaram a Washington, os governantes panamenhos interpretavam os interesses americanos como uma tentativa de sufocar quaisquer movimentos populistas que cheirasse a socialismo. Eles também davam apoio à CIA e à ASN em atividades anticomunistas em todo o hemisfério, e ajudavam grandes empresas americanas como a Standard Oil da família Rockefeller e a United Fruit Company (que foi comprada por George H. W. Bush). Esses governos aparentemente não achavam que os interesses americanos eram promovidos pela melhora das condições de vida do povo que vivia em absoluta pobreza ou servia como virtuais escravos nas grandes plantações e corporações.

As famílias que governavam o Panamá eram bem recompensadas pelo seu apoio; as forças militares americanas intervieram em favor delas uma dezena de vezes

²¹ Veja David McCullough, *The Path Between the Seas: The Creation of the Panamá Canal 1870-1914* (Nova York: Simon and Schuster, 1999); William Friar, *Portrait of the Panamá Canal: From Construction to the Twenty-First Century* (Nova York: Graphic Arts Publishing Company, 1999); Graham Greene, *Conversations with the General* (Nova York: Pocket Books, 1984).

entre a declaração da independência panamenha e 1968. No entanto, naquele ano, embora eu ainda fosse um voluntário do Corpo de Paz no Equador, o curso da história panamenha deu uma guinada brusca. Um golpe derrubou Arnulfo Árias, o último no cortejo de ditadores, e Ornar Torrijos emergiu como o chefe de Estado, embora não tivesse participado efetivamente do golpe.²²

Torrijos era altamente considerado pelas classe média e baixa do Panamá. Ele próprio crescera na cidade rural de Santiago, onde os pais eram professores. Ele ascendera rapidamente na hierarquia da Guarda Nacional, a unidade militar básica do Panamá e uma instituição que durante a década de 1960 ganhara um apoio crescente dos pobres. Torrijos ganhara a fama de ouvir os pobres. Andava pelas ruas das suas favelas, participava de reuniões em cortiços em que os políticos nem sequer ousavam entrar, ajudava os desempregados a encontrar emprego e com frequência fazia donativos dos seus próprios recursos financeiros limitados para famílias atingidas por alguma doença ou tragédia.²³

O seu amor pela vida e a sua compaixão pelas pessoas até mesmo ultrapassavam as fronteiras do Panamá. Torrijos estava comprometido em transformar a sua nação em um jgaráiso; fara os fugitivos de perseguições, um lugar que ofereceria asilo a refugiados de ambos os lados do muro político, de oponentes esquerdistas a Pinochet no Chile a guerrilheiros direitistas anti-Castro. Muitas pessoas o viam como um agente da paz, uma percepção que lhe rendia elogios em todo o hemisfério. Ele também adquiriu uma reputação como líder que era dedicado a resolver diferenças entre as diversas facções que contrapunham muitos países latino-americanos: Honduras, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Cuba, Colômbia, Peru, Argentina, Chile e Paraguai. A sua pequena nação de 2 milhões de habitantes servia como um modelo de reforma social e uma inspiração para líderes mundiais tão diferentes quanto os militantes trabalhistas que planejaram o desmembramento da União Soviética e os militantes islâmicos como Muammar Kadhafi da Líbia.²⁴

Na minha primeira noite no Panamá, parado no farol de trânsito, tentando enxergar entre o vaivém dos limpadores de pára-brisa, fui tocado por esse homem sorridente que me olhava dos cartazes — bonito, carismático e corajoso. Eu sabia, depois de horas na biblioteca nacional de Boston, que ele defendia os seus pontos de vista. Pela primeira vez na história, o Panamá não era um marionete de Washington nem de ninguém. Torrijos nunca sucumbiu às tentações oferecidas por Moscou ou Pequim; ele acreditava em reformas sociais e em ajudar aqueles que nasceram na pobreza, mas não defendia o comunismo. Ao contrário de Castro, Torrijos estava conquistando a liberdade dos Estados Unidos sem fazer alianças com os inimigos dos Estados Unidos.

Eu deparara com um artigo de uma publicação obscura na biblioteca municipal de Boston segundo o qual Torrijos seria um homem que mudaria a história das Américas, revertendo uma tendência antiga de favorecimento à dominação americana. O autor citava como o seu ponto de partida o Destino Manifesto — a doutrina, popular entre muitos americanos durante a década de 1840, segundo a qual a conquista da América do Norte respondia a uma ordem divina; Deus, não os homens, havia ordenado a eliminação dos índios, florestas e os búfalos, a drenagem dos pântanos e a canalização dos rios, e o desenvolvimento da economia que depende da contínua exploração da mão-de-obra e dos recursos naturais.

O artigo me fez pensar sobre a atitude do meu país em relação ao mundo. A Doutrina Monroe, originalmente enunciada pelo presidente James Monroe em 1823, foi usada para dar um passo além em relação ao Destino Manifesto quando, nas décadas de 1850 e 1860, foi usada para declarar que os Estados Unidos tinham direitos especiais sobre todo o hemisfério, incluindo o direito de invadir qualquer nação nas Américas Central e do Sul que rechaçassem as políticas americanas. Teddy Roosevelt

²² Veja "Zapata Petroleum Corp.", *Fortune*, abril de 1958, p. 248; Darwin Payne, *Initiative in Energy: Dresser Industries, Inc. 1880-1978* (Nova York: Simon and Schuster, 1979); Steve Pizzo et al., *Insidejob: The Looting of America's Savings and Loans* (Nova York: McGraw Hill, 1989); Gary Webb, *Dark Alliance: The CIA, The Contras, and the Crack Cocaine Explosion* (Nova York: Seven Stories Press, 1999); Gerard Colby e Charlotte Denet, *Thy Will Be Done, The Conquest of the Amazon: Nelson Rockefeller and Evangelism in the Age of Oil* (Nova York: HarperCollins, 1995).

²³ Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997); Ornar Torrijos Herrera, *Ideário* (Editorial Universitária Centroamericano, 1983); Graham Greene, *Conversations with the General* (Nova York: Pocket Books, 1984).

²⁴ Graham Greene, *Conversations with the General* (Nova York: Pocket Books, 1984); Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, Americas Prisoner* (Nova York: Random House, 1997).

invocou a Doutrina Monroe para justificar a intervenção americana na República Dominicana, na Venezuela e durante a "libertação" do Panamá da Colômbia. Uma sequência de presidentes americanos subsequentes — com maior destaque para Taft, Wilson e Franklin Roosevelt — apoiaram-se nela para expandir as atividades pan-americanas de Washington até o fim da Segunda Guerra Mundial. Finalmente, durante a última metade do século XX, os Estados Unidos usaram a ameaça comunista para justificar a expansão desse conceito a países ao redor do planeta, incluindo o Vietnã e a Indonésia.²⁵

Agora, ao que parecia, um homem se interpunha no caminho de Washington. Eu sabia que ele não era o primeiro — líderes como Castro e Allen-de vieram antes dele — mas Torrijos sozinho o estava fazendo fora da esfera da ideologia comunista e sem alegar que o seu movimento era uma revolução. Ele estava simplesmente dizendo que o Panamá tinha os seus próprios direitos — de soberania sobre o seu povo, as suas terras e um canal que o dividia ao meio — e que esses direitos eram tão válidos e divinamente outorgados como qualquer outro desfrutado pelos Estados Unidos.

Torrijos também fazia objeções à Escola das Américas e ao centro bélico tropical do Comando Sul-americano, ambos localizados na Zona do Canal. Durante anos, as forças armadas dos Estados Unidos tinham convidado ditadores e presidentes latino-americanos para enviar os seus funcionários e líderes militares a essas instalações — as maiores e mais bem equipadas fora dos Estados Unidos. Ali, eles aprendiam a conduzir interrogatórios e técnicas operacionais de cobertura, assim como táticas militares que usariam para lutar contra o comunismo e proteger tanto as suas propriedades quanto as das companhias petrolíferas e outras corporações privadas. Eles também tinham a oportunidade de fazer conta tos com a elite das forças militares dos Estados Unidos.

Essas instalações eram odiadas pelos latino-americanos — exceto pelos mais abastados que se beneficiavam delas. Elas eram conhecidas por fornecer adestramento dos esquadrões da morte e torturadores da direita que haviam convertido muitas nações em regimes totalitários. Torrijos deixava claro que ele não queria centros de treinamento localizados no Panamá — e que considerava a Zona do Canal incluída dentro das suas fronteiras.²⁶

Vendo o vistoso general no cartaz, e lendo a chamada sob a sua face — "O ideal de Ornar é a liberdade; ainda não se inventou um míssil que possa matar esse ideal!" — senti um calafrio descer pela minha espinha. Tive uma premonição de que a história do Panamá no século XX estava longe de acabar, e que Torrijos estava sob ameaça de um período difícil e talvez trágico. A tempestade tropical golpeava repetidamente o pára-brisa, o sinal de trânsito ficou verde e o motorista acionou a sua buzina para o carro à nossa frente. Pensei na minha posição. Fora enviado ao Panamá para fechar o acordo sobre o que se tornaria o primeiro plano geral de desenvolvimento verdadeiramente abrangente da MAIN. Esse plano criaria uma justificativa para que o Banco Mundial, o Banco Inter americano de Desenvolvimento e a USAID fizessem investimentos de bilhões de dólares nos setores de energia, transportes e agricultura desse minúsculo e altamente decisivo país. Era, é claro, um subterfúgio, um meio de converter o Panamá num eterno devedor e, assim, devolvê-lo ao seu papel de marionete.

Enquanto o táxi começava a avançar dentro da noite, um paroxismo de culpa me atravessou como um raio, mas eu o reprimi. Com o que eu deveria me preocupar? Tinha dado o passo decisivo em Java, vendido a minha alma e agora podia criar a oportunidade da minha vida. Podia ficar rico, famoso e poderoso de uma só vez.

²⁵ Derrick Jensen, *A Language Older than Words* (Nova York: Context Books, 2000), pp. 86-88.

²⁶ Graham Greene, *Conversations with the General* (Nova York: Pocket Books, 1984); Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997).

CAPÍTULO 11

Piratas na Zona do Canal

No dia seguinte, o governo panamenho enviou um homem para me mostrar o que eu quisesse ver. Ele se chamava Fidel e simpatizei imediatamente com ele. Era alto e magro e sentia um orgulho ostensivo pelo seu país. O tataravô lutara ao lado de Bolívar na conquista da independência contra a Espanha. Eu lhe disse que era descendente de Tom Paine e fiquei emocionado em saber que Fidel tinha lido *Common Sense* em espanhol. Ele falava inglês, mas quando descobriu que eu era fluente na língua do seu país, ficou muito emocionado.

"Muitos dos seus compatriotas vivem aqui durante anos e nunca se importam em aprender o nosso idioma", disse ele.

Fidel me levou para um passeio através de um setor impressionantemente próspero da cidade dele, que ele chamou de Nova Panamá. Enquanto passávamos pelos modernos arranha-céus de vidro e aço, ele explicava que o Panamá possuía mais bancos internacionais do que nenhum outro país ao sul do Rio Grande.

"Costumam nos apelidar de a Suíça das Américas", disse ele. "Fazemos pouquíssimas perguntas aos nossos clientes."

No fim da tarde, com o sol mergulhando no Pacífico, nos encaminhamos para uma avenida que acompanhava os contornos da baía. Havia uma comprida fila de navios ancorados ali. Perguntei a Fidel se havia algum problema com o canal.

"Isso é sempre assim", replicou ele com uma risada. "Filas deles, esperando a vez. Metade do trânsito vem ou vai para o Japão. Mais do que para os Estados Unidos."

Confessei que essa era nova para mim.

"Não estou surpreso", disse ele. "Os americanos não conhecem muito a respeito do resto do mundo."

Paramos num parque maravilhoso em que buganvílias brotavam sobre antigas ruínas. Uma placa informava que ali era um forte construído para proteger a cidade contra incursões de piratas ingleses. Uma família estava instalada para um piquenique noturno: o pai, a mãe, um filho e uma filha, e um senhor que eu imaginei ser o avô das crianças. Senti uma repentina saudade da tranquilidade que parecia envolver aquelas cinco pessoas. Quando passamos por eles, o casal sorriu, acenou e nos cumprimentou em inglês. Perguntei se eram turistas e eles riram. O homem se aproximou de nós.

"Sou da terceira geração da Zona do Canal", explicou orgulhosamente. "Meu avô chegou aqui três anos depois de ela ter sido criada. Ele dirigia uma das mulas, os tratores que rebocavam os navios através das eclusas." Ele indicou o homem idoso, que estava preocupado em ajudar as crianças a arrumar a mesa para o piquenique. "O meu pai trabalhou como engenheiro e eu segui a carreira dele."

A mulher tinha voltado para ajudar o sogro e os filhos. Atrás deles, o sol mergulhava na água azul. Era uma cena de beleza idílica, que lembrava uma pintura de Monet. Perguntei ao homem se eles eram cidadãos americanos.

Ele me olhou com incredulidade.

"É claro. A Zona do Canal é território americano." O filho se aproximou correndo para informar ao pai que o jantar estava pronto.

"O seu filho será da quarta geração?"

O homem juntou as mãos em sinal de prece e ergueu-as para o céu.

"Rezo ao bom Deus todos os dias para que ele tenha essa oportunidade. Viver na Zona do Canal é maravilhoso." Então ele baixou as mãos e olhou diretamente para Fidel. "Só espero que possamos mantê-la por mais cinquenta anos. Aquele tirano do Torrijos está criando uma série de problemas. É um homem perigoso."

Fui tomado de uma pressa repentina e me despedi dele em espanhol.

"Adios. Espero que você e sua família aproveitem bastante a estada aqui e aprendam bastante sobre a cultura do Panamá."

Ele me olhou com um ar enojado.

"Não falo a língua deles", disse. Em seguida, deu-nos as costas abruptamente e voltou para junto da família e para o seu piquenique.

Fidel aproximou-se de mim, passou um braço sobre os meus ombros e me apertou fortemente.

"Obrigado", ele disse.

De volta à cidade, Fidel conduziu o carro através de uma área que ele classificou como de favelas.

"Não é uma das" piores", explicou ele. "Mas você já pode fazer uma ideia."

Barracos de madeira e fossos de água estagnada acompanhavam a rua, as frágeis habitações sugerindo barcos em ruína naufragados em uma fossa sanitária. Um cheiro putrefato de esgoto invadiu o nosso carro enquanto crianças de barriga inchada corriam ao longo da rua. Quando diminuimos a marcha, elas se aglomeraram do meu lado, chamando-me de *uncle* e esmolando dinheiro. A cena me lembrou Jacarta.

A maioria das paredes estava coberta de grafites. Havia algumas com o costureiro coração com os nomes do casal rabiscado dentro, mas a maioria dos grafites era com slogans expressando inimizade contra os Estados Unidos: "Go *home*, gringo", "Parem de sujar o nosso canal", "Tio Sam, senhor de escravos" e "Digam a Nixon que o Panamá não é o Vietnã". Um que mais me fez estremecer por dentro dizia: "Morte à liberdade é o caminho para Cristo". Espalhados entre essas pichações viam-se pôsteres de Ornar Torrijos.

"Agora, o outro lado", disse Fidel. "Cumprimos a nossa missão oficial e você é um cidadão americano; então, podemos ir embora."

Sob o céu avermelhado, ele dirigiu o carro para a Zona do Canal. Por mais que eu achasse que estava preparado, não era o suficiente. Eu mal podia acreditar na opulência do lugar — enormes prédios brancos, gramados meticulosamente aparados, residências luxuosas, campos de golfe, lojas e casas de espetáculos.

"Os fatos", disse ele. "Tudo aqui é propriedade americana. Todas as empresas: supermercados, barbearias, salões de beleza, restaurantes, todos estão isentos das leis e dos impostos panamenhos. Existem sete campos de golfe de dezoito buracos, agências do correio americano espalhadas em pontos estratégicos, tribunais e escolas americanas. Na verdade trata-se de um país dentro de um país."

"Que afronta!"

Fidel observou-me enquanto concordava com um rápido movimento de cabeça.

"Sim", disse ao mesmo tempo. "Essa é uma boa classificação para isso. Para lá", ele apontou para a cidade, "a renda *per capita* é menor do que mil dólares ao ano, e as taxas de desemprego são de 30 por cento. É claro que na pequena favela que acabamos de visitar ninguém chega a ganhar nem perto de mil dólares e dificilmente alguém tem emprego."

"O que está sendo feito?"

Ele se voltou e me dirigiu um olhar que oscilava entre a raiva e a tristeza.

"O que nós podemos fazer?" Balançou a cabeça. "Não sei, mas vou lhe dizer uma coisa: Torrijos está tentando. Acho que pode ser fatal para ele, mas sem dúvida nenhuma ele está fazendo o máximo possível ao alcance dele. Ele é um homem que vai lutar até a morte pelo seu povo."

Enquanto saíamos da Zona do Canal, Fidel sorriu.

"Você gosta de dançar?" Sem esperar pela resposta, acrescentou: "Vamos jantar e depois vou lhe mostrar um outro lado diferente do Panamá."

Soldados e Prostitutas

Depois de um bife suculento e uma cerveja gelada, saímos do restaurante e descemos por uma rua às escuras. Fidel me advertiu para nunca andar a pé naquela parte de cidade.

"Quando vier aqui, tome um táxi na porta do prédio." Ele apontou com a mão. "Logo ali, atrás daquele muro, fica a Zona do Canal."

Ele dirigiu em silêncio até chegarmos a um estacionamento lotado. Encontrou uma vaga e estacionou. Um velho cambaleou até nós. Fidel saiu e deu-lhe umas palmadinhas nas costas. Depois passou a mão carinhosamente pelo capô do carro.

"Tome conta dele. É o meu xodó." Estendeu uma nota para o homem.

Saímos do estacionamento em poucos passos e de repente nos encontramos numa rua farta e iluminada por letreiros de néon. Dois meninos passaram correndo, apontando bastões de madeira um para o outro e imitando homens atirando com armas de fogo. Um se estatelou entre as pernas de Fidel, quase atingindo-lhe a virilha com a cabeça. O menino parou e recuou.

"Desculpe, senhor", gaguejou em espanhol.

Fidel pousou as mãos sobre os ombros do menino.

"Não foi nada, rapaz", disse. "Mas me diga uma coisa: em quem você e o seu amigo estavam atirando?"

O outro menino se aproximou. Passou o braço de maneira protetora em torno do primeiro.

"E o meu irmão", explicou. "Desculpe."

"Está tudo bem". Fidel falou rindo. "Ele não me fez nada. Só perguntei em quem vocês estavam atirando. Quando eu era da sua idade, brincava disso também."

Os meninos se entreolharam. O mais velho sorriu.

"Ele era o general gringo da Zona do Canal. Ele tentou raptar a nossa mãe e eu estava pondo ele pra fora, para o lugar dele."

Fidel lançou-me um olhar significativo.

"E qual é o lugar dele?"

"A terra dele, os Estados Unidos."

"A sua mãe trabalha aqui?"

"Trabalha ali." Os meninos apontaram com orgulho para um letreiro de néon rua abaixo. "Ela trabalha no balcão."

"Então continuem a brincar." Fidel deu uma moeda para cada um. "Mas tomem cuidado, hein? Fiquem na parte iluminada da rua."

"Sim, senhor. Obrigado." Os meninos saíram correndo.

Enquanto caminhávamos, Fidel explicou que as mulheres panamenhas eram proibidas por lei de serem prostitutas.

"Elas podem atender no balcão do bar e dançar, mas não podem vender o corpo. Isso é reservado às de fora."

Paramos dentro do bar onde reverberava uma música popular americana. Os meus olhos e ouvidos precisaram de um instante para se acostumar. Uma dupla de soldados corpulentos americanos permanecia em pé ao lado da porta; as braçadeiras na manga do uniforme indicavam que eram da Polícia Militar.

Fidel me conduziu ao bar e então vimos o palco. Três jovens mulheres dançavam ali, nuas do pescoço para baixo. Uma usava um boné de marinheiro, a outra uma

boina verde e a terceira um chapéu de caubói. Elas tinham um corpo espetacular e estavam sorrindo. Pareciam estar competindo umas com as outras, como se dançassem numa competição. A música, a maneira como dançavam, o palco — poderia ser uma discoteca em Boston, a não ser pelo fato de que elas estavam nuas.

Abrimos caminho por entre um grupo de rapazes que falavam inglês. Embora eles usassem camiseta e calças *jeans*, o corte de cabelo bem aparado no estilo militar denunciava a sua condição de soldados da base militar da Zona do Canal. Fidel deu um tapinha no ombro de uma garçonete. Ela se voltou, deu um gritinho de prazer e atirou os braços ao redor do pescoço dele. O grupo de rapazes observou a cena com atenção, lançando entre si olhares desaprovadores. Imaginei se eles pensavam que o Destino Manifesto incluía aquela mulher panamenha. A garçonete levou-nos a um canto. De algum lugar, ela conseguiu tirar uma mesinha e duas cadeiras.

Assim que nos acomodamos, Fidel trocou cumprimentos em espanhol com dois homens sentados a uma mesa ao lado da nossa. Ao contrário dos soldados, eles usavam camisa estampada de mangas curtas e calça com vinco. A garçonete voltou com um par de cervejas Balboa, e Fidel deu-lhe um tapinha no traseiro quando ela se voltou para sair. Ela sorriu e atirou-lhe um beijo. Eu relanceei o olhar ao redor e fiquei aliviado ao descobrir que os rapazes do bar não estavam mais nos observando; estavam mais interessados nas dançarinas.

A maioria dos clientes era soldados falando inglês, mas havia outros, como os dois ao nosso lado, que obviamente eram panamenhos. Eles se destacavam porque o cabelo não era cortado rente para inspeção e porque não usavam camiseta e calças *jeans*. Alguns deles estavam sentados nas mesas, outros permaneciam encostados nas paredes. Eles pareciam estar grandemente alertas, como cães pastores guardando grupos de ovelhas.

As mulheres espalhavam-se pelas mesas. Elas se movimentavam constantemente, sentando-se no colo dos homens, gritando para a garçonete, dançando, girando, cantando, fazendo turnos no palco. Elas usavam saia justa, camiseta, jeans, vestido de alcinhas, salto alto. Uma usava um vestido em estilo vitoriano com véu. Outra usava apenas um biquini. Era óbvio que apenas as mais bonitas eram capazes de sobreviver ali. Admirei-me com o número das que iam para o Panamá e imaginei o desespero que as levava a isso.

"São todas de outros países?", gritei a Fidel por cima da música.

Ele inclinou a cabeça, concordando.

"Com exceção..." Ele apontou para as garçonetes. "Elas são panamenhas."

"De que países elas vêm?"

"Honduras, El Salvador, Nicarágua e Guatemala."

"Países vizinhos."

"Não totalmente. A Costa Rica e a Colômbia são os nossos vizinhos mais próximos."

A garçonete que nos levava àquela mesa aproximou-se e sentou-se no colo de Fidel. Ele acariciou-lhe suavemente as costas.

"Clarissa, conte ao meu amigo americano por que elas saem do seu país de origem", pediu ele, acenando com um movimento de cabeça para o palco.

Ali, novas garotas recebiam os chapéus das anteriores que saltaram para baixo e começaram a se vestir. A música mudou para uma salsa, e enquanto dançavam, as recém-chegadas iam tirando as roupas no ritmo.

Clarissa ergueu a mão direita.

"Prazer em conhecê-lo", disse. Então levantou-se e pegou as garrafas vazias. "Respondendo à pergunta de Fidel, essas garotas vêm aqui para escapar da brutalidade. Vou buscar mais duas Balboas."

Depois que ela se foi, voltei-me para Fidel.

"Ora, vamos", disse a ele. "Elas vêm aqui em busca de dólares americanos."

"É verdade. Mas por que tantas dos países governados pelos ditadores fascistas?"

Tornei a olhar para o palco. As três novas dançarinas giravam e atiravam o boné de marinheiro como se fosse uma bola. Olhei para Fidel com o canto do olho.

"Você está brincando, não está?"

"Não estou, não", insistiu ele, sério. "Antes estivesse. A maioria dessas garotas perdeu a família... o pai, os irmãos, o marido, o namorado. Elas cresceram entre a tortura e a morte. A dança e a prostituição não parecem assim tão ruins para elas. Elas podem ganhar bastante dinheiro aqui, depois recomeçam a vida em outro lugar, compram uma lojinha, abrem um café..."

Ele foi interrompido por uma comoção junto ao bar. Vi uma garçonete dar um murro em um dos soldados, que pegou-lhe a mão e começou a torcer-lhe o pulso. Ela deu um grito e caiu de joelhos. Ele riu e gritou para os companheiros. Eles todos riram. Ela tentou atingi-lo com a mão livre. Ele torceu com mais força. O rosto dela se contorceu de dor.

Os policiais militares permaneceram na porta, observando calmamente. Fidel levantou-se de um ímpeto e partiu em direção ao bar. Um dos homens na mesa ao lado da nossa levantou a mão para detê-lo.

"*Tranquilo, hermano*", disse ele. "Fique calmo, irmão. Enrique controla a situação."

Um panamenho alto e forte saiu das sombras do lado do palco. Andando com a desenvoltura de um gato chegou junto ao soldado num instante. Com uma das mãos segurou o pescoço do homem enquanto com a outra banhou-lhe o rosto com um copo de água. A garçonete escapou. Diversos panamenhos que estavam encostados às paredes formaram um semicírculo ao redor do leão-de-chácara. Ele ergueu o soldado de encontro ao bar e disse algo que eu não consegui ouvir. Então elevou a voz e falou devagar CMH inglês, alto o suficiente para quem quer que estivesse no salão ouvisse apesar da música.

"A garçonete passou dos limites com estes rapazes, e vocês não toquem nas outras antes de pagá-las."

Os dois policiais finalmente entraram em ação. Aproximaram-se do grupo de panamenhos.

"Nós cuidamos da situação a partir daqui, Enrique", disseram.

O leão-de-chácara jogou o soldado no chão e deu-lhe no queixo um aperto final, forçando-lhe a cabeça para trás e arrancando um grito de dor.

"Você entendeu bem?" Ouviu-se um grunhido abafado. "Bom." Ele empurrou o soldado para os dois policiais militares. "Levem-no para fora daqui."

Conversas com o General

O convite foi completamente inesperado. Uma manhã durante aquela mesma visita de 1972, eu estava sentado em um escritório emprestado pelo Instituto de Recursos Hidráulicos e Electrificación, a empresa pública panamenha de produção e distribuição de eletricidade. Eu estava concentrado em uma tabela estatística quando um homem bateu de leve no batente da minha porta aberta. Eu o convidei a entrar, satisfeito com alguma desculpa para afastar a minha atenção dos números. Ele se apresentou como o motorista do general e disse que viera para me levar a um dos bangalôs do general.

Uma hora depois, eu estava sentado do outro lado da mesa do general Ornar Torrijos. Ele estava vestido informalmente, num estilo típico panamenho: calça caqui e uma camisa de mangas curtas desabotoada na frente, azul-claro com uma estampa delicada esverdeada. Ele era alto, forte e bonito. Ele parecia incrivelmente relaxado para um homem com as responsabilidades que tinha. Uma mecha de cabelo escuro caía-lhe sobre a testa proeminente.

Ele me perguntou sobre as minhas recentes viagens à Indonésia, Guatemala e Ira. Os três países o fascinavam, mas ele parecia especialmente intrigado com o rei do Ira, xá Mohammad Reza Pahlevi. O xá chegara ao poder em 1941, depois que os britânicos e soviéticos derrubaram o pai dele, a quem acusaram de colaborar com Hitler.²⁷

"Você consegue imaginar", disse Torrijos, "fazer parte de um plano para destronar o seu próprio pai?"

O chefe de Estado do Panamá tinha um grande conhecimento da história daquela terra distante. Conversamos sobre como as posições se inverteram para o xá em 1951, e como o seu próprio primeiro-ministro, Mohammad Mossadegh, forçou-o ao exílio. Torrijos sabia, como a maioria das pessoas no mundo, que fora a CIA que rotulara o primeiro-ministro de comunista e que manobrava para reconduzir o xá ao poder. No entanto, ele não conhecia — ou pelo menos não mencionou — as partes que Claudine me confidenciara, sobre as manobras sorrrateiras de Kermit Roosevelt e do fato de que essas manobras foram o começo de uma era de imperialismo, a chama que acendeu a conflagração do império mundial.

"Depois que o xá foi reempossado", continuou Torrijos, "ele lançou uma série de programas revolucionários visando ao desenvolvimento do setor industrial e levando o Ira à era moderna."

Perguntei-lhe como viera a saber tanto sobre o Irã.

"Eu fiz questão disso", declarou ele. "Não tenho as políticas do xá em tão alta conta: a disposição de derrubar o próprio pai e tornar-se um boneco da CIA, mas parece que fez coisas boas para o seu país. Talvez eu possa aprender alguma coisa com ele. Se ele sobreviver."

"Acha que ele não vai sobreviver?"

"Ele tem inimigos poderosos."

"E alguns dos melhores guarda-costas do mundo."

Torrijos lançou-me um olhar irônico.

"A polícia secreta dele, a SAVAK, tem a reputação de ser de uma seita de assassinos implacáveis. Isso não atrai muitos amigos. Ele não vai durar muito." Fez uma pausa, depois rolou os olhos para o alto. "Guarda-costas? Também tenho alguns." Acenou para a porta. "Você acha que eles salvam a minha vida se o seu país decidir

²⁷ William Shawcross: *The Shah's Last Ride: The Fall of an Ally* (Nova York: Simon and Schuster, 1988); Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2003), p. 45.

se livrar de mim?"

Perguntei se ele pensava nisso realmente como uma possibilidade.

Ele arqueou as sobrancelhas de uma maneira que me fez sentir um idiota por ter feito a pergunta.

"Nós temos o Canal. Isso é muito maior do que Arbenz e United Fruit."

Eu pesquisara sobre a Guatemala e compreendia o que Torrijos queria dizer. A United Fruit Company fora naquele país o equivalente político do canal do Panamá. Fundada no fim da década de 1800, a United Fruit logo se transformou numa das forças mais influentes da América Central. Durante a década de 1950, o candidato reformista Jacob Arbenz foi eleito presidente da Guatemala em uma eleição aclamada em todo o hemisfério como um modelo de processo democrático. Na época, menos de 3 por cento dos guatemaltecos possuíam 70 por cento de todas as terras. Arbenz prometeu ajudar os pobres a sair da miséria, e depois da eleição implementou um abrangente programa de reforma agrária.

"As classes médias e baixas de toda a América Latina aplaudiram Arbenz", disse Torrijos. "Pessoalmente, ele foi um dos meus heróis. Mas nós também ficamos em expectativa. Sabíamos que a United Fruit era contrária a essas medidas, uma vez que era um dos maiores e mais opressores latifundiários da Guatemala. Ela também era dona de grandes plantações na Colômbia, Costa Rica, Cuba, Jamaica, Nicarágua, São Domingos e aqui no Panamá. Ela não podia permitir que Arbenz nos alimentasse a imaginação."

Eu conhecia o resto da história: a United Fruit lançou uma enorme campanha de relações públicas nos Estados Unidos, visando convencer a opinião pública americana e o Congresso de que Arbenz fazia parte de uma conspiração Russa e que a Guatemala era um satélite soviético. Em 1954, a CIA coordenou um golpe. Os pilotos americanos bombardearam a Cidade da Guatemala e o presidente Arbenz, democraticamente eleito, foi derrubado, substituído pelo coronel Carlos Castillo Armas, um ditador implacável de direita.

O novo governo devia tudo à United Fruit. Como forma de agradecimento, o governo reverteu o processo de reforma agrária, aboliu os impostos sobre títulos e dividendos pagos a investidores estrangeiros, aboliu o voto secreto e encarcerou os seus milhares de opositores. Qualquer um que ousasse criticar Castillo era perseguido. Os historiadores acompanharam a violência e o terrorismo que flagelaram a Guatemala por grande parte do restante do século à não tão secreta aliança entre a United Fruit, a CIA e as forças armadas guatemaltecas comandadas pelo coronel ditador.²⁸

"Arbenz foi assassinado", continuou Torrijos. "Foi um assassinato pó lítico e emblemático." Fez uma pausa e franziu as sobrancelhas. "Como pôde o seu povo engolir esse entulho da CIA? Comigo não vai ser assim tão fácil. Os militares daqui estão do meu lado. Um assassinato político não funcionaria." Ele sorriu. "A própria CIA teria de me matar."

Ficamos em silêncio por alguns segundos, cada um imerso nos próprios pensamentos. Torrijos foi o primeiro a falar.

"Você sabe quem é o dono da United Fruit?", indagou ele.

"A Zapata Oil, empresa de George Bush... o nosso embaixador nas Nações Unidas."

"Um homem com ambições." Ele inclinou o corpo para a frente e abaixou o tom de voz. "E agora estou saindo contra os amigos dele da Bechtel."

Aquilo me sobressaltou. A Bechtel era a mais poderosa empresa de engenharia do mundo e uma frequente colaboradora nos projetos da MAIN. No caso do plano geral do Panamá, eu presumira que ela fosse uma das nossas principais concorrentes.

"O que está querendo dizer com isso?"

²⁸ Há muitas obras escritas sobre Arbenz, a United Fruit e a violenta história da Guatemala; veja, por exemplo (o meu professor de ciência política na Boston University), Howard Zinn, *A Peoples History of the United States* (Nova York: Harper & Row, 1980); Diane K. Stanley, *For the Record: The United Fruit Company's Sixty-Six Years in Guatemala* (Cidade da Guatemala: Centro Impresor Piedra Santa, 1994). Para consultas rápidas: "The Banana Republic: The United Fruit Company", <http://www.mayaparadise.com/ufcle.html> ; "CIA Involved in Guatemala Coup, 1954"; <http://www.english.upenn.edu/afilreis/50s/guatemala.html> . Para saber mais sobre a família Bush: "Zapata Petroleum Corp.", *Fortune*, abril de 1958, p. 248.

"Estivemos pensando em construir um novo canal, no nível do mar, sem eclusas, que poderia dar passagem a navios maiores. Os japoneses podem estar interessados em financiar o projeto."

"Eles são os maiores clientes do Canal."

"Exatamente. É claro que se fornecerem o dinheiro, farão a construção."

Aquilo me atingiu.

"A Bechtel vai ficar de fora."

"A maior obra de engenharia da história recente." Fez uma pausa. "O presidente da Bechtel é o George Shultz, secretário do Tesouro de Nixon. Você pode imaginar o golpe que vai ser para ele... e um evidente aborrecimento. A Bechtel tem alimentado os amigos de Nixon, Ford e Bush. Disseram-me que a família Bechtel puxa as cordinhas do Partido Republicano."

Essa conversa me deixou sentindo muito pouco à vontade. Eu era uma das pessoas que perpetuavam o sistema que ele tanto desprezava, e estava certo de que ele sabia disso. Meu trabalho de convencê-lo a aceitar empréstimos internacionais em troca e contratar as empresas americanas de engenharia e construção parecia ter batido numa muralha colossal. Eu decidi bater de frente com ele.

"General", perguntei, "por que me convidou a vir aqui?"

Ele olhou para o relógio e sorriu.

"Sim, está na hora de partirmos para os negócios. O Panamá precisa da sua ajuda. Eu preciso da sua ajuda."

Fiquei atordoado.

"Da minha ajuda? O que posso fazer para ajudar?"

"Nós vamos recuperar o Canal. Mas isso não é suficiente." Ele relaxou na cadeira. "Devemos servir também como um modelo. Precisamos mostrar que nos preocupamos com os pobres e demonstrar, além de qualquer dúvida, que a nossa determinação de conquistar a nossa independência não é determinada pela Rússia, pela China nem por Cuba. Devemos provar para o mundo que o Panamá é um país razoável, que não estamos *contra* os Estados Unidos mas *a favor* dos direitos dos pobres."

Ele cruzou as pernas.

"Para fazer o que precisamos, devemos construir uma base económica que seja como nenhuma outra neste hemisfério. Eletricidade, sim... mas eletricidade que chegue aos mais pobres dos nossos e que seja subsidiada. O mesmo se aplica aos transportes e às comunicações. E especialmente à agricultura. Fazer isso vai requerer dinheiro... o seu dinheiro, do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento."

Uma vez mais, ele se inclinou para a frente. Ele me olhou fixamente.

"Entendo que a sua empresa queira mais trabalho e normalmente consiga isso inflando o tamanho dos projetos... estradas mais largas, usinas elétricas maiores, portos mais profundos. No entanto, dessa vez é diferente. Dêem-me o que for melhor para o meu povo, e eu lhes darei todo o trabalho que quiserem."

O que ele me propunha era totalmente inesperado, e aquilo tanto me chocou quanto me entusiasmou. Certamente desafiava tudo o que eu aprendera na MAIN. Com certeza, ele sabia que o jogo da ajuda externa era uma tapeação — ele tinha de saber. O jogo existia para torná-lo rico e algar o seu país com a dívida. Ele existia de modo que o Panamá ficaria para sempre devedor dos Estados Unidos e da corporatocracia. Ele existia para manter a América Latina no caminho do Destino Manifesto e subserviente para sempre a Washington e a Wall Street. Era certo que ele sabia que o sistema se baseava no pressuposto de que todos os homens no poder eram corruptíveis, e que a decisão dele de não usá-lo para o seu benefício pessoal seria considerada uma ameaça, uma nova forma de domínio que podia iniciar uma reação em cadeia* e acabaria por derrubar o sistema inteiro.

Olhei através da mesa de centro para aquele homem que certamente entendia que por causa do Canal ele desfrutava de um poder muito especial e exclusivo, e que ele o colocava numa posição particularmente precária. Ele tinha de ser cuidadoso. Eleja tinha se estabelecido como um líder entre os líderes dos países

subdesenvolvidos. Se ele, como o seu herói Arbenz, estivesse determinado a tomar uma posição, o mundo estaria observando. Como o sistema reagirá? Mais especificamente, como o governo americano reagiria? A história latino-americana estava juncada de heróis mortos.

Eu também sabia que estava olhando para um homem que desafiava todas as justificativas que eu formulara para as minhas próprias ações. Esse homem certamente tinha a sua parte de falhas pessoais, mas não era um pirata, nenhum Henry Morgan nem Francis Drake — aqueles aventureiros fanfarrões que usavam cartas de corso dos reis da Inglaterra como um pretexto para legitimar a pirataria. O quadro nos cartazes não era um engodo como de costume. "O ideal de Omar é a liberdade; não se inventaram mísseis que possam matar um ideal!" Tom Paine não teria inspirado frases semelhantes?

Contudo, ele me fez pensar. Talvez os ideais não morressem; mas, e quanto aos homens que estavam por trás deles: Che, Arbenz, Allende. E aquilo levantava uma outra dúvida: como eu responderia se Torrijos fosse impelido ao papel de mártir?

No momento em que me despedi dele, nós dois entendíamos que a MAIN teria o contrato para o plano geral, e que eu faria de tudo para conseguir a aprovação de Torrijos.

Entrando num Novo e Sinistro Período da História da Economia

Como economista-chefe, eu não só era responsável por um departamento na MAIN como também pelos estudos que desenvolvíamos ao redor do mundo, mas também se esperava que eu estivesse a par das tendências e teorias económicas do momento. O início da década de 1970 foi uma época de importantes mudanças na economia internacional.

Durante a década de 1960, um grupo de países formou a OPEP, o cartel de países produtores de petróleo, em grande parte como uma reação ao poder das grandes refinarias. O Irã também foi um fator importante. Muito embora o xá devesse a sua posição e possivelmente a vida à intervenção clandestina dos Estados Unidos durante a derrubada de Mossadegh — ou talvez por causa daquele acontecimento — o xá era sensivelmente consciente de que a sua sorte poderia se inverter a qualquer momento. Os chefes de Estado de outros países produtores de petróleo compartilhavam essa certeza e a paranóia que a acompanhava. Eles também sabiam que as maiores Companhias Petrolíferas internacionais, conhecidas como "As Sete Irmãs", tinham um acordo para controlar os preços do petróleo — e assim os tributos que pagavam aos países produtores — como um meio de colher os próprios lucros imprevistos. A OPEP foi organizada no sentido de reverter o processo.

Tudo isso se manifestou no início da década de 1970, quando a OPEP colocou os gigantes industriais de joelhos. Uma série de ações combinadas, que culminaram no embargo do petróleo de 1973 simbolizado por longas filas nas distribuidoras de gás americanas, ameaçou gerar uma catástrofe económica que rivalizava com a Grande Depressão. Foi um choque sistémico no desenvolvimento da economia mundial, e de uma magnitude que poucas pessoas podiam chegar a compreender.

A crise do petróleo não podia ter acontecido em momento pior para os Estados Unidos. Eles eram um país confuso, cheio de medo e incerteza, abalado por uma guerra humilhante no Vietnã e um presidente que estava prestes a renunciar. Os problemas de Nixon não se limitavam ao Sudeste Asiático e a Watergate. Ele entrara em cena num momento em que, em retrospectiva, seria compreendido como o limiar de uma nova época da política e da economia. Naqueles dias, parecia que os "pequenos", incluindo os países da OPEP, estavam conseguindo dar uma virada.

Eu estava fascinado pelo que acontecia no mundo. Eu comia o pão servido pela corporatocracia, e ainda assim um lado secreto de mini adorava ver os mestres serem colocados nos seus lugares. Eu acho que isso mitigava um pouco a minha culpa. Eu via a sombra de Thomas Paine de lado, gostando da OPEP.

Nenhum de nós tinha consciência da dimensão das consequências do embargo no momento em que ele estava acontecendo. Com certeza, todos tínhamos as nossas teorias a respeito, mas não podíamos entender o que desde então ficou claro. Como uma ideia vaga, sabíamos que as taxas do crescimento económico depois da crise do petróleo não passariam da metade das que prevaleciam nas décadas de 1950 e 1960, e que elas haviam sido criadas contra uma pressão inflacionária muito maior. O crescimento que ocorria era estruturalmente diferente e criava praticamente poucos empregos, de modo que o desemprego aumentou. Para culminar a situação, o sistema monetário internacional sofreu um golpe; a rede de conexões de taxas de câmbio fixas, que prevalecera desde o final da Segunda Guerra Mundial, em essência sofreu um colapso.

Naquela época, eu frequentemente me encontrava com amigos para discutir essas questões no horário do almoço ou em meio a cervejas depois do horário de trabalho. Algumas dessas pessoas trabalhavam para mim — o meu pessoal incluía homens e mulheres bem capacitados, na maioria jovens, que em sua maioria eram livre-pensadores, ao menos segundo os padrões convencionais. Outros eram consultores executivos de Boston ou professores de faculdades locais, e um era assistente de um congressista estadual. Eram encontros informais, a que às vezes comparecia só mais alguém além de mim, enquanto outros podiam incluir dezenas de participantes. As sessões eram sempre animadas e barulhentas.

Quando penso nessas conversas, fico embaraçado ao imaginar o sentimento de superioridade que eu sentia. Eu sabia de fatos sobre os quais não podia comentar. Os meus amigos às vezes ostentavam as suas credenciais "libações em Beacon Hill ou em Washington, cargos de professor ou Ph.Ds.", e eu respondia a isso apenas com o meu cargo de economista-chefe de uma importante empresa de consultoria, que viajava de primeira classe por todo o mundo. Ainda assim, não podia comentar sobre os meus encontros particulares com homens como Torrijos, ou as coisas que eu sabia sobre as maneiras como estávamos manipulando países em todos os continentes. Era tanto uma fonte de arrogância pessoal como de frustração.

Quando conversávamos sobre a força dos pequenos, eu tinha de me controlar ao máximo. Eu sabia o que nenhum deles tinha como saber que a corporatocracia, a sua faixa de AEs, e os chacais esperando na retaguarda nunca permitiriam que os pequenos tivessem o controle. Eu só precisava recorrer aos exemplos de Arbenz e Mossadegh — e mais recentemente, à derrubada pela CIA em 1973 do presidente democraticamente eleito do Chile, Salvador Allende. Na verdade, eu entendia que a "gravata" do império mundial estava se fortalecendo, a despeito da OPEP —, ou, como eu suspeitava na época mas não confirmei até mais tarde, com a ajuda da OPEP.

As nossas conversas geralmente versavam sobre as semelhanças entre as décadas de 1970 e 1930. Esses últimos representavam um importante divisor de águas na economia internacional e na maneira como ela era estudada, analisada e percebida. Aquela década abriu a porta para a economia keynesiana e para a ideia de que o governo devia desempenhar um papel importante no controle dos mercados e fornecer serviços como os de saúde, compensação pelo desemprego, e outras formas de bem-estar social. Estávamos nos distanciando de antigos pressupostos de que os mercados eram auto-reguláveis e que a intervenção do estado devia ser mínima.

A Depressão resultou no New Deal e em políticas que promoviam a regulação económica, a manipulação financeira pelo governo, e a aplicação extensiva da política fiscal. Além disso, tanto a Depressão quanto a Segunda Guerra Mundial levaram à criação de organizações como o Banco Mundial, o FMI, e o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT). A década de 1960 foi uma década pivô nesse período e na mudança de uma economia neoclássica no estilo keynesiano. Aconteceu sob as administrações de Kennedy e Johnson, e talvez a maior influência isolada tenha sido a de um homem, Robert McNamara.

McNamara era um constante participante dos nossos grupos de discussão — in absentia, é claro. Todos nós sabíamos da sua subida meteórica aos portais da fama, de gerente de planejamento e análise financeira da Ford Motor Company em 1949 a presidente da Ford em 1960, o primeiro chefe de empresa escolhido fora da família Ford. Logo depois disso, Kennedy indicou-o como secretário da Defesa.

McNamara tornou-se um forte defensor de uma tendência keynesiana no governo, usando modelos matemáticos e métodos estatísticos para determinar os níveis de tropas, alocação de fundos e outras estratégias no Vietnã. Sua defesa da "liderança agressiva" tornou-se uma marca registrada não só entre gerentes do governo como também entre os executivos de empresas. Isso formou a base de uma nova tendência filosófica para ensinar administração nas faculdades de administração de todo o país, e acabou levando a uma nova geração de CEOs de empresa que seriam os pontas de lança na corrida pelo império mundial.²⁹

Sentados à mesa para discutir os acontecimentos mundiais, estávamos especialmente fascinados pelo papel de Robert McNamara como presidente do Banco Mundial, um trabalho que ele aceitou logo depois de deixar o cargo de secretário de Defesa. A maioria dos meus amigos concentrava-se no fato de que ele simbolizava o que era popularmente conhecido como o complexo industrial-militar. Ele tinha conquistado a posição máxima na mais importante corporação, num gabinete do governo, e agora no mais poderoso, o banco do mundo. Uma brecha aparente na separação de poderes horrorizava a maioria deles; eu poderia ter sido o único entre nós que não estava minimamente surpreso.

Agora eu entendia que a maior e mais sinistra contribuição de Robert McNamara para a história era controlar o Banco Mundial para que se tornasse o agente do império mundial numa escala nunca antes testemunhada. Ele também estabelecera um precedente. A sua capacidade de preencher as lacunas entre os componentes primários da corporatocracia seria afinada pelos seus sucessores. Por exemplo, George Shultz foi secretário do Tesouro e *chairman* do Conselho de Política Económica no governo Nixon, serviu como presidente da Bechtel, e então tornou-se secretário de Estado no governo Reagan. Caspar Weinberger era vice-presidente e conselheiro

²⁹ "Robert S. McNamara: 8th Secretary of Defense", <http://www.defenselink.mil> (consultado em 23 de dezembro de 2003).

geral da Bechtel, e então tornara-se secretário da Defesa no governo Reagan. Richard Helms foi diretor da CIA na administração Johnson e depois tornou-se embaixador no Ira no governo Nixon. Richard Cheney serviu como secretário da Defesa sob George H. W. Bush, quando presidente da Halliburton, e como vice-presidente americano de George W. Bush. Até mesmo um presidente dos Estados Unidos, George H. W. Bush, começou como fundador da Zapata Petroleum Corp. serviu como embaixador americano nas Nações Unidas na administração Nixon e Ford e foi diretor da CIA na administração Ford.

Olhando em retrospecto, fico impressionado com a inocência daqueles dias. Em muitos aspectos, estávamos presos aos antigos métodos do imperialismo. Kermit Roosevelt mostrara-nos uma maneira melhor quando derrubara um democrata iraniano e o substituíra por um rei despótico. Nós, os AEs, estávamos nos comprometendo com muitos dos nossos objetivos em lugares como a Indonésia e o Equador, e ainda o Vietnã era um exemplo impressionante de como podíamos deslizar facilmente para os velhos padrões.

Seria preciso que o país líder da OPEP, a Arábia Saudita, mudasse essa situação.

O Caso da Lavagem de Dinheiro da Arábia Saudita

Em 1974, um diplomata da Arábia Saudita mostrou-me fotos de Riad, a capital do país. Incluída nessas fotos estava um rebanho de cabras remexendo entre pilhas de refugos no lado de fora de um prédio do governo. Quando perguntei ao diplomata sobre as cabras, a resposta dele me chocou. Ele me disse que elas constituíam o principal sistema de recolhimento de lixo. "Nenhum saudita que se preze sequer mexeria nesses trastes", disse ele. "Nós os deixamos às feras."

Cabras! Na capital do maior reino do petróleo do mundo. Parecia inacreditável.

Na ocasião, eu pertencia a um grupo de consultores que acabava de começar a tentar encontrar uma solução para a crise do petróleo. Aquelas cabras me levaram a entender como a solução poderia evoluir, especialmente considerando o nível de desenvolvimento do país em relação aos três séculos anteriores.

A história da Arábia Saudita é cheia de violência e fanatismo religioso. No século XVIII, Mohammed ibn Saud, um chefe guerreiro local, aliou-se aos fundamentalistas da seita ultraconservadora Wahhabi. Era uma união poderosa, e durante os duzentos anos seguintes a família Saud e os seus aliados Wahhabi conquistaram a maior parte da península Arábica, incluindo os lugares mais sagrados do islamismo, Meca e Medina.

A sociedade saudita refletia o idealismo puritano dos seus fundadores e uma interpretação estrita das crenças do Corão. A observância religiosa assegurava a aderência ao mandato de orar cinco vezes ao dia. As mulheres deviam cobrir-se da cabeça aos pés. A punição para os criminosos era severa; as execuções públicas e os apedrejamentos eram comuns. Durante a minha primeira viagem a Riad, fiquei impressionado quando o meu motorista me contou que eu poderia deixar a minha máquina fotográfica, a minha maleta e até mesmo a minha carteira bem à vista dentro do carro, estacionado próximo ao mercado, sem precisar trancá-lo.

"Ninguém", disse ele, "se atreve a roubar aqui. Os ladrões têm as mãos cortadas."

Mais tarde nesse dia, ele me perguntou se eu gostaria de visitar o assim chamado Chop Chop Square e assistir a uma decapitação. A adoção pelo wahhabismo do que consideraríamos um extremo puritanismo fazia com que houvesse segurança nas ruas quanto a ladrões — e exigiam a mais dura prova de punição física para aqueles que violavam as leis. Declinei do convite.

O ponto de vista saudita da religião como um elemento importante da política e da economia contribuía para o embargo do petróleo que abalava o mundo ocidental. Em 6 de outubro de 1973 (dia do Yom Kippur, o mais sagrado dos feriados judaicos), o Egito e a Síria lançaram ataques simultâneos contra Israel. Foi o começo da Guerra de Outubro — a quarta e mais destrutiva das guerras árabe-israelenses, e aquele que teria as maiores consequências sobre o mundo. O presidente do Egito, Anwar Sadat, pressionou o rei Faisal, da Arábia Saudita, a retaliar contra a cumplicidade americana com Israel empregando o que Sadat chamou de "arma do petróleo". Em 16 de outubro, o Ira e os quatro Estados do Golfo Árabe, incluindo a Arábia Saudita, anunciaram um aumento de 70 por cento nos preços do petróleo.

Reunidos na cidade de Kuwait, os ministros árabes do petróleo consideraram as opções. Os representantes iraquianos eram veementemente favoráveis a ter os Estados Unidos como alvo. Ele convocou os outros delegados para nacionalizar as empresas americanas no mundo árabe, para impor um total embargo de petróleo sobre os Estados Unidos e sobre todos os outros países favoráveis a Israel, e para retirar os fundos árabes de todos os bancos americanos. Ele observou que as contas bancárias árabes eram substanciais e que essa ação poderia resultar em um pânico não muito diferente de 1929.

Outros ministros árabes relutaram em concordar com um plano tão radical, mas em 17 de outubro eles decidiram prosseguir com um embargo mais limitado, que começaria com um corte de 5 por cento na produção e depois impor um adicional 5 por cento de redução a cada mês até que os seus objetivos políticos fossem alcançados. Eles concordaram que os Estados Unidos deveriam ser punidos por sua posição favorável a Israel e deviam,

portanto, receber o mais severo embargo jamais sustentado contra o país. Diversos países que participaram da reunião anunciaram que implementariam cortes de 10 por cento, em vez de 5 por cento.

Em 19 de outubro, o presidente Nixon fez um pedido ao Congresso da ordem de 2,2 bilhões de dólares de auxílio a Israel. No dia seguinte, a Arábia Saudita e outros produtores árabes impuseram um embargo total sobre os carregamentos de petróleo para os Estados Unidos.³⁰

O embargo do petróleo terminou em 18 de março de 1974. A sua duração foi curta, as suas consequências foram enormes. O preço de venda do petróleo saudita saltou de 1,39 dólar por barril em 1º de janeiro de 1970 para 8,32 dólares em 1º de janeiro de 1974.³¹ Os políticos e as administrações futuras jamais se esquecerão das lições aprendidas durante o início e meados de 1970. A longo prazo, o trauma daqueles meses serviu para fortalecer a corporatocracia; os seus três pilares — grandes corporações, bancos internacionais e o governo — uniram-se como nunca antes. Essa união seria duradoura.

O embargo também resultou em mudanças significativas de atitude e de políticas. Ele convenceu a Wall Street e Washington de que um embargo dessa natureza nunca mais seria tolerado. Proteger o fornecimento de petróleo americano sempre fora uma prioridade; depois de 1973, passou a ser uma obsessão. O embargo elevou a posição da Arábia Saudita como um parceiro importante na política mundial e forçou Washington a reconhecer a importância estratégica do reinado para a sua própria economia. Além disso, encorajou os líderes da corporatocracia americana a buscar desesperadamente métodos para canalizar os petrodólares de volta aos Estados Unidos, e a considerar o fato de que o governo saudita carecia de estruturas administrativa e institucional para administrar adequadamente a sua riqueza surgida da noite para o dia.

Para a Arábia Saudita, os ganhos adicionais com o petróleo resultantes dos aumentos de preços foram considerados como uma bênção mista. Ao mesmo tempo que enchiam os cofres públicos com bilhões de dólares, também serviam para minar algumas das estritas crenças religiosas dos wahhabis. Os ricos sauditas viajaram por todo o mundo. Eles frequentaram faculdades e universidades da Europa e dos Estados Unidos. Compraram carros luxuosos e mobiliaram as suas casas com artigos no estilo ocidental. As conservadoras crenças religiosas foram substituídas por uma nova forma de materialismo — e foi esse materialismo que apresentou a solução para os temores das futuras crises do petróleo.

Quase imediatamente depois que o embargo terminou, Washington começou a negociar com os sauditas, oferecendo-lhes apoio técnico, equipamentos e treinamento militar e uma oportunidade de levar o seu país para o século XX, em troca de petrodólares e, mais importante ainda, garantias de que nunca mais haveria outro embargo do petróleo. As negociações resultaram na criação de uma organização ainda mais extraordinária, a Comissão Económica Conjunta Estados Unidos-Arábia Saudita. Conhecida como JECOR, ela incorporava um conceito inovador que era o oposto dos programas de ajuda externa: baseava-se no dinheiro saudita para contratar empresas americanas para construir a Arábia Saudita.

Embora a responsabilidade global pela administração e fiscalização fosse delegada ao Departamento do Tesouro americano, essa comissão era independente ao extremo. Em última análise, gastaria bilhões de dólares ao longo de um período de mais de 25 anos, virtualmente sem nenhuma supervisão dos congressistas. Uma vez que não estava envolvido nenhum financiamento americano, o Congresso americano não tinha autoridade sobre o assunto, a despeito do papel do Tesouro. Depois de estudar a JECOR extensivamente, David Holden e Richard Johns concluíram: "Era o acordo mais abrangente desse tipo que jamais foi feito pelos Estados Unidos com um país em desenvolvimento. Tinha o potencial de entrincheirar os Estados Unidos profundamente no reino, fortalecendo o conceito de interdependência mútua".³²

O Departamento do Tesouro convidou a MAIN logo nas etapas iniciais como consultora. Eu fui convocado e informado de que o meu trabalho seria decisivo, e

³⁰ Para mais informações sobre os acontecimentos a partir do embargo de 1973 e as suas consequências, veja: Thomas W. Lippman, *Inside the Mirage: Americas Fragile Partnership with Saudi Arabia* (Boulder CO: Westview Press, 2004), pp. 155-59; Daniel Yergin, *The Prize: The Epic Question Oil, Money & Power* (Nova York: Free Press, 1993); Stephen Schneider, *The Oil Price Revolution* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985); Ian Seymour, *OPEC: Instrument of Change* (Londres: McMillan, 1980).

³¹ Thomas W. Lippman, *Inside the Mirage: Americas Fragile Partnership with Saudi Arabia* (Boulder CO: Westview Press, 2004), p. 160.

³² David Holden e Richard Johns, *The House of Saud, The Rise and Rule of the Most Powerful Dynasty in the Arab World* (Nova York: Holt Rinehart and Winston, 1981), p 359.

que tudo que eu fizesse e descobrisse devia ser considerado como altamente confidencial. Do meu ponto de vista privilegiado, parecia que aquela seria uma operação clandestina. Na época, fui levado a acreditar que a MAIN era a principal consultoria no processo; portanto eu compreendi que fazíamos parte dos diversos consultores cuja experiência era considerada.

Uma vez que tudo era feito no maior segredo, eu não era poupado das discussões no Tesouro com outros consultores, e portanto não podia ter certeza sobre a importância do meu papel nesse acordo sem precedentes. Eu sabia que os arranjos estabeleciam novos padrões para os AEs e que eles lançavam alternativas inovadoras para as abordagens tradicionais para promover os interesses do império. Eu também sabia que a maioria das projeções que evoluíram dos meus estudos era implementada no fim, que a MAIN era recompensada com um dos primeiros maiores — e extremamente lucrativos

Capítulo 15. O Caso da Eavagem de Dinheiro da Arábia Saudita

- 1.
- 2.
- 3.
4. Thomas W. Lippman, *Inside the Mirage: Americas Fragile Partnership with Saudi Arabia* (Boulder CO: Westview Press, 2004), p. 167.

NOTAS

Capítulo 16. Corrompendo e Financiando Osama bin Laden

1. Robert Baer, *Sleeping with the Devil: How Washington Sold Our Soul for Saudi Oil* (Nov York: Crown Publishers, 2003), p. 26.
2. Thomas W. Lippman, *Inside the Mirage: Americas Fragile Partnership with Saudi Arabia* (Boulder CO: Westview Press, 2004), p. 162.
3. Thomas W. Lippman, *Inside the Mirage: Americas Fragile Partnership with Saudi Arabia* (Boulder CO: Westview Press, 2004), p. 2.
4. Henry Wasswa, "Idi Amin, Murderous Ugandan Dictator, Dies", Associated Press, 17 de agosto de 2003.
5. "The Saudi Connection", *U.S. News & World Report*, 15 de dezembro de 2003, p. 21.
6. "The Saudi Connection", *U.S. News & World Report*, 15 de dezembro de 2003, pp. 120, 26.
7. Craig Unger, "Saving the Saudis", *Vanity Fair*, outubro de 2003. Para saber mais sobre o envolvimento da família Bush, da Bechtel etc., veja: "Zapata Petroleum Corp."; *boitunt*, 1º de abril de 1958, p. 248; Darwin Payne, *Initiative in Energy: Dresser Industries, Inc. 1880-1979* (Nova York: Simon and Schuster, 1979); Nathan Vardi, "Desert Storm: Bechtel Group U Leading the Charge" e "Contacts for Contracts", ambos da *Forbes*, 23 de junho de 2000, pp. 63-66; Graydon Carter, "Editor's Letter: Fly the Friendly Skies..." *Vanity Fair*, outubro de 2003; Richard A. Oppel com Diana B. Henriques, "A Nation at War: The Coulter actor. Company has ties in Washington, and to Iraq"; *New York Times*, 18 de abril de 1991.

Capítulo 17. As Negociações sobre o Canal do Panamá e Graham Greene

1. Veja por exemplo: John M. Perkins, "Colonialism in Panamá Has No Place in 1975", *Boston Evening Globe*, página de editoriais, 19 de setembro de 1975; John M. Perkins, "U.S.-Brazil Pact Upsets Ecuador", *The Boston Globe*, página de editoriais, 10 de maio de 1976.
2. Sobre exemplos de artigos de John Perkins publicados em revistas técnicas, veja: John M. Perkins *et al*, "A Markov Process Applied to Forecasting, Part I - Economic Development" e "A Markov Process Applied to Forecasting, Part II - The Demand for Electricity", The Institute of Electrical and Electronics Engineers, Conference Papers C 73 475-1 (julho de 1973) e C 74 146-7 (janeiro de 1974), respectivamente; John M. Perkins e Nathuram R. Prasad, "A Model for Describing Direct and Indirect Interrelationships Between the Economy and the Environment", *Consulting Engineer*, abril de 1973; Edwin Vennard. John M. Perkins e Robert C. Linder, "Electric Demand from Interconnected Systems". *TAPPI Journal* (Technical Association of the Pulp and Paper Industry), 28ª edição da publicação, 1974; John M. Perkins *et al*, "Iranian Steel: Implications for the Economy and the Demand for Electricity" e "Markov Method Applied to Planning", apresentado na Fourth Iranian Conference on Engineering, Pahlavi University, Shiraz, Irã, 12-16 de maio de 1974; e *Economic Theories and Applications: A Collection of Technical Papers* com um Prefácio de John M. Perkins (Boston: Charles T. Main, Inc., 1975).
3. John M. Perkins, "Colonialism in Panamá Has No Place in 1975", *Boston Evening Globe*, página de editoriais, 19 de setembro de 1975.

4. Graham Greene, *Getting to Know the General* (Nova York: Pocket Books, 1984), pp. 89-90.
5. Graham Greene, *Getting to Know the General* (Nova York: Pocket Books, 1984).

Capítulo 18. O Rei dos Reis do Ira

1. William Shawcross, *The Shah's Last Ride: The Fate of an Ally* (Nova York: Simon and Schuster, 1988). Para saber mais sobre a ascensão do xá ao poder, veja H. D. S. Greenway, "The Iran Conspiracy", *Nova York Review of Books*, 23 de setembro de 2003; Stephen Kinzer, *AU the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2003).
2. Para saber mais sobre Yamin, sobre o projeto Deserto Florescente e sobre o Ira, veja John Perkins, *Shapeshifting* (Rochester, VT: Destiny Books, 1997).

Capítulo 20. A Queda de um Rei

1. Para saber mais sobre a ascensão do xá ao poder, veja H. D. S. Greenway, "The Iran Conspiracy", *Nova York Review of Books*, 23 de setembro de 2003; Stephen Kinzer, *Ali the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc., 2003).
2. Veja os artigos de capa da revista *Time* sobre o aiatolá Ruhollah Khomeini, 12 de fevereiro de 1979, 7 de janeiro de 1980 e 17 de agosto de 1987.

Capítulo 21. Colômbia: Pedra Angular da América Latina

1. Gerard Colby e Charlotte Dennet, *Thy Will Be Done, The Conquest of the Amazon: Nelson Rockefeller and Evangelism in the Age of Oil* (Nova York: HarperCollins, 1995), p. 381.

Capítulo 24. O Presidente do Equador contra as Grandes Companhias Petrolíferas

1. Sobre amplos detalhes sobre o SIL, a sua história, atividade e associação com as companhias petrolíferas e os Rockefellers, veja Gerard Colby e Charlotte Dennet, *Thy Will Be Done, The Conquest of the Amazon: Nelson Rockefeller and Evangelism in the Age of Oil* (Nova York: Harper Collins, 1995); Joe Kane, *Savages* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1995) (para informações sobre Rachel Saint, pp. 85, 156, 227).
2. John D. Martz, *Politics and Petroleum in Ecuador* (New Brunswick e Oxford: Transaction Books, 1987), p. 272.
3. José Carvajal Candall, "Objetivos y Políticas de CEPE" (Quito, Equador: Primer Seminário, 1979), p. 88.

Capítulo 26. Morte de Presidente no Equador

1. John D. Martz, *Politics and Petroleum in Ecuador* (New Brunswick e Oxford: Transaction Books, 1987), p. 272.
2. Gerard Colby e Charlotte Dennet: *Thy Will Be Done, The Conquest of the Amazon: Nelson Rockefeller and Evangelism in the Age of Oil* (Nova York, HarperCollins, 1995), p. 81 3.
3. John D. Martz, *Politics and Petroleum in Ecuador* (New Brunswick e Oxford: Transaction Books, 1987), p. 303.
4. John D. Martz, *Politics and Petroleum in Ecuador* (New Brunswick e Oxford: Transaction Books, 1987), pp. 381, 400.

Capítulo 27. Panamá: Outra Morte Presidencial

1. Graham Greene, *Getting to Know the General* (Nova York: Pocket Books, 1984), p. 11.
2. George Shultz foi secretário do Tesouro e *chairman* do Conselho de Política Econômica sob Nixon-Ford, 1972-1974, presidente do Bechtel Group, 1974-1982, secretário de Is-lado sob Reagan-Bush, 1982-1989; Gaspar Weinberger foi diretor do Departamento de Administração e Orçamento e secretário da Saúde, Educação e Bem-estar sob Nixon-Ford, 1973-75, vice-presidente e conselheiro-geral do Bechtel Group, 1975-80, secretário de Defesa sob Reagan-Bush, 1980-87.
3. Durante o caso Watergate em 1973, no testemunho que prestou perante o Senado americano, John Dean foi o primeiro a revelar as intrigas americanas para assassinar Torrijos em 1975, nas investigações do Senado sobre a CIA, comandadas pelo senador rra Church, foram prestados mais testemunhos sobre planos para matar tanto Torrijos quanto Noriega. Veja, por exemplo, Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 107.

Capítulo 28. A Minha Empresa de Energia, a Enron e George W. Bush

1. Para mais informações sobre a IPS, a sua subsidiária totalmente própria Archbald Power Corporation e o CEO John Perkins, veja Jack M. Daly e Thomas J. Duffy, "Burning Coal's; Waste at Archbald", *Civil Engineering*, julho de 1988; Vince Coveleskie, "Co-Generation ' Plant Attributes Cited", *The Scranton Times*, 17 de outubro de 1987; Robert Curran, "Archbald Facility Dedicated", *Scranton Tribune*, 17 de outubro de 1987; "Archibald Plant Will Turn Coal Waste into Power", *Citizen's Voice*, Wilkes-Barre, PA, 6 de junho de 1988; "Liabilities to Asseis: Culm to Light, Food", editorial, *Citizen's Voice*,

Wilkes-Barre, PA, 7 de junho de 1988.

- Joe Conason, "The George W. Bush Success Story", *Harpers Magazine*, fevereiro de 2000; Craig Unger, "Saving the Saudis", *Vanity Fair*, outubro de 2003, p. 165.
- Craig Unger, "Saving the Saudis", *Vanity Fair*, outubro de 2003, p. 178.
- Veja George Lardner Jr. e Lois Romano, "The Turning Point After Corning Up Dry", *Washington Post*, 30 de julho de 1999; Joe Conason, "The George W. Bush Success Story", *Harpers Magazine*, fevereiro de 2000; e Sam Parry, "The Bush Family Oiligarchy — Part Two: The Third Generation", <http://www.nevnetizen.com/presidential/bushoiligarchy.htm> (consultado em 19 de abril de 2002).
- Esta teoria ganhou um novo significado e parecia pronta para atrair a atenção de uma investigação pública quando, anos depois, ficou claro que a empresa de contabilidade alia mente respeitada de Arthur Andersen havia conspirado com os executivos da Enron para enganar os consumidores de energia, os funcionários da Enron e o público americano em bilhões de dólares. A iminente guerra contra o Iraque em 2003 desviou as atenções. Durante a guerra, Bahrain desempenhou um papel decisivo na estratégia do presidente George W. Bush.

Capítulo 29. Eu Aceito um Suborno

- Jim Garrison, *American Empire: Global Leader or Rogue Power?* (San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, Inc., 2004), p. 38.

Capítulo 30. Os Estados Unidos Invadem o Panamá

- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 56.
- David Harris, *Shooting the Moon: The True Story of an American Manhunt Unlike Any Other, Ever* (Boston: Little, Brown and Company, 2001), pp. 31-34.
- David Harris, *Shooting the Moon: The True Story of an American Manhunt Unlike Any Other, Ever* (Boston: Little, Brown and Company, 2001), p. 43.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 212; Veja também Craig Unger, "Saving the Saudis", *Vanity Fair*, outubro de 2003, p. 165.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 114.
- Veja www.famoustexans.com/georgebush.htm, p.2.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), pp. 56-57.
- David Harris, *Shooting the Moon: The True Story of an American Manhunt Unlike Any Other, Ever* (Boston: Little, Brown and Company, 2001), p. 6.
- www.famoustexans.com/georgebush.htm, p. 3.
- David Harris, *Shooting the Moon: The True Story of an American Manhunt Unlike Any Other, Ever* (Boston: Little, Brown and Company, 2001), p. 4.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 248.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. 211.
- Manuel Noriega com Peter Eisner, *The Memoirs of Manuel Noriega, America's Prisoner* (Nova York: Random House, 1997), p. xxi.

Capítulo 31. O Fracasso dos AEs no Iraque

- Morris Barrett, "The Web's Wild World", *Time*, 26 de abril de 1999, p. 62.

Capítulo 32. O 11 de Setembro e as Suas Consequências para Mim, Pessoalmente

- Para saber mais sobre os huananais, veja Joe Kane, *Savages* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1995).

Capítulo 33. Venezuela: Salva por Saddam

- "Venezuela on the Brink", editorial, *New York Times*, 18 de dezembro de 2002.
- The Revolution Will Not Be Televised*, dirigido por Kim Bartley e Donnacha O'Briain (associados ao Irish Film Board, 2003). Veja www.chavezthefilm.com.
- "Venezuelan President Forced to Resign", Associated Press, 12 de abril de 2002.
- Simon Romero, "Tenuous Truce in Venezuela for the State and its Oil Company", *New York Times*, 24 de abril de 2002.
- Bob Edwards, "What Went Wrong with the Oil Dream in Venezuela", National Public Radio, *Morning Edition*, 8 de julho de 2003.
- Ginger Thompson, "Venezuela Strikers Keep Pressure on Chávez and Oil Exports", *New York Times*, 30 de dezembro de 2002.
- Para saber mais sobre os chacais e outros tipos de matadores, veja: P W. Singer, *Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry* (Ithaca, NY, e Londres: Cornell University Press, 2003); James R. Davis, *Fortune's Warriors: Private Armies and the New World Order* (Vancouver e Toronto: Douglas & McIntyre, 2000); Felix I. Rodriguez e John Weisman, *Shadow Warrior: The CIA Hero of 100 Unknown Battles* (Nova York: Simon and Schuster, 1989).
- Tim Weiner, "A Coup by Any Other Name", *New York Times*, 14 de abril de 2002.

9. "Venezuela Leader Urges 20 Years for Strike Chiefs", *Associated Press*, 22 de fevereiro 2003. 10. Paul Richter, "U.S. Had Talks on Chávez Ouster", *Los Angeles Times*, 17 de abril de 2001.

Capítulo 34. Equador Revisitado

1. Chris Jochnick, "Perilous Prosperity", *New Internationalist*, junho de 2001 <http://www.newint.org/issue335/perilous.htm>.
2. Nações Unidas. *Human Development Report* (Nova York: Nações Unidas, 1999).
3. Para obter mais informações sobre o caso dos reféns, veja Alan Zibel, "Natives Vcjak* dress for Pollution", *Oakland Tribune*, 10 de dezembro de 2002; artigos do Hoy (jornal diário de Quito, Equador) de 10-28 de dezembro de 2003; "Achuar Free Eight Oil fr tages", *El Comercio* (jornal diário de Quito), 16 de dezembro de 2002 (também iri mitido pela Reuters); "Ecuador: Oil Firm Stops Work because Staff Seized, Demanda vernment Action" e "Sarayacu — Indigenous Groups to Discuss Release of Kidnap Oil Men", *El Universo* (jornal diário de Guayaquil, Equador), <http://www.eiuniVso.com>, 24 de dezembro 2002; e Juan Forero, "Seeking Balance: Growth vs. Culture in the Amazon", *New York Times*, 10 de dezembro de 2003. Informações atualizadas só os povos amazônicos do Equador podem ser encontradas na página da Pachamam liance: <http://www.pachamama.org>.

Capítulo 35. Rompendo o Verniz

1. Estatísticas da dívida nacional do Bureau of the Public Debt, publicadas em www.public-debt.treas.gov/opd/opdpenny.htm; estatísticas da renda nacional do Banco Mundial em www.worldbank.org/data/databytopic/GNIPC.pdf.
2. Elizabeth Becker e Richard A. Oppel, "A Nation at War: Reconstruction. U.S. Gives Hcd tel a Major Contract in Rebuilding Iraq", *New York Times*, 18 de abril de 2003, <http://www.nytimes.com/2003/04/18/international/worldspecial/18REBU.html>.
3. Richard A. Oppel com Diana B. Henriques, "A Nation at War: The Contractor. Company Has Ties in Washington, and to Iraq", *New York Times*, 18 de abril de 2003, <http://www.nytimes.com/2003/04/18/international/worldspecial/18CONT.html>.
4. <http://money.cnn.com/2003/04/17/news/companies/war-bechteVindex.htm>.

Epílogo

1. Energy Information Administration, publicado no *USA Today*, 1º de março de 2004, p.

SOBRE O AUTOR

John Perkins viveu quatro vidas: como um assassino económico (AE); como CEO de uma bem-sucedida empresa de energia alternativa, que foi recompensado por não revelar o seu passado como AE; como um especialista em culturas indígenas e xamanismo, como professor e escritor que usou os seus conhecimentos para promover a ecologia e a sustentabilidade enquanto continuava a honrar o voto de silêncio sobre a sua vida como AE; e como um escritor que, ao contar a história verídica da sua vida sobre os seus extraordinários negócios como AE, revelou o mundo das intrigas internacionais e corrupção que está convertendo a república americana num império mundial desprezado por um número cada vez maior de pessoas em todo o planeta.

Como AE, o trabalho de John foi convencer os países do Terceiro Mundo a aceitar enormes empréstimos para o desenvolvimento de infra-estrutura — empréstimos que eram muito maiores do que o necessário — e garantir que os projetos de desenvolvimento fossem contratados junto a corporações americanas como a Halliburton e a Bechtel. Depois que esses países estavam atrelados a dívidas gigantescas, o governo americano e as suas agências de ajuda externa aliadas a ele podiam então controlar essas economias e assegurar que o petróleo e outros recursos fossem canalizados para servir aos interesses de construção do império mundial.

Na atribuição de AE, John viajou por todo o mundo e foi até mesmo um participante direto ou uma testemunha de alguns dos acontecimentos mais dramáticos da história moderna, incluindo o Caso da Lavagem de Dinheiro da Arábia Saudita, a queda do xá do Ira, a morte do presidente do Panamá, Ornar Torrijos, a subsequente invasão do Panamá e os acontecimentos que levaram à invasão do Iraque em 2003.

Em 1980, Perkins fundou a Independent Power Systems, Inc. (IPS), uma empresa de energia alternativa. Sob a sua liderança como CEO, a IPS tornou-se uma empresa extremamente bem-sucedida num mercado de alto risco em que a maioria dos seus concorrentes faliu. Muitas "coincidências" e favores de pessoas em posição de poder ajudaram a fazer da IPS uma líder do setor. John também trabalhou como consultor altamente remunerado em algumas das corporações cujos bolsos ele anteriormente havia ajudado a encher — assumindo esse papel em parte por causa de uma série de ameaças não tão veladas e pagamentos lucrativos.

Depois de vender a IPS em 1990, John tornou-se um defensor dos direitos indígenas e de movimentos ambientais, trabalhando especialmente em afinidade com tribos amazônicas para ajudá-las a preservar as suas florestas. Ele escreveu cinco livros, publicados em muitos idiomas, sobre culturas indígenas, xamanismo, ecologia e sustentabilidade; deu aulas em universidades e centros de aprendizagem de quatro continentes; e fundou e trabalhou na diretoria de diversas organizações sem fins lucrativos de vanguarda.

Uma das organizações sem fins lucrativos que ele fundou e dirigiu, a Dream Change Coalition (depois simplesmente Dream Change, ou DC), tornou-se um modelo na inspiração de pessoas a alcançar as suas próprias metas e, ao mesmo tempo, ser mais conscientes das consequências que a vida de cada um tem sobre os outros e sobre o planeta. A DC busca fortalecer as pessoas a desenvolver comunidades mais equilibradas e sustentáveis. O programa da DC intitulado Pollution Offset Lease for Earth (POLE) visa contrabalançar a poluição atmosférica que criamos, ajudar os povos indígenas a preservar as suas florestas e a promover a consciência da importância da terra. A DC desenvolveu um programa de atuação de âmbito mundial e tem inspirado as pessoas de muitos países a criar organizações com missões semelhantes.

Durante a década de 1990 e continuando no novo milénio, John manteve o seu voto de silêncio sobre a sua vida como AE e continuou a receber lucrativos pagamentos de grandes empresas. Ele aliviava a culpa aplicando no trabalho sem fins lucrativos grande parte do dinheiro que ganhava como consultor. O canal de televisão Arts & Entertainment fez um programa especial com ele intitulado "Headhunters of the Amazon", narrado por Eonnrdr Nimoy. A revista *Italian Cosmopolitan* publicou um longo artigo sobre os seminários "Shapeshifting" que ele conduziu na Europa. A revista Time escolheu a Dream Change como uma das treze organizações do mundo cujas páginas na Internet refletiam melhor as metas e os ideais do Dia da Terra.

Então aconteceu o 11 de Setembro de 2001. Os acontecimentos terríveis daquele dia convenceram John a arrancar o véu de segredo ao redor da vida que levou com AE, ignorar as ameaças e os subornos e a escrever *Confissões de um Assassino Económico*. Ele acabou se convencendo da própria responsabilidade de

compartilhar com as pessoas o seu conhecimento privilegiado sobre o papel que o governo americano, as organizações de "ajuda" multinacionais e as corporações haviam desempenhado em levar o mundo a um ponto onde um evento daquelas proporções poderia acontecer. Ele queria revelar o fato de que os AEs estão mais presentes em toda parte hoje em dia do que nunca. Ele sentiu que devia isso ao seu país, à filha, a todas as pessoas ao redor do mundo que sofrem por causa do trabalho que ele e os seus colegas fizeram, e a si mesmo. Neste livro, ele descreve o caminho perigoso que o seu país está trilhando no momento em que se afasta dos ideais originais da república americana e em direção a conquistar o império mundial.

Os livros anteriores de John Perkins são *Shapeshifting*, *The World Is As You Dream It*, *Psychonavigation*, *The Stress-Free Habit* e *Spirit of the Shuar*.

Para saber mais sobre John, para descobrir onde ele vai proferir alguma palestra, para encomendar os seus livros ou para entrar em contato com ele, basta consultar o seguinte endereço na Internet:

www.JohnPerkins.org.

Para descobrir mais sobre o trabalho da Dream Change, a organização 501 (c)3 sem fins lucrativos que está transformando a consciência mundial, basta visitar a página da Internet:



www.dreamchange.org

"...uma fascinante exposição, de alguém dentro do sistema, de como uma empresa privada nacional legalmente rouba dos pobres do Terceiro Mundo, país após país."

- Josh Mailman, co-fundador, The Threshold Social Venture Network, and Business for Social Responsibility

"Com uma honestidade inabalável, **Perkins** seu despertar moral e a sua luta para se libertar do sistema corrupto de dominação global que ele próprio ajudou a criar. Este livro... saiu do coração recomendando veementemente."

- Michael Brownstein, autor dt l

"Uma história emocionante... o relato ver homem profundamente dedicado e corajoso.

- Dr. Stephan Rechtschaffen, CEO, l

John Perkins atualmente escreve livros e ministra cursos sobre como alcançar a paz e a prosperidade por meio da ampliação da consciência pessoal e da mudança das instituições. Fundou uma empresa de energia alternativa que transformou radicalmente esse setor nos Estados Unidos. De 1971 a 1981, trabalhou para a empresa de consultoria internacional Chás. T. Main, onde ostentava títulos como Economista-chefe e Gerente de Economia e Planejamento Regional mas, na realidade, era um Assassino económico. Ele continuou mantendo ocultas suas atividades

como AE até que os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 convenceram-no a expor esse lado sombrio e secreto do seu passado.

Peça catálogo gratuito ;i

EDITORA CULTRIX

Rua Dr. Mário Vicente, 368 - Ipiranga

04270-000 – São Paulo, SP

tel: (11) 6166 9000 fax (11) 6166- 9008